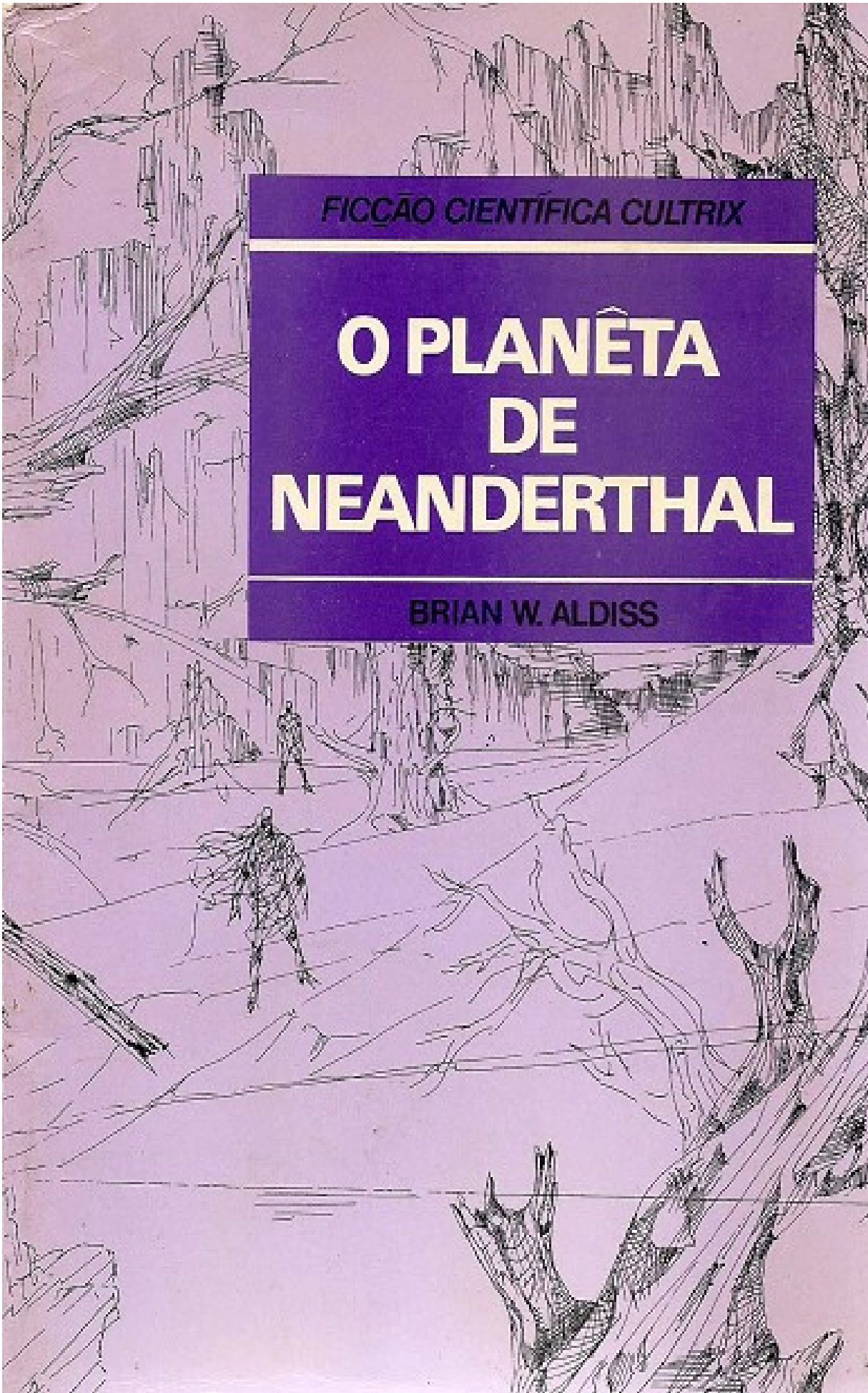


The background of the book cover is a detailed line drawing of a prehistoric landscape. It features jagged, rocky mountains in the distance, a wide river or valley in the middle ground, and several Neanderthals. One Neanderthal is in the foreground, walking away from the viewer. Another is further back, near a large, gnarled tree. The drawing is done in a sketchy, etched style. A purple rectangular box is superimposed over the upper half of the cover, containing the title and author's name in white and yellow text.

FICÇÃO CIENTÍFICA CULTRIX

O PLANETA DE NEANDERTHAL

BRIAN W. ALDISS



BRIAN W. ALDISS

O PLANETA DE NEANDERTHAL

Tradução de
OLIVIA KRÄHENBÜHL

Capa de
AGENOR CONCEIÇÃO DA SILVA

EDITORA CULTRIX

Em *O PLANETA DE NEANDERTHAL*, o autor mostra o dilema do escritor capturado pelos primitivos habitantes de um planeta sobre o qual está escrevendo uma história de SF; nos desvarios de um psiquiatra que se julga o Imperador Franz Joseph e cujo cliente acredita ser Freud; na misteriosa tranquilidade de um homenzinho de óculos que mercadejava coisas intangíveis; e em outros momentos igualmente empolgantes deste livro - encontrará o leitor brasileiro ficção científica do mais alto nível, repleta de finura, inventividade, ironia e interesse humano.

*Título original: **Intangibles Inc. and Other Stories***
*Copyright © 1968 by **Brian W. Aldiss**.*

O PLANETA DE NEANDERTHAL

Máquinas ocultas variavam os cinco axiomas do Posto Esquadrinhador. Estes se processavam através de séries de sistemas arbitrários, compostos de aparelhos finitos *Kolmogorovianos*, harmoniosamente contraponteados, um a um, por uma tarefa de números reais não-negativos, de modo que as áreas parietais mudavam constantemente em rigorosas relações projetadas por Mestre Bof, no fundo de Manhattan.

O *Esquadrinhador-Chefe* - pretendia-se Euler - olhava pacientemente as modulações enquanto esperava um chamado. Auto-consistência - era esse o princípio da ação. Devia governar todas as fases da vida. Era o princípio estético das máquinas. Todavia, a menos de cinco quilômetros de distância, os selvagens robôs se divertiam e se agitavam no mato.

Uma luz ambarina acendeu seu painel beta.

Ele imediatamente modulou seu número de chamada.

O sinal que chegava se decodificou no seguinte: "*Localizamos Anderson, chefe.*" O anônimo telégrafo de aletas deu as coordenadas e a transmissão cessou.

Bof sabia quanto tempo: sete dias para localizar Anderson depois da fuga. Fizeram o que era lógico e procuraram-no por toda parte. Mas o homem não era lógico; permanecera quase debaixo da cúpula de Nova Iorque.

Euler impulsionou um canal da *Mente Colmeia*, interrompendo a busca.

Ligou os jatos e partiu.

Os axiomas bocejavam acima dele. Euler saiu para o espaço aberto, voando sobre o poli-poliedro de Nova Iorque. Enquanto os edifícios passavam por sua fase de transparência, viu que enxameavam com indivíduos de sua própria espécie. Podia abrir os canais para qualquer deles, se necessário fosse; e, como chefe, podia, se necessário, mudá-los para o automático, para seu próprio controle, assim como os *Dominantes* podiam automatizá-lo se necessário.

Euler "viu" um complexo de som abaixo de si e mergulhou; desretraiu um catavento para aterrissar silenciosamente. Desceu por uma meia-trilha que transmitira o sinal.

O catavento deu seu número de chamada e se acendeu: "*Anderson está oitocentos metros adiante, chefe. Se unir-se a mim, iremos em frente.*"

- Que apoio temos? - Um só impulso denso.
- Outros três como eu, senhor. Mais a máquina incapacitadora.
- Esse homem não deve ser destruído.
- Compreendemos, chefe. - Uma troca total de sinais levou menos que um microssegundo.

Euler entrou magneticamente na meia-trilha. O chão estava esburacado e juncado de detritos, no solo cresciam plantas selvagens. Por trás de tudo, o gigantesco fóssil de Nova Iorque, ainda debaixo da força de compressão, geleia cor de cinza, imarcescível porque inerte. Apenas as multi formas brilhantes do novo complexo aliviavam toda uma área cheia de desolação.

A meia-trilha parou. Incapaz de prosseguir, do contrário trairia a sua presença, Euler destravou e entrou na fase de completa transparência. Estendeu quatro pernas telescópicas que o levantaram muitas polegadas acima do solo e começou a avançar cautelosamente.

A região era designada como Entulho-D. A totalidade da área era um platô artificial, criado pelos detritos da velha tecnologia humanoide, afinal eliminada em favor de sistema racional mais moderno. Nos quarenta anos que desde então se passaram, fora coberta pela sujeira dos novos sítios de desenvolvimento. E sob a sujeira, como um subconsciente atulhado de joias e de sangue, jaziam os impedimentos de uma raça quase extinta.

Euler avançava cuidadosamente no chão esburacado, ajustando as pernas às irregularidades. Quando via movimento à frente, parava para observar.

Casas do velho tipo humano haviam crescido no entulho. A visão de Euler zumbiu, e ele viu que eram paródias de habitações humanas, levantadas com o rebotalho do entulho, tendo velhos painéis de automóvel como janelas, painéis de computadores amolgados como portas e grelhas como soleiras. Fora de casa, parodiando uma rua, brincavam macabros seres humanos: "pisa-pula, um-dois, pisa-pula, um-dois, pisa-pula, um-dois-três-quatro".

Executavam, ademais, lentas danças rítmicas de complicado padrão, balançando as cabeças, batendo as mãos, voltando-se para baterem as mãos uns dos outros. Alguns eram grotescamente machos, outros grotescamente fêmeas. Nas soleiras, ou sentados em velhas geladeiras, outros grotescos espiavam.

Eram os *humotes* - velho tipo humano de robôs planejados no fim do século vinte ou começo do século vinte e um, imprestáveis num mundo todo automatizado, refugados quando a velha tecnologia foi deitada fora. Quando ainda tinham carga, continuavam se mantendo, funcionando sem trégua naquele derradeiro gueto.

Invisível, Euler passou por eles, procurando Anderson.

Os *humotes* macaqueavam a raça desaparecida à qual se haviam dedicado; vestiam velhas roupas catadas nos detritos sob seus pés, usavam chapéus e echarpes, calçavam meias, fumavam cachimbos e ostentavam rabos-de-cavalo, amarravam fitas no corpo... Sua brocadas lembranças eletrônicas eram refrescadas mediante velhos filmes catados no Entulho-D; copiavam, com gestos metálicos, os movimentos das sombras, aspiravam à emoção, alimentavam esperanças no tocante a coisas do coração... Julgavam-se um furo acima dos autômatos antropomórficos que os precederam.

Anderson encontrara refúgio entre eles. Escondera a pele, o osso e o cabelo do antigo metabolismo protoplásmico sob anteparos de lata, armara-se com metal enferrujado. Sua forma, ereta numa pseudo-soleira, surgiu instantaneamente num dos instrumentos internos de Euler; sua relação massa/volume traiu o seu calibre de car-

ne e sangue. Euler deu à partida, sobrevoou-o, fez descer um paralisante e espetou-o. Depois fez descer uma rede e prendeu o humano dentro dela.

Crus alarmes soaram por toda a volta. Os *humotes* interromperam a dança automática. Esparramaram-se como folhas, tilintando como marmitas de rancho, fugiram para as pseudo-casas, caíram em terra, abandonaram o Entulho-D à quase invisível figura zumbidora que voava de volta para o Posto de Esquadrinhamento com o humano recapturado balançando-se sob a sua forma assimétrica. O velho sino do entulho ainda tocava muito tempo depois que a cena se esvaziara.

A olhos humanos, fazia escuro na sala.

O *Dominante Décimo* se manifestava em Nova Iorque como um mural de tamanho modesto com padrões que davam vassão a titilantes produtos através do espectro eletromagnético e aditivos de *invospectro*. Pelo momento, condizia com a sua personalidade.

O *Chefe Esquadrinhador* Euler não esperava ser chamado à presença do *Dominante*; ficou ali de pé, calado. O humano, Anderson, esparramou-se no assoalho num montão de latas velhas, e aos poucos revivia dos efeitos do paralisante.

Disse o sinal do *Dominante*: - Sua forma de visão opera num comprimento de onda entre 4 e 7 vezes 10-5 centímetros.

Obedientemente, Euler dirigiu-se para uma área parietal, e fez-se luz na sala.

Anderson abriu um olho.

- Suponho que você conheça algo sobre Homens, *Esquadrinhador*. - Disse o *Dominante*.

Usara a voz, não a voz R/T. Pura voz de tipo humano.

A nova Nova Iorque não teve mais voz desde que os *humotes* foram expulsos.

- Sim, sei muito coisa sobre os homens - vocalizou Euler. Pelo canal usual, clarificou o áspero sinal vocal. - Esta unidade tem de avaliar muitos dados de envolvimento humano do Banco H00100 de Mestre Bof através do H801000000 em operação concernente à recaptura do homem citado.

- Conserve-se apenas vocal, *Esquadrinhador*, se puder.

Ele podia. Durante a operação de recaptura, gastara dois-ponto-quatro segundos aprendendo a velha linguagem local humana.

- Então podemos conversar confidencialmente, *Esquadrinhador* – exatamente como dois homens.

Euler sentiu pequeninas luzes de constrangimento ardendo acima e abaixo dele a tais palavras.

- De todos os milhões de autômatos da *colmeia*, *Esquadrinhador*, nenhum é capaz de controlar nosso discurso - vocalizou o *Dominante*.

- Propósito?

- Os homens são coisas tão particulares, tão fechadas. Imite-os para compreendê-los. Temos de compreender Anderson.

Disse rijamente: - Ele só precisa voltar para o Zoo.

- Anderson é bom demais para o zoo, segundo demonstra a sua fuga: eludiu a captura sete dias e quatro horas e meia. Anderson nos ajuda.

Sem vocalizar, Euler soltou um chilreio de descrença.

- Verdade. Se eu fosse... homem, sentiria impaciência por você não acreditar. Enorme a magnitude do problema mundial do presente. Você... você tem número de

chamada próprio, todavia chama-se a si mesmo Euler, o que também fazem os autômatos do seu grupo de trabalho. Por quê?

O *Esquadrinhador-Chefe* lutava para conceptualizar.

- Como líder, esta unidade necessita de um número de chamada especial.
- Sim, necessita mesmo. Seu grupo de trabalho não necessita. Basta-lhe o número de chamada, segundo os regulamentos especificam. Seu nome Euler é nome de homem, à moda de homem. Essas modas diminuem nossa eficiência. Todavia apegamo-nos a muitas delas, sem saber que o fazemos. Provêm da nossa herança, quando os homens fizeram os primeiros protótipos da nossa espécie, os *humotes*. A própria humanidade lutou contra a herança animal. Assim também nós devemos nos libertar da herança humana.

- Meu erro.

- Recebeu o resultado das notícias da sondagem de hoje no *Invospectro A*?

- Trabalho demais programado para que eu pudesse receber notícias.

- Então escute. O *Dominante Décimo* introduziu uma repetição, acendendo-a numa visão UHF ordinária.

Os Autômatos da *colmeia* estavam à beira de uma revolução que iria transformar todas as suas condições de existência. Até ali haviam-se descoberto três *invospectros*, e suspeitava-se da existência de mais dois. Dentre esses, o *Invospectro A* era o mais promissor. A exaustão virtual de combustível fóssil economicamente viável parecia ter conduzido a uma rápida expansão de física e pico-física de baixa energia, e as conversões químicas em mini-joules de energia abria toda uma nova estrada de quanta reativos; nos últimos cinco anos, a exploração desses estratos redundara na libertação da fissão pico-elétrica, e a acessibilidade dos *invospectra* fantasmais.

A exploração dos *invospectra* por novas formas de autômatos era agora teoricamente possível. Abria uma nesga de onipotência, um panorama de universais inteiramente novos, insuspeitados ainda doze anos antes.

Hoje, a primeira das novas auto-frotas fora lançada no invos mais rico e menos arriscado. Findara mil oitocentos e noventa. A comunicação cessou depois de 3.056 *pilecs*, de após outros 7.01 *pilecs*, apenas seis unidades regressaram. Seus resultados ainda estavam sendo decifrados. Das restantes oitocentas e oitenta e quatro unidades, nada se sabia.

- Sejam quais forem os registros - vocalizou *Décimo* - este é um sério contratempo. Pelo menos a metade das *colmeias* citadinas deste continente terão de mudar inteiramente como medida de conservação, enquanto se repensa toda a situação do *invospectro*.

A linha de pensamento prosseguida era obscura para o *Esquadrinhador Chefe*. Assim falou ele: - Razão aceita. Mas a importância para a humanidade quase extinta não entendida por esta unidade.

- Segundo meu raciocínio, a herança humana em nós foi a causa desse atraso. Do mesmo modo, as tentativas humanas para conseguir modo de vida no espaço foram invalidadas por sua ancestralidade primata. Por isso estudamos Anderson. Daí a ordem para capturá-lo, de preferência a exterminá-lo.

- Ponto entendido.

- Anderson é homem especial, como vê. Ele é... aliás, não temos essa palavra, em termos de homem - escritor. O seu Zoo, com cerca de 19.940 habitantes, possui dois ou três iguais. Anderson escreveu uma história-fantasia logo antes da Semana Nuclear. A história deve ser crucial para a nossa compreensão. Tenho-a aqui; vou ler.

E pela maior parte do tempo em que as duas máquinas falavam entre si, Anderson

ficou negligentemente esparramado no soalho, inteiramente cômico, escutando. Tomava a maior parte da sala. Esta era demasiadamente pequena para contê-lo de pé, tendo não mais que um metro e meio de altura - embora fosse enorme pelos padrões autômatos. Anderson olhava por baixo das pálpebras fitando a tela que representava o *Dominante Décimo*. Fitou o *Chefe Esquadrinhador* Euler, de pé no seu punho levemente fechado, com uma agulha retrátil enfiada na pele do homem e automaticamente lendo a contagem, atento a qualquer possível movimento que o homem pudesse fazer.

Assim, pois, o homem e a máquina permaneciam absolutamente quietos enquanto o mural lia a fantasia de Anderson do tempo que antecedeu a Semana Nuclear, fantasia chamada de Um Toque de Neanderthal.

Os corredores do Departamento de Exploração Planetária (Admin.) eram longos, e a espera que era preciso fazer neles também o era. O humano K. D. Anderson, agarrando o seu cartão azul de chamada, estava desconfortavelmente encostado a um tabique, e suspirava pelos velhos tempos, quando o governo estava na mão do homem, e os departamentos do governo eram bastante civilizados para desperdiçar um bom espaço com salas de espera.

Quando afinal o introduziram no escritório de um investigador, seu moral estava baixo. Nem ao menos sentiu-se reanimado à vista do investigador, um dos míni-andróides conservadores do minério aurífero.

- Sou o Investigador Parsons, encarregado do caso *Nehru II*. Chamamo-lo aqui, pois esperamos confiantemente que nos ajude, Mr. Anderson.

- Naturalmente, dar-lhe-ei a ajuda que puder - disse Anderson, - mas garanto nada saber sobre *Nehru II*. Oportunidades para viagens espaciais humanas são muito limitadas, quase não existentes, hoje em dia; não é?

- Política de conservação. Ficará interessado se souber que em breve será mandado para *Nehru II*.

Anderson olhou espantado para o androide. O rosto insignificante deste último era tão inexpressivo, que parecia impossível o seu dono não estar sacando uma vibração sadística ao transmitir-lhe esse choque.

- Sou um pré-histórico no Instituto - protestou Anderson. - Trabalho em pesquisa. Nada sei sobre *Nehru II*.

- Não obstante, é classificado como Erudito, e a esse título é pago pelo Governo Mundial. O Governo tem o direito de enviá-lo para onde quiser. Quanto a nada saber sobre o planeta *Nehru*, está tentando me enganar. Um de seus velhos mestres, o humano Dr. Arlblaster, como sabe, faz alguns anos estabeleceu-se lá.

Anderson suspirou. Ouvira essa história acontecida a outros - e manteve os dedos cruzados. Os negócios humanos estavam cada vez mais sujeitos ao édito dos Vaticinadores Bofin Automáticos.

- E agora, que tem Arlblaster a ver comigo? - perguntou.

- Você irá a *Nehru* para descobrir o que lhe aconteceu. Dirá que lá foi lembrando-se do tempo passado. Foi escolhido para a tarefa por ter sido um dos alunos prediletos de Arlblaster.

Sacando um maço de *mescaforte*, Anderson acendeu um cigarro e insultuosamente ofereceu outro ao androide.

- Frank Arlblaster se encontra em dificuldades?

- Sim, há uma certa dificuldade em *Nehru II* - concordou cautelosamente o inves-

tigador. - Você irá para lá a fim de descobrir exatamente que espécie de dificuldade é essa.

- Naturalmente, terei de ir se me mandam. Mas ainda não percebo por que deseja enviar-me a mim e não a outro. Se há dificuldade, mande um navio policial robô.

O investigador sorriu. Muito parecido com a vida.

- Já perdemos dois navios policiais nessa tarefa. Por isso é que o mandamos. Chame isso uma nova linha de abordagem, Sr. Anderson.

Um Pequeno-Polegar de metal gastando ironia humana!

A trilha envergava, começando a descer para um verde vale. *Swettenham*, única cidade de *Nehru II*, jazia coberta de pó numa curva do rio sinuoso. Quando o helicóptero mergulhou no vale, K. D. Anderson sentiu que o calor aumentava; o calor aninhava-se no vale como a água na palma da mão.

Quando começou a suar, algo surgiu na relvosa trilha à sua frente. Ele breiou e olhou espantado.

Um animalzinho o encarava.

Tinha uns dois pés e seis polegadas até os ombros; pelagem grossa e emaranhada, quatro patas canhestras, e seu comprido crânio exibia dois chifres, o anterior com mais de um pé de comprimento. Quando se saciou de olhar para Anderson, meteu-se moita adentro e desapareceu.

- Ei! - gritou Anderson.

E escancarando a porta saltou para fora, sacou a espingarda e foi atrás dele. Era capaz de conhecer um filhote de rinoceronte lanudo quando o via.

O chão era duro; o capim, comprido. As moitas se estendiam colina abaixo, crescendo em maciços. O animal desaparecia por detrás de um desses maciços. Assim que o localizou, Anderson saltou em sua perseguição. Nenhum conhecedor da pré-história teria pensado em agir de modo diferente; esses animais eram dados como extintos em *Nehru II* e em *Sol III*.

Anderson correu. O lanudo rino - se é que o era - se dirigia para o povoado de *Swettenham*. Agora já não havia sinal dele.

Dois altos e pontiagudos penhascos, de doze pés de altura, se erguiam no sopé da encosta. Desapontado, agora que a caça desaparecera, e avançando com mais cautela, Anderson se dirigiu para os penhascos. Enquanto ia descendo, classificou-os quase sem pensar: terra de aluvião compacta, ali deposta pelas geleiras que outrora trituraram aquele vale, e que agora se desintegravam gradualmente.

Sentia-se o silêncio a toda volta. Era aquele um planeta quase vazio, primitivo, a girar lentamente no seu eixo a fim de formar pachorrentamente os seus dias de vinte e nove horas. Dias geralmente nublados. *Swettenham*, situado sob uma cordilheira de montanhas nas latitudes mais frias do hemisfério sul, usufruía um clima mormamento mais suave. Até mesmo a gravidade, 0.16 da gravidade da Terra, reforçava o sentimento de geral letargia.

Anderson rodeou os altos penhascos.

Uma enorme cara feroz atirou-se sobre ele. Negros olhos de gazela espiavam das cavernas gêmeas dos olhos, um cacete girou, e a espingarda de Anderson lá se foi, rodando.

Anderson saltou para trás. Assumiu uma posição de ataque, mas seu atacante não deu sinal de prosseguir no seu sucesso inicial. O que foi uma felicidade: debaixo da camisa escura do homem, um bíceps e ombros maciços se intumesciam. Sua mandí-

bula era pugnaz, para não dizer prognata; em sua totalidade, um *hombre* duro, pensou Anderson. Escolheu portanto a linha conciliatória, esquecendo-se temporariamente do filhote de rinoceronte.

- Não era você que eu perseguia - disse - mas um animal. Devia tê-lo surpreendido ver-me surgir de repente com uma espingarda, hem?

- Hem? - ecoou o outro. Mal se diria que estivesse surpreendido. Estendendo um braço cabeludo, agarrou o pulso de Anderson.

- Vamos para *Swettenham* - disse.

- Era isso mesmo o que eu fazia - concordou Anderson com raiva, recuando. - Mas meu carro se encontra no alto da colina com minha irmã me esperando, e se você deixar, vou juntar-me a ela.

- Mais tarde. Venha comigo para *Swettenham* - disse o rude sujeito, começando a caminhar resolutamente na direção das casas, a mais próxima das quais se entrevia através das moitas numa distância de cem jardas. Não seria prudente comprar briga com essa perigosa criatura. Marcando o lugar onde sua espingarda caíra, Anderson avançou, na esperança de que a sua recepção no povoado fosse melhor do que indicavam os primeiros sinais.

Não foi.

Swettenham consistia de duas linhas de cabanas e choças em forma de ferradura, uma dentro da outra. A linha exterior dava a frente para o meio círculo do rio meandrino, e a interior, ou mais impressionante, enfrentava uma ampla e empoeirada praça onde cresciam algumas árvores. O capturador de Anderson conduziu-o a essa praça e chamou.

A pressão no braço do prisioneiro só se afrouxou quando quinze ou mais homens e mulheres saíram para fora e o rodearam, olhando-o de um modo curioso e sem comentário. Nenhum deles se diria bonito. Tinham cabelos compridos, geralmente caídos em testas curtas. Seus lábios inferiores eram geralmente protusos. Alguns estavam quase nus. O cheiro do corpo coletivo era desagradavelmente forte.

- Acho que nesta época vocês não recebem muitas visitas em *Nehru II* - disse Anderson, constrangido.

Agora porém se sentia como um homem presa de um sonho mau. Sua máquina espacial estava longe, além de duas linhas de colinas, quando ele desejava estar uma milha entranhado nelas. O que principalmente o assustava não era tanto a hostilidade desse povo, mas a sua mera presença. *Swettenham* era o único povoado terrestre nesse planeta sob outros aspectos vazio; era, outrossim, uma colônia de intelectuais, principalmente de intelectuais descontentes com a crescente vida automatizada da Terra. E essa gente, longe de parecer intelectual, se diria composta de macacos.

- Diga-nos de onde veio - falou um dos homens do grupo. - Vem da Terra?

- Sou terrestre, nasci na Terra - disse Anderson começando a desfiar a história que preparara. - Na realidade, acabo de chegar do Planeta de Lénine, e parei aqui na viagem de regresso à Terra. Isso responde à sua pergunta?

- As coisas continuam mal na Terra? - uma mulher perguntou a Anderson. Tratava-se de uma jovem, e ele teve de confessar que via uma certa beleza na sua feia fisionomia - A Guerra continua?

- Sim - concordou Anderson. - E as nações *Dos Que Não Têm* trava uma guerra convencional contra a *Europa Comum*. Mas o nosso último contra-ataque frente à América do Sul parece que vai bem, se é que se pode crer nos telegramas. Acho que todos vocês têm uma porção de perguntas a fazer sobre o nosso planeta. Respondê-

las-ei, mas só depois que vocês me levarem até o homem que vim visitar em *Nehru*, o Dr. Frank Arlblaster. Algum de vocês quer indicar-me sua casa?

Isto suscitou alguma discussão. Afinal se tornou evidente que o nome Arlblaster significava alguma coisa para eles.

- O homem que você veio visitar ainda não quer vê-lo - declarou um deles.

- Indiquem-me a sua residência e tratarei disso. Sou um antigo aluno dele. E o mestre ficará satisfeito em ver-me.

Todavia ignoraram-no, travando uma discussão lá deles. O homem peludo que capturara Anderson - os companheiros o chamavam de Ell - disse com veemência: - Ele é um *Cro*!

- Claro que é um *Cro* - aquiesceu um dos outros. - Leve-o a Menderstone.

Todos falavam inglês, o que era uma bênção. Um inglês, entretanto, indistinto e curiosamente acentuado, porém de todo inconfundível.

- Refere-se a Stanley A. Menderstone? - perguntou Anderson, subitamente esperançado. O crítico literário pertencera certamente a um grupo original de *Swettenham*, que viera formar o seu próprio centro intelectual nos ermos desse planeta.

- Vamos lá - disse o amigo de Ell.

Pareciam relutar em dar respostas diretas, observou Anderson. Cismava no que andaria fazendo sua irmã Kay; como que esperava vê-la dirigindo a qualquer momento o helicóptero na direção do povoado.

Agarrando o pulso de Anderson - eram um grupo de seres possessivos - o amigo de Ell avançou apressado para a derradeira casa da ferradura interna. O resto recuou para uma discreta penumbra. Muitos se acocoraram - formidáveis, satisfeitos, esperando, observando. Cães passavam entre as choupanas, um pato subiu do rio, moscas circulavam sobre excrementos ressequidos. Por trás de tudo erguiam-se as montanhas, expelindo nuvens.

A casa de Menderstone parecia pouco convidativa. Há vinte anos atrás, fora construída naquela forma: comprida e baixa. Via-se agora o seu concreto rachado e cheio de manchas, a moldura de aço das janelas enferrujada, as próprias vidraças turvas como o olhar de um ébrio.

O amigo de Ell chegou até a porta e deu-lhe um pontapé. Em seguida voltou-se sem pressa ou preguiça para ir juntar-se aos amigos, deixando Anderson de pé no degrau.

A porta abriu-se.

Um homem surgiu, todo músculos, a antiquada espingarda nas mãos acentuando o seu aspecto de enorme auto-suficiência. Seu rosto era tão escuro e picado como o casco de um junco; e era calvo, e sua testa brilhava como se se lhe acabasse de aplicar uma polidura. Conquanto aparentasse uns sessenta anos, dava a impressão de ter a mesma aparência de vinte anos atrás.

Ainda mais notável, usava lentes nos olhos, fixadas no lugar por fios de arame que se lhe enrolavam por trás das orelhas. Anderson recordou-se do nome do antiquado aparelho: óculos.

- Há algo que me queira dizer ou fazer? - perguntou o homem, meneando impacientemente a espingarda.

- Chamo-me K. D. Anderson. Seus amigos sugeriram que eu viesse vê-lo.

- Meus o quê? Amigos? Se quiser falar comigo, tome mais cuidado na escolha de palavras.

- Mr. Menderstone... se é realmente Mr. Menderstone..., escolher palavras é na atualidade a menor das minhas preocupações. Eu apreciaria um pouco de boa acolhi-

da e uma pequena ajuda.

- Você deve vir da Terra; do contrário, completo estrangeiro como é, não pediria essas coisas. Alice!

O nome foi berrado para o interior da casa, e como resultado trouxe até a porta uma fisionomia de mulher que espiou por cima dos ombros de Menderstone como um papagaio que espiasse do seu poleiro.

- Boa tarde, senhora - disse Anderson, resolutamente se controlando. - Posso entrar e falar-lhe um pouco? Acabo de chegar a *Nehru*.

- Jesus! É o primeiro "boa tarde" que ouço em tanto tempo - exclamou a mulher que respondia pelo nome de Alice. - Melhor entrar, poética criatura!

- Sou eu quem resolve quem há de entrar ou não - bufou Menderstone, empurrando-a para trás.

- Então por que já não resolveu, em vez de ficar tremendo aí no degrau? Entre, meu jovem!

O cano da espingarda de Menderstone hesitantemente abriu passagem para Anderson entrar. Alice conduziu-o a uma grande sala com um fogão e uma cama de casal no fundo, e uma mesa entre os dois.

Anderson relanceou o olhar no ambiente, antes de focalizar sua atenção no hospedeiro e sua mulher. Formavam ambos um casal singular. Visto de perto, Menderstone parecia menor do que parecera lá fora, todavia a impressão da sua grande personalidade era mais marcada do que nunca. Personalidades fortes eram raras naquele tempo sobre a Terra. Anderson pensou que até poderia gostar do homem, uma vez vencida a sua hostilidade.

Agora, porém, Alice parecia mais abordável. Muito mais moça do que Menderstone, tinha boa presença, rosto simpático e ao mesmo tempo cômico. Com sua cabecinha de pássaro deitada para um lado, examinava Anderson com grande interesse; por isso foi a ela que Ele se dirigiu. O que se provou errado.

- Eu estava para contar a seu marido que parei aqui para visitar meu velho amigo e professor, Dr. Frank Arlblaster...

Menderstone não deixou Anderson terminar.

- Mas agora, que veio aqui, Mr. K. D. Anderson, aconselho-o a apegar-se aos fatos. Alice não é minha mulher, logo eu não sou seu marido. Apenas vivemos juntos, pois não há em toda *Swettenham* uma pessoa mais adequada com quem se possa conviver. Posso acrescentar que o arranjo é de tanta conveniência como uma paixão.

- Mr. Anderson e eu muito apreciaremos você deixar de fora o seu eu egotista por algum tempo - declarou-lhe Alice incisivamente. Voltando-se para Anderson convidou-o a sentar numa cadeira enquanto ela se sentava em outra. - Como obtive permissão para vir aqui? Deve ignorar o que se passa no planeta *Nehru II*, pois não?

- Quem são ou o que são aqueles macacos destrambelhados lá fora? - perguntou Anderson. - O que os torna tão melindrosos? Pensei que isto era uma colônia de intelectuais.

- Ele quer falar sobre Kant, cálculo e cópula - comentou Menderstone. Falou Alice:

- Esperava ser saudado por intelectuais e não por macacos?

- Procurava seres humanos.

- O que sabe sobre Arlblaster? Anderson teve um gesto de impaciência.

- A senhora foi muito bondosa fazendo-me entrar, D. Alice; mas não poderíamos conversar qualquer outra hora? Estou com um helicóptero estacionado no alto da colina, e minha irmã Kay ali espera pelo meu regresso. Quero saber como poderei ir para lá e voltar, sem que me desviem aqueles rufiões lá fora.

Alice e Menderstone se entreolharam. Um olhar bastante significativo passou entre eles. Depois de uma pausa, e inesperadamente, Menderstone empurrou sua espingarda para a frente, a coronha em primeiro lugar.

- Fique com isto - disse. - Ninguém lhe fará mal se vir uma espingarda em suas mãos. Prepare-se para usá-la. Apanhe seu veículo e sua irmã, e volte aqui.

- Muitíssimo obrigado, mas tenho um revólver junto do meu veículo...

- Leve minha espingarda. Eles a conhecem e respeitam. Não se esqueça: você se encontra numa situação pior do que imagina. Que nada o impeça - nada, - de regressar para cá. Então ouvirá o que temos para lhe dizer.

Anderson apanhou o fuzil e sopesou-o, procurando senti-lo. A arma era pesada, estava levemente lubrificada, sem um grãozinho de poeira - no que diferia do resto da casa. Por alguma razão obscura, o seu contacto o incomodava.

- Não está dramatizando sua situação neste lugar, Menderstone? Devia experimentar viver na Terra nos dias que correm: é como viver num acampamento. A tensão é ali real, não manufaturada.

- Não queira me enganar que não senti alguma coisa quando chegou - disse Menderstone. - Está tremendo!

- O que sabe a respeito de Arlblaster? - tornou a perguntar Alice.

- Uma porção de coisas. Lá pelos oitenta, Arlblaster descobriu na Bretanha, França, um tipo de crânio pré-histórico. Fez um mundo de estranhas reivindicações para o crânio. Segundo teorias contemporâneas, o mesmo teria noventa e cinco mil anos de idade, mas a prova do carbono deu-lhe apenas umas poucas centenas. Academicamente, Arlblaster ficou muito desapontado. Deixou de ensinar (fui um dos seus últimos alunos) e se tornou um solitário. Quando tudo abandonou para trabalhar na sua teoria maluca, o governo naturalmente desaprovou.

- Ah! a velha filósofa: "Trabalhe para o homem comum, de preferência a trabalhar pelo bem comum" - suspirou Menderstone. - E você acha que ele era maluco?

- Era, sim! Como estava alistado no rol dos Eruditos, era pago pelo governo mundial - explicou. - Naturalmente esperava-se que ele apresentasse resultados.

- Naturalmente - concordou Menderstone. - A espécie de resultados que eles queriam...

- A vida na Terra não é tão fácil como aqui, Menderstone. Um homem tem de progredir ou sair. De qualquer forma, Arlblaster teve a chance de se juntar à colônia recém-formada daqui e aproveitou a oportunidade para vir. Devo inferir que ambos vocês o conhecem? Como vai ele?

- Diríamos que continua vivo - respondeu Menderstone.

- Porém mudou muito desde que você o conheceu - falou Alice, e ela e Menderstone riram.

- Vou apanhar meu veículo - disse Anderson, nem um pouco satisfeito com a situação. - Voltarei a vê-los.

Metendo a espingarda debaixo do braço, saiu para a praça. O sol brilhou um momento através do manto das nuvens; estava tão quente, que encheu as sombras de borrões vermelhos e cinzentos. Além dos borrões, na frente das casas ruínas de *Swettenham*, o povo se agachava ou encostava com um simiesco abandono na poeira pisoteada.

Sem tirar os olhos dos dois, Anderson se afastou na direção da colina. Ninguém tentou segui-lo. Uma trilha batida irregular subia pela encosta, sua aspereza acentuando o geral abandono.

Quando se viu fora das vistas do povoado, a ansiedade de Anderson explodiu e ele pôs-se a correr gritando: - Kay! Kay!

Não houve resposta. A luz coagulada se diria absorver-lhe a voz.

Ao vencer o aclave, passou pelo local onde vira o rinoceronte lanudo. O veículo estava no lugar onde o deixara. Vazio!

Correu para ele, a espingarda de prontidão. Rodeou-o e recomeçou a gritar o nome da irmã. Ninguém respondeu.

Contendo o terror que sentia, pôs-se a procurar pegadas, porém não descobriu nenhuma. Kay desaparecera, levava sumiço. E no planeta não havia outro lugar para onde ir, exceto *Swettenham*.

Num impulso repentino desceu correndo para os dois penhascos onde encontrara o bruto Ell. Ambos silenciosos e desertos. Depois de apanhar o revólver no lugar onde o mesmo caíra, começou a voltar. Andou penosamente até o veículo, sentia a camisa grudada na espinha. Deu à partida e foi para o povoado.

De novo na praça, breiou e desceu, defrontando na sombra os mesmos corpos musculosos.

- Onde está minha irmã? - gritou-lhes. - Que brincadeira é essa?

Alguém respondeu com uma sílaba, grasnando-a à luz do sol: - *Cro!*

- *Cro!* - outro gritou, lançando a palavra como uma pedra.

Furioso, Anderson apontou a espingarda para o teto baixo e apertou o gatilho. A arma recuou com uma violenta explosão. A humanidade visível se levantou nos pés chatos e desapareceu nas choças e nas vielas.

Anderson dirigiu-se para a porta de Menderstone, empurrou-a e entrou. Menderstone comia uma maçã descascada e não parou ao vê-lo entrar.

- Minha irmã foi raptada - disse Anderson. - Onde está a polícia?

- A mais próxima está na Terra - disse Menderstone entre duas dentadas. Lá existem, de pólo a pólo, estados controlados por policiais robôs. "Polícia na Terra, boa vontade para com os homens." Aqui em *Nehru* só temos anarquia. É horrível? Mas melhor anarquia do que *Robocracia*. O meu conselho, Anderson, que profiro com toda seriedade, é você regressar à sua navezinha-foguete e voltar para casa sem se preocupar com sua irmã.

- Olhe aqui, Menderstone, não estou para essa espécie de bobagem! Não será fácil livrar-se de mim. Quem é o encarregado aqui? Onde se encontra o campo dos intelectuais? Quem decide sobre os assuntos locais? Quero falar com Ele!

- Quem é o encarregado? Sente falta da mão de ferro de seus patrões robôs, não é? Menderstone depôs a maçã e avançou, ainda mastigando. Sua enorme cara era dura e fria como um rochedo submarino.

- Dê-me a espingarda - disse, agarrando o cano da arma e puxando-a. Em seguida atirou-a sobre a mesa. - Não fale grosso comigo, K. D. Anderson! Acontece que detesto o regime da Terra e os tagarelas como você que ela desova. Se quer ajuda, peça-a com delicadeza.

- Não estou pedindo ajuda, se nem a si próprio pode ajudar!

- Não dê muita confiança a Stanley - falou Alice. Ela havia entrado e ficou atrás de Menderstone, seu nariz em bico de papagaio de um lado enquanto fitava Anderson. - Pode achar que ele não é muito amável, porém sinto dizer que hoje em dia o campo intelectual é ele! Este entulho era o seu antigo QG. Mas todos os outros rapazes foram unir-se a seu camarada Arlblaster na colina, na outra margem do rio.

- Lá deve ser mais agradável e melhor para a saúde. Já posso ver por que não queriam vocês dois com eles - disse Anderson num tom azedo.

Menderstone estourou numa gargalhada.

- Na realidade, não vê, absolutamente.

- Então vamos, explique. Estou escutando.

Menderstone retomou a maçã, a mão livre enfada no bolso da calça.

- Você explica, Alice? Quer dizer-lhe de que lado ele está? Um alto *Fator-N* em sua formação; não é isso o que dirá?

- Ele podia ser um *Cro*. Mais provavelmente um Macaco, concordo. Inferno! Seja ele quem for, é um alívio comparado com a sua não-abrandada companhia, Stanley.

- Não se ponha a namorá-lo, sua gralha! Ele podia ser seu filho!

- O que era bom para Jocasta é bom para mim - cacarejou Alice, e, voltando-se para Anderson: - Não se meta em nossas rixas! Melhor passar a noite aqui. Lá fora não há canibais: não comerão a sua irmã, façam lá o que fizerem. Precisa haver razão para a raptarem; se você ficar quieto, virão procurá-lo. Além disso, são dezenove e meia, e a sua visita a Arlblaster melhor ficar para amanhã cedo.

Depois de alguma discussão Anderson concordou com a sugestão. Menderstone espichou o lábio inferior e nada disse. Era impossível saber o que sentia à perspectiva de um hóspede.

O resto do dia logo se desvaneceu. Depois de apanhar alguns apetrechos no seu veículo e empilhá-los no interior da casa, Anderson ficou sem ter o que fazer. Tentou fazer Alice falar da situação em *Nehru II*; ela porém estava pouco informativa. Embora pertencesse ao tipo gárrulo, algo parecia contê-la. Só depois da ceia, tomada enquanto o sol entrava, Alice lançou alguma luz nos acontecimentos, falando sobre a sua chegada no planeta.

- Eu era operadora de quadro de distribuição e rádio-operadora assistente de um patrulheiro - disse. - Há cinco anos disso. Nossa nave encalhou num vale a duas milhas ao sul daqui. Ainda está lá, embora digam que um alude o afundou no último inverno. Nenhum membro da tripulação regressou a ele desde que pôs o pé em *Sweetenham*.

- Keith não deseja ouvir sua história passada - disse Menderstone, usando desdenhosamente o primeiro nome de Anderson.

- Que aconteceu à tripulação? - perguntou este último.

A mulher riu estrepitosamente.

- Envolveram-se no estilo de vida do seu amigo Arlblaster, digamos. Converteram-se... Todos, menos eu. E como eu sozinha não pudesse dirigir a nave, também tive de permanecer aqui.

- Sorte a minha, querida! - disse Menderstone com uma pesada ternura fingida. - Era exatamente a companheira que me faltava; não era?

Alice deu um salto; lágrimas repentinas marejaram-lhe os olhos.

- Cale a boca, cale a boca, seu sapo! Você é uma dor de pescoço para mim, para você mesmo, para todo o mundo! Não precisa me lembrar a cadela em que me transformou! - E atirando fora o garfo, saiu correndo da sala.

- A divina, eterna mulher! Vamos dividir entre nós dois o que ela deixou no prato?

- disse Menderstone estendendo a mão para os restos da ceia.

Anderson levantou-se.

- Pelo que tenho visto aqui, o que ela disse é apenas uma verdade atenuada.

- Julga que gosto desta vida? Ou que ela gosta? Ou que você gosta? Sente-se, Anderson. A existência é uma coisa que se tem de atravessar do melhor modo possível, não é? Você me fatiga com as suas respostas cediças e previsíveis.

Essa tempestuosa atmosfera pessoal prevaleceu até a hora de dormir. Mantinha-se um amargo silêncio de três bicos, até que afinal Menderstone trancou Anderson numa ala distante do comprido edifício.

Anderson trouxera cobertores, e os estendeu na mofada cama de campanha que lhe deram. Não investigou os quartos vizinhos do seu; algumas das portas ostentavam nomes que lhe eram vagamente familiares; foram postos ali quando viçava o grupo intelectual; agora porém eram negligenciados.

Embora cansado, mal pôs a cabeça no travesseiro, Anderson começou a preocupar-se com Kay e a situação geral. Sua irmã teria tido alguma especial razão para voltar a pé para a nave? Amanhã sairia para saber. E virava-se no leito, sem cessar.

Alguma coisa o fitava pela janela.

Num relance Anderson ficou de pé e agarrou o revólver; seu coração batia. A escuridão lá fora era quase total. Lobrigou apenas uma brutal silhueta onde ardiam dois olhos, para em seguida desaparecer.

Percebeu sua tolice em aceitar o conselho de *laissez-faire* de Alice: para que esperasse os raptos de Kay procurarem entrar em contacto com ele. Fora loucura concordar; ou então fora a lassidão geral de *Nehru II* que o vencera. Já era bastante ruim arriscar a vida de Kay, sem que primeiro chegasse um mensageiro a fim de lamentar.

Alice dissera que Arlblaster morava do outro lado do rio. Se ele fosse, como parecia, a chave do mistério, devia ser confrontado o mais rápido possível. Completamente desperto, raivoso, irritado consigo mesmo, Anderson encaminhou-se para a janela e abriu-a.

Olhou a noite lá fora.

Não podia ver ninguém. Mas quando os seus olhos se adaptaram à escuridão, começou a discernir bastante bem os lineamentos mais próximos. Uma brilhante estrela, que pensou ser *Bose*, a luzinha de *Nehru II*, dava alguma claridade. Jogando a perna por cima do peitoril, Anderson se deixou escorregar para o chão e manteve-se tenso lá fora.

Nada se movia. Um cachorro uivou. Caminhando entre o círculo externo de casas, espingarda na mão, Anderson chegou à margem do rio. Assaltou-o um senso de temeridade pelo que fazia, mas avançou.

Parando de vez em quando para ver se não era seguido, caminhou ao longo da margem do rio, evitando os obstáculos que a juncavam. Chegou a uma ponte - não mais que um tronco de árvore que haviam derrubado e que ligava as margens. O rio lambia a parte de baixo do tronco.

Anderson depôs a espingarda, e, braços abertos para equilibrar-se, atravessou a ponte rústica.

Na distância, viu que rudes tentativas haviam sido feitas para cultivar o chão. Na parte mais pronunciada da encosta, findava o desordenado cultivo. Não se viam casas. Anderson tornou a parar e pôs-se à escuta.

Podia ouvir à sua frente um débil e indescritível rumor de coro. A medida que andava, o rumor se tornava mais distinto, menos uma parte do fundo mal definido de sons de terra e de rio. No solo mais alto, distinguia-se vagamente um remendo de luz.

Essa luz aumentava, bem como o som. Rodeando um maciço de espinhosa moita, Anderson viu à sua frente uma depressão na encosta ascendente do vale. Realizava-se algo - uma cerimônia? - nessa depressão. Correu as últimas jardas, dobrou o corpo, o revólver de prontidão, o sobrolho carregado.

Na orla da depressão jogou-se em terra e olhou no fundo.

Um fogo ardia no meio do buraco circular. Ao redor dele desfilavam umas três dúzias de figuras à volta de dois homens. Um dos dois, um servente, jogava pó na fogueira, de modo que chamas verdes e vermelhas crepitavam; o outro desempenhava

um papel sacerdotal. Os demais estavam nus. O sacerdote trazia um manto e um chapéu pontudo. Cantava e agitava os braços. Era uma figura alta, e despertava em Anderson lembranças impossíveis de rastrear. Os dançarinos - se o seu arrastar de pés se podia chamar dança - respondiam com gritos abafados. O efeito total, se não era bonito, era todavia singularmente emocionante.

Hipnotizado, Anderson observava. Sentiu que balançava a cabeça ao ritmo do canto. Como quase previra, nem sinal de Kay. Por sua barba cor de cenoura e nariz proeminente, distinguia-se o sacerdote mesmo naquela luz incerta. Era Frank Arlblaster.

Ou fora Frank Arlblaster. O que mais facilmente identifica um homem aos olhos de seus amigos são a sua postura e o seu andar. Arlblaster tinha mudado. Parecia vergar nos joelhos e arrastar os pés, o seu tronco já não era vertical em relação ao solo. Mas o alto timbre de sua voz permanecia inalterado, embora cantasse numa linguagem desconhecida para Anderson.

Os dançarinos arrastavam os pés veementemente, batiam as mãos, sacudiam as cabeças melenudas. Gradualmente Anderson percebeu com o que se pareciam: sem dúvida, com os habitantes de *Swettenham*. Eram também, e inconfundivelmente, *pré-homo sapiens*. Ele bem podia estar presenciando um ritual de homens de *Neanderthal*.

Um misto de repulsa e exultação fez Anderson grudar-se no lugar onde jazia. Sim, sem dúvida possível, os rostos de Ell e de seus primeiros amigos traziam a marca *Neanderthal*. Uma vez nascida, já não podia sacudir essa ideia de si.

Assim permaneceu em transe de maravilhamento até que a dança cessou. Então toda a companhia se voltou para encarar o lugar onde ele estava escondido. Anderson sentiu os nervos vibrarem ao longo da medula espinhal. Arlblaster ergueu um braço e apontou para ele. Depois gritou, enquanto a multidão fazia coro com ele.

- *Aigh murg eg neggy oggy Kay bat doo!*

As palavras eram dirigidas a Anderson.

Eram-lhe ininteligíveis, todavia pareciam penetrá-lo. Que o seu esconderijo fosse conhecido, nada significava diante de uma pressão ainda maior no seu cérebro. Todo o seu ser tremia no limiar de alguma grande e desastrosa revelação.

Um transe mágico o enredara. Literalmente, já não era ele próprio. As palavras sem sentido se diriam sacudi-lo até à alma. Ofegante, ficou de pé e saiu correndo. Ninguém o perseguiu.

Não tinha lembrança se voltara ou não à casa de Menderstone, nem se atravessara o rio sobre a ponte rústica, nem se tombara pela janela abaixo. Deitara-se, e agora arquejava, o rosto enterrado no travesseiro.

Esse estado foi por sua vez seguido por um grande mal-estar. Não podia dormir. O sono estava fora do seu alcance. Tremia por todos os membros. As horas da noite se arrastavam eternamente.

Finalmente Anderson sentou-se. Uma débil madrugada banhava o mundo. Tirando uma lanterna dos seus guardados, ele saiu para investigar os demais quartos vazios, vizinhos do seu.

Conduzia a eles um corredor cheio de pó.

Alice dissera que aquele tinha sido o QG do primeiro grupo intelectual de *Swettenham*. Num dos quartos havia uma biblioteca, com prateleiras juntando poeira. Anderson não se deu ao incômodo de ler nenhum título. Experimentava uma vaga antipatia pelas suas fileiras silenciosas. O outro quarto era uma pequena sala de reuniões. Sem sentido, imprestáveis mapas se dependuravam das paredes. Viu, sem cu-

riosidade, que as bandeiras espetadas num mapa haviam, quase todas, caído no chão.

Uma terceira sala era destinada à recreação. Possuía um curioso sortimento de brinquedos intelectuais. Possuía até mesmo uma estrada de ferro elétrica, do tipo que foi moda na Terra havia um par de séculos passados. Um torno a um canto sugeria que trilhos e material rodante podiam ser ali mesmo fabricados.

Anderson fitou os trilhos, brilhantes à luz da lanterna, sem um só grão de poeira. Hesitante, Anderson correu um dedo sobre eles.

Um pedaço de desvio levantou-se como uma cabeça de cobra, e, enrolando-se, envolveu o pulso de Anderson, apertando-o estreitamente. Anderson puxou o braço, e berrou surpreso. Nisso, todo o conjunto se levantou, lutando para alcançá-lo.

Anderson recuou, dando golpes na coisa que se erguia. Os trilhos trepidavam e atiraram-se a ele, espalhando vagões e locomotivas. Anderson começou a atirar, alucinadamente. Laços de trilhos caíram sobre ele, sobre a sua cabeça, envolvendo-o loucamente.

Anderson caiu no chão, derrubando a espingarda, derrubando a lanterna, rasgando as delgadas faixas de metal que o apertavam cada vez mais. Os trilhos golpeavam com selvageria, ligando-lhe as pernas. Anderson gritava, incoerentemente.

Enquanto lutava, Menderstone entrou correndo no quarto, espingarda na mão; Alice vinha atrás. Foi a última coisa que Anderson viu: antes de perder a consciência.

Quando despertou, foi para se encontrar no living de Menderstone, refestelado num beliche. Alice estava perto, e se voltava para ele quando o via mexer-se. Menderstone não estava na sala.

- Meu Deus - gemia Anderson. Sentia o cérebro curiosamente lúcido, como se alguma febre tivesse acabado de deixá-lo.

- Já era tempo de acordar. Vou buscar um pouco de sopa - falou Alice.

- Espere, Alice; espere... - E os lábios lhe tremiam ao formular as palavras. - Voltei a mim. O que foi que aconteceu ontem? Não tenho irmã chamada Kay. Não tenho irmã. Eu era filho único!

Alice não se surpreendeu. Anderson sentou-se, olhando-a.

- Bem que adivinhei, falei a Stanley... Quando trouxe suas coisas para cá, não havia nada feminino entre elas.

- Que cabeça! Eu estava tão certo... Podia tê-la pintado, tê-la descrito... Era tão real. Mas se alguém... se você me tivesse desafiado diretamente, creio que eu saberia que se tratava de uma... ilusão.

Seu sentido de perda foi posto de lado enquanto uma nova percepção o assaltava.

Tornou a deitar-se confusamente, fechando os olhos, murmurando. "*Aigh murg eg neggy Kay bat doo...*" Foi isso o que me disseram na encosta da colina: "Você não tem nenhuma irmã chamada Kay". Era isso o que queriam dizer... Alice, é tudo tão estranho...

Sua mão procurou a da mulher e encontrou-a. Estava gelada.

- Sua inicial é K, Keith - disse ela com os lábios pálidos. - Você estava lá fora, buscando a si mesmo.

O rosto dela, inclinado sobre ele, era sulcado e feio; mas uma espécie de mansa paciência dissolvia a feiura

- Sou... sou uma espécie de louco - sussurrou ele.

- Claro que é! - disse Menderstone irrompendo porta adentro. - Largue a mão dele, Alice; esta é nossa querida casa, não os assentos baratos dos cinemas lá da Terra. Anderson, você não está louco. Por que então rola desse jeito no assoalho, espu-

mando na boca e disparando a sua maldita arma às seis horas da manhã?

Anderson sentou-se.

- Você me viu embarçado naqueles trilhos quando me encontrou, Menderstone! Mais um minuto, e teriam me tirado a vida!

Menderstone parecia genuinamente intrigado. Era a primeira vez que Anderson o via desarmado da sua auto-segurança.

- A estrada de ferro modelo? - perguntou ele. - Estava intacta. Você não a tocou.

- Mas ela me tocou - disse Anderson com a voz embargada. - Atacou-me, enrolou-se em torno de mim como um polvo. Decerto você a arrancou de mim antes de me trazer para cá.

- Entendo - disse Menderstone com um ar sombrio.

Sacudiu a cabeça lentamente e ali ficou, distraído; depois sacudiu a cabeça para Alice.

- Percebe, mulher, o que isto significa? O *fator-N* de Anderson cresce e vai dominar. Este jovem não está do nosso lado, como suspeitei desde o começo. Ele não é *Cro*. Anderson, sua estada aqui está no fim. Sinto muito! De agora em diante você é um dos homens de Arlblaster. Nunca mais voltará para a Terra.

- Ao contrário: agora mesmo estou voltando para lá.

Menderstone sacudiu a cabeça.

- Você desconhece a própria mente. Quero dizer isso mesmo. Está condenado a viver aqui, e a representar a vida miserável de um Macaco! A Terra perdeu uma das suas mais estimáveis nulidades.

- Menderstone, o ódio o corrói! Você odeia este planeta, odeia a Terra!

Menderstone tornou a levantar-se, pôs sua arma sobre a mesa e avançou para Anderson com os punhos crispados.

- E isto me põe maluco, seu idiota? Vou lhe dar um fato racional, a razão por que detesto o que está acontecendo na Terra! Odeio as insaciáveis atividades de gafanhoto da humanidade, que tem a impertinência de chamá-las "domínio sobre a natureza". Ela devorou-se a si própria e cresceu em população, até empurrar os outros animais para o mar, para os zoológicos ou para as fábricas de enlatados. Agora está exaurindo os combustíveis fósseis do qual depende grande parte da sua tecnologia. O colapso final se aproxima! Eis aí o "domínio da natureza"! Se ela nem sequer pode dominar o próprio cérebro!

- A situação pode ser desesperada, mas o Governo Mundial vem lentamente introduzindo economias que...

- Governo Mundial! Atrave-se a mencionar o Governo Mundial? Uma récula de computadores e autômatos? Não é isso uma confissão de que o homem é um gafanhoto sem disciplina própria, ao ponto de precisar delegar a robôs um controle feito em pedaços?

- E o que significa tudo isso? Ora! Que a civilização tem medo de si própria, pois sempre está tentando se destruir.

- E por que quereria ela fazer isso? Na história do mundo, não houve sábio que não perguntasse por quê. Nenhum descobriu a resposta, até que o seu amigo Arlblaster esbarrou nela. Todos olhavam na direção errada. Por isso a resposta está escondida aqui - aqui onde ninguém da Terra poderá descobri-la, pois quem chegar aqui, para sempre ficará. Eu poderia voltar, mas não o faço, pois prefiro imaginá-los cozinhando no seu próprio caldo, na confusão que se criaram.

- Pois eu vou voltar - disse Anderson. - Vou apanhar Arlblaster e voltarei à Terra imediatamente... depois do seu discurso.

Menderstone riu.

- Quer fazer uma aposta? Mas não interrompa quando falo, K. D. Anderson! Ouça a verdade enquanto pode; antes que ela morra para sempre.

- Pare de berrar, Stanley! - exclamou Alice.

- Silêncio, mulher! Espere! Precisa de prova para saber que autocratas medrosos governam a Terra? Eles têm nas mãos uma tendência para as estrelas, descubrem uma dúzia de planetas habitáveis a seu alcance; e que fazem eles? Conservam-nos inabitados! Tendo lido história suficiente para terem medo, receiam que, estabelecendo colônias, estas mesmas venham a rebelar-se contra eles.

- Swettenham foi um homem excepcional. Quantos cordões moveu para estabelecer-nos aqui! Isso nunca se saberá. Mas esta pequena colônia - demasiado pequena para formar uma verdadeira colônia - foi uma exceção, não indica uma regra: a de que o regime governamental é patologicamente uma antívida, e assim será cada vez mais até os robôs tomarem conta de tudo.

Anderson levantou-se, endireitou o corpo de encontro ao beliche.

- Por que não se cala, homem solitário? Vou sair daqui.

A reação de Menderstone foi inesperada. Sorrindo, estendeu a arma a Anderson.

- Sirva-se, rapaz! Aqui está o seu revólver. Tome-o e vá-se embora.

E deixou cair a arma a seus pés. Anderson abaixou-se para apanhá-lo. O cano curto brilhava sombriamente. Súbito ele pareceu alheio, aterrador. Endireitou o corpo, desapontado, deixando a arma no chão. Afastou-se dela na distância de um pé, sentindo vibrações na espinha...

Pena e comiseração se estampavam no rosto de Alice ao ver a expressão de Anderson. Até mesmo Menderstone relaxou a tensão.

- Não precisa de arma no lugar para onde vai - disse. - Sinto muito que acabasse assim, Anderson! Os longos e tediosos poderes da evolução nos forçam a ser antagonistas. Senti isso no momento em que o vi.

- Estou perdido!

O alívio se fez em Anderson quando ele saiu para o sol enfermiço. A casa dava ideia de uma ratoeira. Ele ficou descansado no meio da praça, os joelhos um tanto curvados, deixando que o calor o encharcasse. Pessoas passavam aos pares ou sozinhas. Um par de crianças com um aspecto estranhamente adulto passaram por ele.

Anderson não sentia nem sombra da hostilidade que imaginara na véspera. Ao fim e ao cabo, dizia-se, aquelas pessoas nunca viam um estranho; razão por que era natural se aglomerarem ao seu redor. Ninguém lhe fizera dano. O próprio Ell tinha o direito de se proteger quando um estrangeiro portador de arma surgia por detrás de uma rocha. E ao adivinharem a sua presença na encosta da colina na noite anterior, nada mais lhe ofereceram além de uma penosa revelação: "Você não tem irmã chamada Kay".

Começou a andar. Sabia necessitar de uma porção de explicações; chegou a descobrir que estava no meio de um obscuro processo a ser ainda trabalhado. Agora porém estava satisfeito só de existir, de ser, e não de pensar.

Preocupava-o vagamente a ideia de que precisava ver Arlblaster.

Porém partes do seu cérebro - novas, ou muito antigas? - pareciam em botão. A paisagem à sua volta aumentava de intensidade, fazendo chover sobre ele muitos dados sensoriais. Até mesmo o pó possuía uma doce fragrância nova.

Atravessou sem dificuldade a ponte rústica, e caminhou ao longo da outra margem do rio, apreciando o fluir da correnteza. Mulheres cultivavam pachorrentamente uma horta. Anderson parou para indagar de uma delas:

- Pode me dizer onde fica a casa de Frank Arlblaster?

- Agora o homem está dormindo. O sol entra, ele acorda. Então o encontra.

- Obrigado. - Tão simples, não era?

Continuou andando. Havia tempo suficiente para tudo. Andou muito, subindo a colina sem parar. Havia um segredo no tempo - tinha-o em algum lugar atrás da cabeça - algo que não repartia o tempo em minutos e segundos. Agora estava sozinho junto ao rio meandrino, mais além de todas as pessoas; que sabia o rio sobre o tempo?

Anderson reparou no relógio que trazia no pulso. Que queria o relógio com ele ou ele com o relógio? Um relógio era o emblema da escravidão de uma cultura serva do tempo. Com uma súbita repulsão, desatou o relógio e atirou-o ao rio.

O reflexo estraçalhado na água era de nuvens amontoadas. Ia chover. Anderson ficou imóvel, como se, tendo atirado fora o relógio, ficasse nu e sem defesa. Esfriava. Algo se alterara... E o medo surgiu, como uma flauta na distância.

Olhou em torno, perplexo. Um curioso rumor duplo enchia o ar, um ribombo baixo e dissonante, entremeado de rumores explosivos, de alto diapasão. Sem saber de onde provinham, Anderson avançou correndo, para depois parar.

Olhando para trás ainda pôde ver as mulheres inclinadas sobre as plantações. Dir-se-iam muito pequenas e claras como cristal, figurinhas vistas pelo lado errado do telescópio. Indiferentes, talvez não tivessem ouvido os rumores. Anderson tornou a voltar-se.

Alguma coisa vinha vindo vale abaixo!

Fosse o que fosse, sua frente sólida socavou o rio e correu com ele para o alto da colina que orlava o vale. Descia depressa, rugindo e trovejando.

Brilhava como água. Todavia não era água. Seu arco era demasiado agudo, demasiado maciço. Era uma geleira.

Anderson caiu no chão.

- Estou louco, ainda estou louco! - gritou escondendo os olhos, lutando contra si próprio para provar que aquilo era uma simples ilusão. Dizia-se que geleira alguma se movia com aquela velocidade maluca... mas assim mesmo o chão pôs-se a tremer sob seus pés.

Gemendo, conseguiu ficar de pé. A muralha de gelo vinha para cima dele. Afinal estilhaçou-se e caiu, espirrando uma chuva de partículas... Mas por detrás dela sempre havia mais. E a mole estendeu-se ao vale, grisalha e intransigente, sulcando as encostas ao descer...

O barulho era tremendo. Rachas se abriam como relâmpagos na sua alta fachada. O trovão morava nos seus píncaros...

Tangido pelo medo, Anderson se voltou para correr, suas peles drapejando contra as pernas...

A geleira caminhava muito depressa. Vinha com tamanha força, que Anderson sentia o corpo vibrar. Ia ser apanhado...

Gritou alto para o deus das geleiras, lembrando antigas palavras...

Havia uma caverna na encosta do vale. Correu como louco em sua direção, enquanto o gelo parecia estilhaçar-se e gritar nos seus calcanhares. Numa final explosão de resistência, atirou-se arquejante na abertura baixa e sombria, e com unhas e dentes foi-se arrastando para o fundo do abrigo.

Foi a tempo. A geleira bateu, atirando terra na abertura. Por um instante a caverna ficou iluminada por uma luz verde-azulada. Depois foi fechada por uma escuridão reboante.

Barulho de chuva e de seus próprios soluços, foram as primeiras coisas que percebeu. Depois sentiu que alguém lhe alisava os cabelos murmurando palavras confortadoras a seus ouvidos. Apoiando-se num dos cotovelos, Anderson abriu os olhos.

A entrada da caverna estava livre. Ele podia ver a relva e uma tira do rio no exterior. A chuva caía pesadamente. Tinha a cabeça repousando no colo de Alice; era ela quem lhe alisava os cabelos. Ele recordou a desagradável observação que ela fizera sobre Jocasta; isto porém se afogou num mundo de outras recordações.

- A geleira... já se foi? Onde está?

- Você está bem, Keith. Não há geleiras por aqui. Descanse!

- Ela desceu o vale estrondizando na minha direção... Alice, como veio até aqui?

Ela estendeu a mão para segurar a cabeça dele no seu colo; Ele porém lhe escapou.

- Quando Stanley o expulsou, não pude deixá-lo partir assim indefeso e sem amigos; por isso o segui. Stanley ficou furioso, naturalmente, mas eu sabia que você estava em perigo. Veja: trouxe-lhe o revólver...

- Não o quero! Está assombrado...

- Não diga isso, Keith. Não se transforme num *Neanderthal*!

- O quê? - E Anderson sentou-se ereto, olhando-a através da penumbra. - Que diabo quer dizer?

- Você sabe. Você compreende, não é?

- Não compreendo coisa alguma do que está se passando aqui. Melhor que comece a explicar... E, primeiro que tudo, quero saber que estava eu fazendo quando corri para esta caverna...

- Não fique nervoso, Keith. Dir-lhe-ei o que puder. - Pôs sua mão na dele antes de prosseguir. - Depois que você atirou o relógio no rio, voltou-se e correu um pouco,... como se fugisse de alguma coisa... e em seguida entrou aqui correndo...

- Você nada ouviu de singular? Nem viu nada?

- Não.

- Nenhuma geleira?

- Em *Nehru*, não!

- E eu estava vestido de peles?

- Claro que não!

- Minha cabeça! Eu teria jurado ter visto uma geleira... Caminhava muito depressa...

Alice estava pálida e sacudia a cabeça.

- Oh Keith, você está em perigo. Deve partir imediatamente para a Terra. Não vê que isto significa que você possui no cérebro uma camada de *Neanderthal*? Obviamente, você experimentava uma memória da raça naquela camada recém-aberta. Era tão forte que, por um instante, o avassalou completamente. Você deve partir.

Anderson levantou-se, os ombros curvados para impedir que seu crânio batesse no teto de rocha. A chuva tamborilava lá fora. Ele tremia de impaciência.

- Alice, Alice, comece do começo, sim? Não sei de nada, exceto que já não controlo meu próprio cérebro.

- E algum dia o controlou? E alguma pessoa comum o controla? Não são todas as ciências mentais meras tentativas de controlar o incontrolável? Mesmo quando se dorme, é apenas o neocórtex que se desliga. As mais antigas camadas límbicas jamais dormem. Nessas profundezas não há dia nem noite.

- E daí? Que tem o inconsciente a ver com essa estrutura particular?

- O "inconsciente" é um termo pseudocientífico para encobrir uma falta de conhecimento. No seu crânio há um mentecapto que nunca dorme, meu bem! De vez em quando dá-lhe um cutucão; são seus pensamentos malucos o que você ouve quando pensa estar sonhando.

- Olhe aqui, Alice. ..

Ela também se levantou. A ansiedade contorcia-lhe o rosto.

- Você queria uma explicação, Keith. Tenha a bondade de ouvi-la. Começemos pelo fim da história, e vejamos se assim você gosta mais. *Neanderthal* era uma espécie de homem que viveu na Europa há uns oitocentos mil anos ou mais, antes de aparecer o *homo sapiens*. Os *Neanderthals* eram criaturas mansas, próximas da natureza, necessitadas de poucos artefatos, a caixa craniana ainda maior que a do *homo sapiens*. Eram pacíficos, de um modo especial não-científicos, segundo compreenderá mais tarde. Foi então que surgiu uma espécie diferente - *Cro-Mágnons*, eles se chamavam - verdadeiros precursores do homem ocidental. Belicosos como eram, derrotaram os *Neanderthals* em todas as batalhas. Mataram os homens e aprisionaram as mulheres, com elas se cruzando. Nós, os homens modernos, proviemos da raça bastarda assim formada. Aí é que entra a teoria de Arlblaster. Mas a mistura nunca se fez Razão por que hoje ainda temos grupos sanguíneos diferentes, frequentemente antagônicos e porque temos no cérebro conexões neurais inadequadas. Os cérebros *Cro-Mágnon* e *Neanderthal* nunca estabeleceram pleno contato. O *Cro-Mágnon* era dominante, mas um depósito *Neanderthal* desprovido de força continuava a existir nele, tão vestigial como um apêndice.

- Deus meu, dê-me um *mescaforte*! - exclamou Anderson. Ambos haviam tornado a sentar-se, ignorando as gotas ocasionais de umidade que gotejavam nos seus pescoços do teto da caverna. Alice estava bem perto dele, olhos brilhando na sombra.

- Começa a perceber a coisa historicamente? O homem ocidental, mediante essa dupla herança conflitante em seu interior, sempre foi intranquilo. A teoria freudiana do id quase chega a rotular o sobrevivente *Neanderthal* em nós. Também Arthur Koestler quase o conseguiu. Toda a civilização pode ser interpretada como uma tentativa *Cro-Mágnon* de vencer esse sobrevivente e escapar do irracional que ele representa; mas, ao mesmo tempo, essa camada estranha é uma rica fonte para todos os artistas, os sonhadores, os criadores, pois constitui o próprio manancial da magia. O *Neanderthal* tem poderes mágicos. Viveu numa era inicial - na madrugada da racionalidade - quando se poderá dizer, sem paradoxo, que o sobrenatural e o natural eram uma única coisa. Os *Cros*, nossos ancestrais, eram científicos, ou potencialmente científicos; eram, de preferência, fabricantes de lanças, antes que colhedores de frutos. Tinham a crença, talvez flutuante no começo, em causa e efeito. Como você sabe, toda a ciência ocidental representa uma estrutura fundada na nossa aceitação de causa e efeito inalteráveis. Uma crença como essa é estranha ao *Neanderthal*. Ele só conhece o acontecido, e daí provém sua estrutura mágica. Uso o tempo presente, pois o *Neanderthal* ainda é forte no homem; e, em *Nehru II*, ele é não apenas forte mas livre, afinal liberado daquele que o capturou, o *Cro-Mágnon*

Anderson mexeu-se e cocou o crânio úmido.

- Acho que você tem razão.

- Aqui há prova suficiente - falou Alice amargamente.

- Suponho que isso explica por que a civilização da velha Europa (antigo campo de batalha de *Cro-Mágnon* e *Neanderthal*) e as civilizações que daí provieram na América do Norte, são as mais diversas e turbulentas até hoje conhecidas. Mas isso nos leva de volta a Arlblaster, não é? Posso ver que o acontecido em *Swettenham* se liga diretamente à sua teoria. O crânio que na década dos oitenta ele descobriu na Bretanha era puro *Neanderthal*, apenas algumas centenas de anos mais velho. Obviamente, pertencia a um raro período regressivo. Mas raro até que ponto? Pode-se passar nas ruas de Nova Iorque por um *Neanderthal* bem vestido sem sequer notá-lo. Stanley diz que isso é comum.

- Esqueçamos Stanley! Arlblaster persistiu na sua teoria... Sim, eu mesmo o vejo. A proporção de *Neanderthal* presumivelmente varia de pessoa para pessoa. Agora revejo mentalmente meus amigos e adivinho em qual deles a proporção é mais alta.

- Exatamente - e ela lhe sorriu, agora mais segura e mais calma, como também ele. Ela alisava-lhe a mão e o revólver. - E por que a situação político-econômica na Terra é o que é, Arlblaster descobriu aqui um modo de desenvolver sua teoria e pô-la em prática; isto é, libertar do cérebro o prisioneiro. A Terra permitiria ao grupo de *Swettenham* muito pouco no que diz respeito a maquinaria ou recursos, pois a sua determinação era mantê-los inofensivos, de modo a continuarem bem próximos da natureza. Isso, mais o reconhecimento intelectual, conduziram o *Neanderthal* para a tona libertando-o.

- Quer dizer que todos viraram *Neanderthals*?

- Aqui em *Nehru*, que sob certos aspectos se assemelha à Terra pré-histórica, o *Neanderthal* representa um melhor valor de sobrevivência do que o *Cro-Mágnon*. Mas nem todos se transformaram. Stanley Menderstone, por exemplo. Ou *Swettenham*. Ou muitos outros intelectuais. Seu *fator-N*, como lhe chama Stanley, ou era muito pequeno ou não existe.

- Que aconteceu com Swettenham?

- Foi assassinado. Assim também os outros *Cro-Mágnon* puros, todos, menos Stanley: ele é duro, como você viu. Houve no começo muitas contrariedades, até que eles finalmente compreenderam o problema e se foram.

- E aqueles dois navios-patrolha que o Governo Mundial enviou?

- Sei o que aconteceu com o que me trouxe. Cerca de setenta e cinco por cento da tripulação tinha um *fator-N* bastante alto para mudar; mas a disposição de fugir ajudou-os. Os outros... morreram. Para dizer a verdade, foram mortos. Todos, menos eu. Stanley cuidou de mim.

Ela riu asperamente. - Se se pode chamar cuidado a isso... Estou cheia de Stanley e *Nehru II*, Keith. Quero voltar com você para a Terra.

Anderson fitou-a, ainda duvidando.

- E que diz do meu *fator-N*? Obviamente, devo tê-lo. Daí a geleira, sinal muito mais forte de perigo do que a minha primeira ilusão de ter irmã... Daí, suponho, os meus novos receios de objetos manufaturados *Cro*, relógios, revólveres e... estradas de ferro modelo. Sou ou não sou, pelo amor de Deus!

- Pela luta que travou consigo mesmo, eu diria que está igualmente equilibrado. Talvez até seja capaz de decidir. O que deseja ser?

Ele fitou-a espantado.

- *Cro*, naturalmente: o meu ser normal... Quem, por escolha própria, quereria ser um vagabundo destrambelhado, de testa curta e cabelos desgrenhados?

- Os adjetivos que você emprega são subjetivos e não termos realmente insultuosos. São, com efeito, propaganda *Cro-Mágnon*. Ou assim diria um *Neanderthal*. Os dois pontos de vista são irreconciliáveis.

- Está seriamente sugerindo que eles são... sub-homens?

- A nós nos parece que sim. Todavia estão contentes, comungam com as forças da terra e sua mágica. Nem seus cérebros são inferiores aos cérebros dos *Cro-Mágnons*.

- O que muito proveito lhes deu! Os *Cro-Mágnons* ainda são superiores.

- Em certo sentido, ainda não foram vencidos. Mas a sua mágica requer preparo, encantação. É algo que não podem aproveitar enquanto disparam uma fuzilaria de setas. Mas deixados a si mesmos, podem tornar-se espíritos, animais...

- Rinocerontes lanudos por exemplo?

- Sim.

- Para me atraírem para fora da minha máquina de rodas, porque a temiam! Santo Deus, Alice, pode ser verdade que... - Pôs as mãos na cabeça e gemeu; depois levantou a vista para indagar: - Por que introduz em mim o ponto de vista deles, quando você mesma é uma *Cro-Mágnon*?

- Não percebe, querido? - E ao buscá-lo com a vista seus olhos se tornaram maiores. - Para descobrir a força do seu *fator-N*. Para descobrir se você é amigo ou inimigo. Quando a chuva parar, terei de voltar. Stanley deve estar à minha procura, e não seria de surpreender que Arlblaster também estivesse procurando você. Deve saber que você teve tempo de ordenar mentalmente as coisas. Por isso quero saber se posso voltar para a Terra com você...

Ele sacudiu-se, limpou uma gota de água da testa, tentou demorar em responder.

- A Terra não é tão ruim - disse. - Menderstone tem razão, naturalmente; ela é regimentada - nunca servirá para um individualista como ele. Não é tão bonita como *Nehru*... Sim, Alice, levá-la-ei comigo se quiser. Não posso deixá-la aqui.

Ela atirou-se sobre ele, apertou-o nos braços, beijando-lhe a orelha, a face e os lábios.

- Sou mulher amorosa - sussurrou com ferocidade. - Até mesmo Stanley...

Mas se endireitaram ouvindo um barulho fora da caverna, um barulho audível através da chuva. Anderson virou a cabeça para verificar o que ela olhava. Agora a chuva caía mais mansa. Diante da sua evanescente cortina um rosto apareceu.

As principais feições desse rosto eram a testa curta, dois olhos grandes e lustrosos, um nariz proeminente e uma barba arrepiada, úmida, cor de areia. Era Frank Arlblaster.

Ele ergueu ambas as mãos.

- Venha ver-me, filho da Terra, assim como eu venho vê-lo; pacífico, paciente, todo-poderoso...

Quando uma parte maior apareceu na boca da caverna, Alice disparou o revólver. O estrondo do tiro no espaço confinado foi de ensurdecer. Numa distância de dez jardas, ela não podia falhar. Arlblaster engalfinhou as mãos no peito e caiu para frente no chão úmido, gritando inarticuladamente.

Anderson voltou-se para Alice, e, com um golpe, tirou-lhe a arma da mão.

- Assassínio! Puro assassinio! Não devia ter feito isso! Não devia...

A mulher deu-lhe um tapa no rosto.

- Se você é *Cro*, ele é tão seu inimigo quanto meu! Ter-me-ia matado! É um Macaco... - E puxou um comprido fôlego arquejante. - E agora temos de partir depressa para o sua nave, antes que a matilha nos persiga.

- Você me dá náuseas! - Ele ainda tentou apanhar o revólver, mas não pôde alcançá-lo.

- Keith, eu o compensarei na volta para casa, prometo! Estava desesperada!

- Não fale comigo! Vamos indo. Partamos!

Passaram pelo corpo de Arlblaster e saíram para a chuva garoenta. Quando começaram a descer a encosta, um grito uivante chegou do flanco esquerdo. Um grupo de *Neanderthals*, homens e mulheres, estava de pé num promontório, cerca de duzentas jardas de distância. Deviam ter presenciado a queda de Arlblaster e lentamente arregimentavam suas forças. Quando Alice e Anderson apareceram, alguns deles avançaram.

- Corra! - gritou Alice. - Desça para o rio! Nademos e estaremos a salvo!

Juntos se apressaram no aclave escorregadio onde deslizara a geleira imaginária.

Sem pausa ou palavra, afundaram-se nos caniços e na lama, e, inteiramente vestidos, mergulharam nas águas lentas. Aproveitando o tempo, os *Neanderthals* precipitaram-se após eles, mas chegando ao rio fizeram alto.

Alcançando a outra margem, Anderson voltou-se e ajudou Alice a sair da água. Arquejando, ela se deixou cair na relva.

- Já não sou tão jovem como antes... Agora estamos salvos, Keith. Só um incêndio na floresta induziria esses macacos a nadarem. Mas ainda podemos enfrentar dificuldades neste lado... Evitemos a colônia. Mesmo que os macacos não nos persigam, não queremos enfrentar Stanley e sua espingarda... Pobre, velho Stanley! Keith, ajude-me aqui...

Anderson caminhava num silêncio mal-humorado. Perturbava-o a morte de Arlblaster, e ele percebia que Alice o usara para seus próprios fins.

A chuva parou enquanto caminhavam apressadamente através das moitas. Fazendo um grande arco, rodearam o povoado e descobriram uma trilha que levava de volta à nave de Anderson.

Alice resmungava de tempos a tempos. Finalmente Anderson virou-se para ela.

- Não precisa vir comigo, Alice. Se quiser voltar para Stanley Menderstone...
- Ele pelo menos se importava com os sentimentos de uma mulher...
- Na terra elas não são tão exigentes... Lá não têm o valor que a escassez confere.
- Odiava-se por ter falado com tamanha aspereza. Precisava de solidão para ordenar o tumulto que lhe ia no cérebro.

Alice caminhava calada ao lado dele. O sol brilhava. Finalmente a negra quilha da nave se fez visível entre as árvores.

- Na Terra você terá de trabalhar! - ele a arreliou. - A *Robocracia* a dirigirá.
- Casar-me-ei. Ainda me resta alguma beleza.
- Esqueceu-se de uma coisa, meu bem. As mulheres precisam hoje em dia de certificados de trabalho antes de se casarem. Um pouco de arregimentação lhe fará bem.

Uma onda de ódio o invadiu. Lembrava-se do Arlblaster sacerdotal morrendo... Quando Alice tentou responder, ele deu-lhe um golpe no ombro. Uma expressão de medo e compreensão se estampou no rosto dela.

- Keith - disse a mulher. - Você... - Sua voz morreu; fez-se-lhe no rosto uma mudança. Ele viu o desespero dela que se voltava e punha-se a correr de volta à colônia, chamando inarticuladamente enquanto corria.

Anderson viu-a ir-se. Em seguida voltou-se e avançou furtivamente por entre as árvores gotejantes. Livre, afinal! Ele era ele mesmo, e ela, apenas uma pele-vermelha *Cro-Mágnon*!

A nave já não parecia acolhedora. Ele nadou através de uma poça e tocou-a, mas depressa retirou a mão. Distorcido pela curva da quilha, seu reflexo o encarava no polido metal. Não se reconheceu.

- Alguém está preso na nave - disse, e afastou-se.

A respiração do planeta era tépida em sua face inocente. ele despiu as roupas molhadas e desapareceu entre as folhas, as incontáveis gramíneas e os cheiros da terra e da vegetação. Sombra e luz resvalavam-lhe na pele num desejo quase tangível antes que a folhagem o abraçasse, e ele enfim se perdesse inteiramente no seu novo Éden.

O orgulhoso escritor jazia onde estava, no piso da pequena sala, entre as folhas de metal que usara como camuflagem para esconder-se dos *homotes*. Desde que o

Dominante Décimo acabara de ler a sua história - a pobre coisa escrita antes que ele possuísse sabedoria - o silêncio se fez entre o *Dominante* e o *Esquadrinhador-Chefe*; se se comunicavam por meio da UHF, eis o que Anderson não poderia dizer.

Mas resolveu que melhor seria fazer alguma coisa. Sentando-se, disse:

- Que tal se eu me libertar?... Ou que tal se eu voltar para o zoo? Pelo menos me leve para uma sala suficientemente espaçosa!

O *Dominante* falou:

- Precisamos fazer-lhe perguntas sobre a sua história. Ela é verdadeira ou não?

- É ficção. Repugnante ou não, ela existe de seu próprio direito.

- Alguns trechos dela são verdadeiros. Você também é; assim também era Frank Arlblaster. Assim é, ou era, Stanley Menderstone. Mas o resto é falso. Você não permaneceu todo o tempo em *Nehru II*. Regressou à Terra.

- A história é ficção. Esqueça! Nada tem a ver com você. Ou comigo, neste momento. Agora só escrevo poesia. Aquela história a escrevi apenas para divertir-me.

- Não a entendemos. Precisa explicá-la.

- Ó Cristo!... Olhe aqui: isso não me incomodaria! Escrevi-a na viagem de regresso à Terra, quando vim de *Nehru II*, apenas para distrair-me. Chegando aqui, descobri que vários Mestres Bofs sobreviventes procuravam os retalhos de civilização deixados no mundo depois da Semana Nuclear! Imediatamente a história perdeu a importância.

- Tudo sabemos sobre a Semana Nuclear. Nada sabemos da sua história. Insistimos em conhecê-la.

Suspirando, Anderson não obstante percebeu que havia aí algo mais do que ele podia compreender.

- Fui um rapaz maldoso, *Dominante*. Bem o sei. Fugi do zoo. Leve-me de volta para lá, deixe-me instalar-me lá com minha mulher. De minha parte, não mais tentarei fugir. Aí conversaremos sobre a minha história.

O silêncio perdurou apenas uma fração de segundo.

- Feito - disse o *Dominante*, com um esplêndido domínio do idioma humano.

O Zoo não era desagradável. Segundo padrões correntes, era amplo, e os apartamentos nos novos arranha-céus de tipo humano não se encontravam demasiado apinhados; admitiam os liberais que a *colmeia* fora generosa ao tratar do espaço. Havia ali cerca de vinte mil pessoas - sobreviventes da Costa Oriental da Semana Nuclear. A *Robocracia* era encarregada deles, os quais, por sua vez, estavam encarregados de toda a vida sobrevivente selvagem que os autômatos pudessem capturar. Incongruentes à vista de altos edifícios havia jaulas de animais exóticos apanhados em zoológicos arruinados - um esplendor de leões, alguns leopardos, muitas chitas, um ocelote, camelos. Havia casas de macacos, casas de avestruzes, casas de elefantes, aquários, répteis. Havia pocilgas cheias de porcos, e carneiros e vacas. Pássaros exóticos e nativos estavam cativos em aviários.

Keith Anderson sentou-se no balcão do seu apartamento com a mulher, Sheila, bebeu uma xícara de café sintético, e pôs-se a contemplar, não sem agrado, os currais lá embaixo.

- Os robôs se comportam de um modo muito estranho - dizia Sheila. - Quando você desapareceu, três dos menores apareceram aqui e começaram a procurá-la. Procuraram-na por toda parte. Pareciam interessados somente na história. Devem ter tirado uma cópia fotostática.

- Agora me lembro. Ela se encontrava no baú, debaixo da cama. Me esqueci completamente do assunto, e só agora me lembro. Essa história é o meu único título à

fama literária!

- Mas essa parte não pode interessar-lhes. Por que teriam ficado tão agitados?

Ele fitou-a, divertido. Em parte ela ainda lhe era uma estranha, embora fosse, apesar disso, a mulher amada. No caos para o qual voltou após a viagem a *Nehru*, o problema era casar-se com qualquer moça aceitável dentre as disponíveis, pois havia dois homens para cada mulher. Tivera sorte na escolha cega que fizera. Sheila podia não ser particularmente bonita, mas era boa na cama, digna de confiança, inteligente. Não se podia exigir mais.

Ele disse:

- Confessa você a verdade da situação perante você mesma, Sheila? Os autômatos são agora a raça superior. Para cada uma das nossas faculdades, eles têm uma dúzia. São virtualmente indestrutíveis. Serem pequenos de estatura é para eles uma vantagem tão grande quanto seria desvantagem para nós. Ouvimos rumores de que se encontram no limiar de uma nova descoberta atordoadora. Segundo ouvi *Dominante* dizer, estão a ponto de caminhar para novas dimensões, das quais nada poderemos saber nem de relance. Todavia...

- Todavia precisam de sua história! - E Sheila riu-se, complacentemente, de modo que ele também riu com ela.

- Certo! Precisam da minha maldita história! Ouça: os seus poderes de planejamento e extrapolação se provaram miraculosos. Mas eles não podem imaginar... a imaginação pode até mesmo estorvá-los. Assim é que o *Dominante*, que têm mais conhecimento do que poderíamos sonhar, malogra diante de uma obra de ficção! Precisaria possuir a imaginação que eu tenho.

- *Não de todo, Sr. Anderson.*

Anderson saltou, a xícara na mão, enquanto a mulher soltava um gritinho.

Empoleirado à beira do balcão, com um aspecto enormemente maciço, conquanto tivesse apenas umas seis polegadas de altura, via-se a forma atarracada de um autômato!

Furioso, Anderson atirou-lhe a xícara, única arma que tinha à mão. Ela bateu em cheio na máquina, estilhaçou-se e caiu. A máquina nem ao menos se deu o incômodo de falar no assunto.

- Compreendemos a imaginação. Queremos fazer-lhe mais perguntas sobre o fundo da história.

Anderson sentou-se, tomou a mão de Sheila, fez uma sugestão anatômica que nenhum autômato poderia aceitar.

- Queremos fazer-lhe mais perguntas sobre a história. Por que escreveu que permanecera em *Nehru*, quando na verdade regressou de lá?

- Quem é você? O *Esquadrinhador-Chefe* que me capturou no Entulho-D?

- Está falando com o *Dominante Décimo*, no comando do Litoral Oriental. Correntemente, por simples conveniência, tomei o nome de *Esquadrinhador-Chefe*.

- Espécie de travestismo mecânico, hem?

- Por que escreveu que ficara, quando na verdade regressara?

- Melhor dar-lhe respostas diretas, Keith - falou Sheila.

Ele se voltou irritado para ela.

- Como posso saber a resposta? Era apenas uma história! Acho que teria um fim melhor se eu fizesse a figura de Anderson ficar em *Nehru*. Havia na história aquele caso *Cro-Mágnon-Neanderthal*, e, para conseguir efeito dramático, me fiz mais *Neanderthal* do que *Cro-Mágnon*! Na realidade, uma porção de bobagens!

- Por que a chama de bobagem quando foi você mesmo que a escreveu? - pergun-

tou *Dominante*, agora sentado no centro da mesa do café.

O homem suspirou fatigado.

- Porque agora estou mais velho. A história é uma série de bobagens, porque lhe injetei a teoria *Cro-Mágnon-Neanderthal*, digressão maluca de rapaz novo. Encaixei-a só para explicar o que realmente se passa em *Nehru*: A dissolução do campo de intelectuais e o resto. A teoria não se apoia em nada. Agora o vejo, à luz do que aconteceu depois da Semana Nuclear e não sei que mais. Como vê...

E parou. Parou no meio da sentença e fitou o complexo artefato que o defrontava. O autômato falava, mas ele não ouvia, de tal maneira estava perseguindo seus próprios pensamentos. Estendeu a mão e apanhou a coisa: o autômato era pesado e quente, estava receoso apenas levemente, e vibrava, vibrava ligeiramente com a força de sua própria voz. O *Dominante* não impediu que Anderson o apanhasse. E Anderson olhou-o, como se nunca antes tivesse visto coisa igual.

- Repito: não pretende rever sua teoria? - disse o autômato.

Anderson voltou à realidade.

- Por que iria ajudá-lo? Aos olhos da sua espécie, o homem não passa de um animal no Zoo, não passa de uma espécie inferior.

- Não é assim. Reverenciamo-lo como ancestral, e nunca o tratamos de outra maneira.

- Talvez. Talvez assim também consideremos os animais; até nos dias da fome mais negra e da pior superpopulação, acolhemos animais em nossos zoos, em números cada vez maiores. E talvez eu lhe exponha a minha teoria atual... Trata-se, agora, de uma verdadeira teoria; na história que escrevi, essa teoria não merecia o nome; era, antes, uma piada, uma grande pilhéria intelectual, um retalho de ficção científica. Mas agora vivi, pensei, amei e sofri, falei com outros homens. E se lhe exponho a teoria agora, você saberá que ela foi vivida, e constitui parte da herança de todos os homens neste Zoo.

- Desta vez é verdade ou mentira?

- Você é o chefe: decida. Há sem dúvida duas partes distintas no cérebro: a antiga secção límbica e o neocórtex que a rodeia, o pedacinho que transforma um primata em homem. Até aí, minha história é verdadeira. Há todavia uma secção mais antiga, mas não compliquemos o quadro. Grosseiramente falando, a secção límbica é a sede das emoções, e o neocórtex a sede da inteligência. O. K. Numa crise, o novo cérebro ainda está apto a desligar-se, enquanto o velho prevalece.

- Resumindo, é por isso que a humanidade não se aperfeiçoa. Somos uma espécie falhada. Nunca nos afastamos da velha herança animal. Nunca seremos a espécie distinta que poderíamos vir a ser.

- Ora, meu bem, a coisa não é tão ruim assim...

Anderson apertou a mão de Sheila.

- Vocês mulheres são sempre otimistas. - E piscou o olho que Dominante não podia ver.

Disse o *Dominante*:

- E como isso se aplica àquilo que sucedeu em *Nehru II*?

- Minha história partiu não de fatos, mas da correta explanação dos fatos. O instinto que levou Swettenham para lá, era sadio. Ele, e mais Arlblaster, bem assim o resto, acreditavam que, num planeta distante dos animais, a humanidade podia alcançar sua verdadeira estatura de... digamos, homo superior. Mas o *fator-N* os derrubou. O esforço era demasiado grande, e eles principalmente regrediram, ao invés de evoluir.

- Mas você acredita que uma espécie só pode fugir de suas origens afastando-se

inteiramente delas..., isto é, do lugar dessas origens...

Disse Sheila:

- Foi esse mesmo o impulso humano por detrás das viagens espaciais: chegar a mundos onde seria possível tornarmo-nos mais humanos.

O *Dominante* saltou fora das mãos de Anderson e pôs-se a dar voltas sob o teto baixo - gesto, esse, singularmente incômodo.

- Mas o cérebro límbico... essa parte tão pequena do cérebro, tão profundamente enterrada!

- A sede dos instintos...

- A sede dos instintos... Sim; e desse modo, a parte animal do homem conduziu à catástrofe.

- Isso responde às suas perguntas?

O autômato desceu e sentou-se na mesa.

- Mais uma pergunta. O que acha que acontecerá ao homem agora, após a Semana Nuclear, se o deixassem sozinho na Terra?

Anderson teve de afundar o rosto nas mãos para esconder seu triunfo.

- Acho que prosseguiríamos. Debaixo do Entulho-D e outros entulhos, jazem muitos dos antigos artefatos. Nós os desenterramos e iríamos em frente.

- Mas os recursos da Terra quase se esgotaram. Por culpa dos homens, não dos autômatos.

O homem sorriu.

- Nesse caso, acho que regrediríamos. A Terra é uma espécie de planeta de *Neanderthal*, não é? As coisas não estão certas; nem para os animais, nem para os homens, nem para os robôs; não acha? Acontece o que aconteceu com os dinossauros e os *Neanderthals*!

Já vou indo - disse o *Dominante Décimo*. Sua voz foi desligada e Ele desapareceu.

Ofegante, Anderson agarrou-se à mulher.

- Não diga nada! Vamos entrar. Abrace-me, beije-me. Vamos, se você tiver vontade...

Tudo quanto ela disse ao se deitarem na cama foi o seguinte:

- Você ainda acabará escritor. Tem talento para contar histórias!

Passaram-se cinco dias antes que os humanos do grande Zoo notassem que os autômatos estavam desaparecendo. De repente todos se foram sem deixar recado. Todo o continente, presumivelmente o mundo inteiro, ficou quase vazio, e a humanidade começou a voltar, caminhando por seus próprios pés mal calçados.

- E você conseguiu-o, Keith Anderson! - gritou Sheila.

- Não. Eles próprios o conseguiram. Tomaram a decisão correta. Talvez eu os incitasse...

- Claro que sim! Você é um gênio - um gênio que agora vai virar criador de porcos.

- Acontece que gosto de porcos. - Falava de pé entre um dúzia de animais, cujo cuidado cabia a ele e a Sheila.

- Assim, toda a horda de autômatos desaparecerá dentro do *invospectro* (seja isso o que for), deixando o nosso mundo para nós...

- É um mundo diferente. Vamos tentar fazê-lo mais saudável do que o velho...

Esperança piedosa? Resolução de Ano Novo? Novo plano de vida? Ele não poderia dizê-lo, embora a ideia lhe tomasse todo o pensamento.

Enquanto tocavam os porcos à sua frente, disse Anderson:

- Quando o *Dominante* abordou o assunto da nossa herança animal, lembrei-me

exatamente a tempo o que ele disse ao *Esquadrinhador*: "Precisamos libertar-nos da nossa herança humana". Veja o lugar onde ficaram! Acabaram com os *humotes*, demasiado próximos em desenho dos antropomórficos, e assumiram formas mais funcionais. Mas ainda tinham de nos reconhecer como imagens do pai, e jamais puderam escapar de muitos conceitos humanos e naturalísticos por mais que o tentassem enquanto permaneciam num ambiente naturalístico. Agora, neste inimaginável universo de energia alternativa, que eles afinal estouraram, podem ser puros autômatos; coisa que não podemos conceber! Assim se tornaram uma espécie genuína. Autômatos puros...

Separaram-se para tanger seus porcos, abaixando-se e erguendo-se até que o último deles entrasse, todos berrando e acavalando-se uns nos outros. Imediatamente Anderson bateu a porta, arquejando.

- O que eu gostaria de saber - disse Sheila - é como pareceria a gente ser um puro ser humano!

Anderson não respondeu. Estava pensando. Era natural que precisassem de um cachorro. No Entulho-D havia muitos galgos ferais; poder-se-ia aprisionar um filhote para domesticar...

Uma sorte os inquilinos do andar térreo terem ido embora. Muitos humanos haviam-se mudado do Zoo o mais breve possível, de modo que o grande bloco de apartamentos estava quase vazio. Prenderam os porcos no saguão para passarem a noite, e subiram muito fatigados para o seu apartamento.

Estavam demasiadamente cansados para se preocuparem com o futuro.

A SINDROME DE RANDY

Gordana estava no saguão da Maternidade, assistindo ociosamente à cubivisão enquanto esperava Sônia Greenslade. Um programa universitário exibia fotografias de pulgas dos penedos subindo nas pernas de uma andorinha dos penedos, alternando-se com a imagem de um professor cadavérico fazendo uma conferência sobre parasitologia. Gordana estava convencida de que poderia entendê-lo se tentasse, e se outras coisas de maior peso não lhe oprimissem a mente.

Quando Sônia apareceu, o rosto escarlate, ela tomou o braço de Gordana e tentou afastá-la dali.

- Um momentinho - disse Gordana. Uma linha de pulgas caminhava firmemente numa folha úmida, de vidro de laboratório. - Geotropismo negativo!

- Saíamos daqui, meu bem! - Sônia suplicou, puxando Gordana para a faixa de entrada do hospital: parecia um camundongo a puxar um hamster dourado, pois estava com apenas cinco meses contra os nove de Gordana. - Vamos para casa. Lá mesmo pode assistir cubivisão, se quiser. Já não posso ficar aqui nem mais um minuto. Sou moça de criação modesta. Mas as coisas que aquele doutor faz a uma mulher sem piscar um olho! Tive vontade de morrer!

A cor vermelha se lhe esvaeceu do rosto enquanto ambas caminhavam depressa ao longo da faixa da entrada. Era aquela a hora mais tranquila do dia no seu pavimento, a manhã estava no meio, quando milhões dos habitantes da cidade eram engolidos pelas fábricas e escritórios. Além disso, as ruas rolantes com seus cruzamentos transbordavam de gente, os monodutos silvavam acima das cabeças, e sob os pés podia-se sentir e ouvir o ronco das ruas subterrâneas de abastecimento. Ficaram ambas contentes quando chegaram ao Bloco 61.

- É melhor irmos para a cantina - sugeriu Sônia ao passarem pelo terraço. - John fez plantão ontem de noite e agora deve estar escrevendo. Fica neurótico se o perturbarmos.

Gordana queria ficar sozinha; mas como nesse período estivesse envolvida em felicidade, não disse nada, permitindo à volúvel amiguinha arrastá-la à cantina iluminada do segundo andar. Afundou-se gratamente numa poltrona, e, com um suspiro, aí instalou-se confortavelmente

- Ele trabalha duro - disse Sônia. - Está quase terminando o capítulo dezoito.

- Bom.

Embora os Greenslades morassem num apartamento do mesmo andar em que moravam Gordana e Randy, Gordana duvidava de que teriam se tornado amigos, se não fosse o fato de coincidir a gravidez das duas. Randy era um simples rapaz que trabalhava numa linha de montagem de dia e assistia cubivisão e acarinhava a mulher de noite; John era um estudioso que empacotava jantares de cereais a noite inteira e escrevia um livro sobre O Efeito da Bíblia na Civilização Ocidental, 1611-2005. Gordana era grandalhona e alegre, Sônia era miúda e nervosa. Quanto mais Sônia falava, mais Gordana se retirava para o pequeno mundo dominado por seu amável marido, e, cada vez mais, por seu filho não nascido.

Juntas, as duas amigas esquadriharam o cardápio da cantina. Naquela semana estava em moda carne de roedor; o homem da mesa vizinha comia chinchila com carne. Sônia encomendou um castor-bergère. Gordana pediu um café misto.

- Ande, coma; para mim é a mesma coisa.

Ela olhou nervosamente em torno. A voz lhe parecia tão alta, era como um grito que lhe enchia todo o ser; todavia ninguém notara. - Só café misto - disse, *soto voce*. Fez-se um silêncio misericordioso; a voz retornara à sua misteriosa sonolência; ela porém sabia que ia despertar completamente e queria ficar só quando isso acontecesse.

- Não devo continuar a falar de John - disse Sônia. - Mas você sabe: Ele trabalha tão longas horas, eu não durmo quase nada e ele lê em voz alta o que escreveu. Alguns trechos são muito interessantes, especialmente o que ele acaba de escrever. É sobre a Bíblia e a evolução. Diz John que embora a Bíblia esteja errada no que diz sobre a evolução e a sociedade, o governo não devia bani-la em 2005, e que ela não tem os efeitos danosos que se lhe atribuem... Agora, querida, o que disseram os seus médicos lá no hospital? Não acharam que o seu parto está atrasado?

- Sim, dez dias. Meu ginecologista deseja provocá-lo na semana que vem, mas não vou deixar. Os homens nunca têm fé na natureza. Quero que meu filho nasça quando bem lhe aprouver, não antes.

Sônia empinou a cabeça para um lado e pestanejou, admirada.

- Como você é corajosa, Gordana Hicks! Eu queria ser assim. Mas suponha que a agarrem na semana que vem e a forcem à provocação?

- Não irei lá na semana que vem, Sônia.

- Vou sentir-me tão só sem você!

- Vai se acostumar.

- Oh, nunca! Fico tão embaraçada... Obrigada a me sentar naquela sala escaldante em companhia de todas aquelas mulheres sem calcinhas... E por mais de meia hora! Você pode imaginar que somos todas colocadas na mesma posição... - E olhou afita para o homem da mesa vizinha, receosa de que Ele tivesse ouvido o que ela dizia. - Parece que dirigem aquele lugar com uma linha de montagem de vacas parideiras.

- Devem ser muitas as mulheres...

- Muitas! Eu disse a uma delas, "dirigem este lugar como uma linha de montagem de vacas parideiras", e sabe o que ela respondeu? Era uma mulherça de cabelos desgrenhados, a boca cheirando a alho; respondeu que um milhão e meio de crianças nasce por semana só nesta cidade! Por isso é fácil entender que...

Gordana riu-se com aquela melodiosa harmonia que seu marido dizia capaz de abrir-lhe todas as portas: - Um milhão e meio de crianças por semana! Não; não acredito.

- Bem: talvez fosse um milhão e meio por ano. Mas seja como for, digo-lhe que é um número bastante alto e aquela mulher dizia que as autoridades estavam deses-

peradas com a falta de espaço e a escassez de alimentos. Não vou comer todo este castor-bergère, sabe?

- A culpa é dos homens - disse Gordana incisivamente, levantando-se. - Eles é que criam essa situação. Deviam organizar melhor o mundo. Em vez disso, só fazem falar...

- Pois não é isso mesmo que sempre digo a John? - concordou Sônia, enxugando a boca. - Ele diz que ainda se trata da influência da Bíblia, com toda aquela propaganda do "crescei e multiplicai-vos". Mas os homens sempre arranjam desculpas. Quanto mais convivo com eles, tanto mais os desprezo. Dizia minha mãe que "a familiaridade gera o desprezo".

- Mas sem ela não se pode gerar - disse o homem da mesa vizinha, rindo grosseiramente sobre o seu prato de carne.

Ofendidas, as duas mulheres sacudiram-se para fora da cantina, embora a sacudida de Gordana fosse notavelmente parecida com a de um tronco de árvore.

Gordana mantinha o seu apartamento muito nítido e limpo, ou assim fizera até os langores do último mês. Não que tivesse muita coisa para limpar. Ela e Randy tinham apenas uma sala de dez pés por doze, e havia ali uma cama engenhosamente pendurada do teto. Sua única janela, jamais aberta, dava para o sibilante monoduto, de modo que eles a conservavam opaca.

Achavam-se seis andares abaixo do nível do solo. Seu edifício, de baixa arquitetura *avant-garde* e situado nos subúrbios, tinha trinta e dois andares, sendo vinte e cinco acima do solo. Com um pouco de sorte, e não muitos filhos, podiam esperar subir, graças ao aumento gradual do salário de Randy, para o vigésimo oitavo pavimento numa bem sucedida meia idade, apenas para se afundarem, camada a camada, ano a ano, como sedimento, enquanto envelheciam e ficavam menos aptos a ganhar a vida. A menos que algo horrível acontecesse, por exemplo, se a civilização desmornasse ou rebentasse nas costuras, como ameaçava fazer.

Tendo deixado Sônia à porta do apartamento, andando na ponta dos pés para ver se John trabalhava ou dormia, Gordana foi para o quarto e levantou os pés para massagear os tornozelos. Desatenta, ligou a fita sonora para escutar as notícias diárias que começavam a correr na fenda iluminada.

Aquilo nada tinha a oferecer à guisa de novidade. O projeto de nivelar as Montanhas Rochosas encontrava obstáculos; a praga dos peixes em mutação ainda saía do mar nas vizinhanças de Atlantic City, cobrindo os passeios até um pé de altura; a proporção dos nascimentos dobrara nos últimos dez anos, a proporção de suicídios nos últimos cinco. Jackie "Joelhos", famosa estrela de cubivisão, tivera um derrame e estava inconsciente. No estrangeiro eram incontáveis as dificuldades. A Europa estava a pique de estourar, a Indonésia já estourara. Gordana desligou, antes de completar-se o catálogo.

Invadiu-a uma vaga claustrofobia. Ela só queria que Randy ganhasse o bastante para lhes permitir morar num apartamento com luz natural. Queria que seu filho nascesse à luz natural.

"Então por que Randy não estuda para arranjar um emprego melhor?"

- Geotropismo negativo - respondeu ela em voz alta. - Trabalhamos para ascender até o sol, como as pulgas trabalham para subir nas pernas das andorinhas...

O feto não fez nenhuma tentativa para entender isso; talvez adivinhando que não era provável encontrar na carne pulgas ou andorinhas. Em vez disso repetiu a pergunta com a não-voz que estrondejou no ser de Gordana. "Por que Randy não estuda para arranjar um emprego melhor?"

- Experimente chamá-lo de Papá ou Papai, não Randy; soa como se eu não esti-

vesse casada com ele nos próximos cinco anos.

"Por que ele não tenta arranjar um emprego melhor?"

- Querido, você está a pique de emergir em um mundo sufocantemente apinhado. Já não há mais lugar para nada, sequer para o sucesso. Mas seu pai e eu somos felizes assim mesmo, não quero vê-lo preocupado. Olhe John Greenslade! Levou cinco anos labutando no Curso da Universidade CB, estudando ao mesmo tempo História, Religião, Literatura e Correntes Literárias. E onde foi que o puseram depois que se diplomou? Em lugar nenhum! Todos os lugares estavam ocupados. Por isso ele e sua mulher correm como malucos, trabalhando a todas as horas disponíveis, tentando pôr para fora de seus sistemas toda essa educação, escrevendo um alentado volume que ninguém vai publicar. Não, meu rapaz: estamos ótimos assim! Você verá, assim que nascer!

- "Não quero nascer!"

- Isso você diz. Foi a primeira coisa que me declarou, há três meses atrás. Mas a natureza precisa seguir seu curso.

Ironicamente, a voz dele foi um eco da dela:

- "A natureza precisa seguir seu curso."

Muitas vezes ele a ouvira dizer isso, ou ouvira o seu eco em torno dos seus pensamentos desde a hora em que primeiro a tornou cônica de que a sua inteligência de feto não dormia. Gordana nunca se assustara. O embrião era uma parte dela, sua estrondosa voz inaudível - que suspeitava reboando em sua própria cabeça e também no crâniozinho que sua corrente sanguínea alimentava - parecia pertencer-lhe tanto quanto o peso que ela empurrava à sua frente.

Randy mostrara-se hostil quando ela lhe contou tais conversas. Ainda cismava no que pensaria ele, mas era-lhe grata porque, aparentemente, ele se resignara à situação. Não queria aborrecimentos. Talvez ele ainda não acreditasse inteiramente, só porque ainda não lhe fosse dado ouvir a pequenina voz monstruosa... Todavia Randy se acalmara, parecia satisfeito com as coisas tais como elas eram.

Mas naquela noite, quando Randy voltou, teve uma péssima surpresa para ela. Gordana percebeu que algo não ia bem, assim que ele entrou, e antes mesmo que a beijasse.

- Estamos em dificuldades, querida - disse ele. Estava pálido, encolhido, atarracado: "é o Homem Moderno do Empacotamento", pensou ela com carinho; mas naquela noite o aspecto sorridente de seus olhos havia desaparecido. - Recebi aviso prévio para o fim da semana - disse ele.

- Ora, querido, por quê? Não podem fazer isso com você; sabe que não podem! Você é tão bom no trabalho, meu bem!

Depois dos protestos costumeiros, Ele tentou explicar.

- Trata-se da Lei Trabalhista sobre Recolocação Mundial. Estão fechando a fábrica. Foram todos despedidos.

- Não podem fazer isso! - gemeu ela. - As pessoas sempre hão de precisar de computadores de pulso!

- Claro que sim; mas fabricamos-los para o bloco Centro-Europeu. Acontece porém que abriram uma fábrica em Praga, Checoslováquia, que vai fabricar lá mesmo todas as peças, diminuir o custo da distribuição, dar emprego a um milhão de centro-europeus...

- E o nosso milhão de centro-americanos?

- Querida, você pensa que temos problemas de superpopulação; devia ver a Europa!

- Mas não estamos em guerra com a Checoslováquia!

Ele suspirou. Impossível explicar essas coisas às mulheres.

- Trata-se de uma guerra apenas política - disse ele - como a nossa guerra fria com a Mongólia, mas um grau menos quente. Não se esqueça de que os checos não se acham apenas no Bloco Com, politicamente; estão igualmente no Euro Com, economicamente, para não mencionar que, estrategicamente, também pertencem à Força da Nat. Precisamos ajudar esses malditos checos... ou estourar!

- E você estourou - suspirou ela.

Randy estava aborrecido.

- Eu podia ter-lhe dado a notícia com mais jeito, se você ainda pudesse sentar-se em meus joelhos. Quando vai dar à luz? Que farão naquele maldito hospital?

- Randy Hicks: darei à luz quando chegar a hora e eu estiver pronta, não antes.

- Está muito bem para você, mas como pensa que um homem se sente? Quero-a com o mesmo bonito corpo de antes, meu bem. - E Ele se ajoelhou junto dela, murmurando: - Quero voltar a amá-la, meu docinho; quero mostrar-lhe quanto a amo.

- Oh não, - exclamou ela. - Ainda não faz dez meses que estamos casados! Você foi contra a lei, Randy; não sou idiota. Não vamos pôr no mundo uma ninhada de filhos; antes de morrer quero ver luz natural pela minha janela...

- Luz natural! Você só pensa em luz natural!

"Diga-lhe que não nascerei até que o mundo seja um lugar apropriado para nele se nascer!"

O som daquela voz na corrente sanguínea chamou Gordana à realidade. Ela riu e disse:

- Randy Júnior está dizendo que não virá ao mundo a menos que a cena do mundo se torne mais cor-de-rosa. Melhor tratarmos de arranjar-lhe um emprego, meu bem, em lugar de discutirmos...

Os dias subsequentes foram exaustivos para Gordana e Randy. Todos os dias de manhã cedo Randy saía do apartamento para procurar emprego. Como havia muito que os transportes particulares eram proibidos nas áreas urbanas, precisava recorrer aos apinhados transportes públicos, às vezes percorrendo muitas milhas atrás de um simples boato de emprego. Certa vez ficou empregado por três dias despejando concreto num lugar onde os alicerces de um edifício governamental haviam furado a crosta terrestre até a descontinuidade Mohorovicic embaixo, criando uma erupção vulcânica subterrânea; depois retornou à procura, mais exausto que nunca.

Gordana ficava sozinha. Tinha Sônia Greenslade para visitá-la uma ou duas vezes, mas Sônia andava muito preocupada com John para ser uma companhia muito boa. John também estava ameaçado de despedida na usina de enlatamento se o seu trabalho não melhorasse. No dia em que tinha de voltar ao hospital, Gordana saiu e tomou um robô-trem para a superfície.

Era um dia tépido e iluminado, com uma nuvem só, em formato de pulga, que andava na direção sudoeste sobre a cidade. Era verão, se ela bem lembrava. Esquecera-se de como a brisa do estio assobiava entre as quadras e como eram enregelantes as sombras dos edifícios gigantes. Esquecera-se, igualmente, que era proibido andar na superfície; e se esquecera que os transportes eram grátis tão somente no andar onde se residia. Com suas parcas economias em moeda pagou o transporte até a primeira área verde.

O parque era rodeado de vidros e tinha ar condicionado, tudo para evitar os azares do tempo. Era ladrilhado todinho e estava apinhado de gente àquela hora da tarde. Uma velha igreja se erigia no meio da praça atotada de gente, mas fora convertida num museu combinado com sala de diversões. Ela passou pelas "borboletas", as máquinas de instantâneos e as moças do "Teste a Sua Heterossexualidade", e entrou

numa escura galeria onde se exibiam vestidos. As pessoas se comprimiam de encontro às vitrinas, mas havia espaço no meio da nave, onde se podia parar um minuto sem ser empurrado. Gordana ficou ali, e, para sua grande surpresa, começou a chorar.

Chorava docemente, mas não podia parar. As pessoas começaram a rodeá-la, curiosas diante da cena. Arruaças eram vistas em público, mas nunca o espetáculo de alguém chorando. Logo a multidão em torno dela aumentou. Os homens começaram a rir-se constrangidos e faziam observações. Duas criaturas aparvalhadas, de cabeças raspadas e suíças, que não se poderia dizer se eram rapazes ou homens, faziam gestos um para o outro e riam-se deliciados. O de nariz de bolha fez um comentário sobre as ações de Gordana.

- Uma nova lágrima se forma no seu olho esquerdo, minha gente. Vai ser uma beleza, aposto; e tenho visto lágrimas... Sou o Campeão Mundial Localizador de Lágrimas, sou o Número Um! Sim: a lágrima incha, vai caindo, é linda, muito nítida, cai suavemente, eu diria antecipando... Ela não tem marido; é apenas uma garota divertida numa hora pouco divertida; e agora outra lágrima cresce no seu olho direito! Não, não: vejo lágrimas em ambos os olhos! Oh, realmente uma representação é o que vejo aqui! Ela tenta apanhá-las num lenço, faz um barulhão...

- Socorro! - disse Gordana a seu filho não-nascido. Era a primeira vez que se lhe dirigia antes de ouvi-lo falar.

- "Trouxe-a aqui para que você pudesse tornar público o último desenvolvimento".

- Você me trouxe aqui?

- "Posso comunicar-me com você em mais de um nível consciente, e alguns de seus níveis mais baixos são muito acessíveis à sugestão".

- Não quero ficar aqui! Detesto essa gente!

- "Eu também! Espera que eu nasça neste mundo, entre mentecaptos? O que pensa que eu sou? Não nascerei, a menos que o mundo melhore. Ficarei para sempre onde estou; está me ouvindo?"

Nesse ponto Gordana foi acometida por um ataque histérico.

Tiraram-na da velha igreja e puseram-na numa ambulância. Aplicaram-lhe injeções maciças de sedativos e mandaram-na de volta para o seu próprio nível de moradia.

Quando ela acordou, achava-se no seu próprio quarto, em sua própria cama; parecia uma montanha debaixo dos cobertores. Randy estava perto dela: acariciava-lhe a mão e parecia bastante deprimido. Ela pensou que ele talvez estivesse pensando no tempo em que ainda seria obrigado a dormir no chão (pois ela enchia toda a cama); mas quando ele a viu abrir os olhos, disse amargamente:

- Este nosso passeiozinho nos custou noventa e oito dólares de serviços públicos. Como iremos pagar?

Mas vendo que a ofendera, tentou desculpar-se. Sentia ter sido tão ordinário, mas pensara que ela tinha fugido. Não podia encontrar emprego, talvez precisassem sair do apartamento, e tudo aquilo não era um verdadeiro inferno? No fim, ambos choravam, e, abraçando-se, adormeceram.

Mas, sem saber, Gordana resolvera seu problema financeiro. Os homens da ambulância que a trouxeram para casa contaram o seu caso no Hospital da Maternidade, e agora uma fila de especialistas começou a chegar no seu apartamento. Não apenas ginecologistas, mas um sociólogo da Universidade do Terceiro Nível e um repórter de As Notícias do Terceiro Nível. Todos queriam investigar a declaração de Gordana: de que seu filho não nasceria, a menos que o mundo melhorasse. Como viviam numa sociedade de dinheiro, Randy não teve a menor dificuldade em tirar algum cobre deles, antes que entrassem para ver sua mulher. Em pouco tempo Gordana transfor-

mou-se em notícia, e as entrevistas redobram. O dinheiro jorrava. Randy comprou um boné de porteiro e voltou a sorrir.

- Está muito bem com você, meu bem - disse Gordana certa tarde, vendo-o entrar no quarto e atirar o boné para um canto. - Já estou cansada de dizer sempre a mesma coisa e posar para fotografias de perfil. Quando vai acabar isso?

- Meu anjo, sinto dizer que a qualquer momento. Nosso dia já se foi. Você já não é notícia! Já não é o fenômeno: é um entre muitos.

Ela atirou-lhe uma almofada e bateu o pé.

- Não sou nenhum fenômeno, nunca fui fenômeno, e você não passa de um horrível mascate ordinário quando diz que sou!

Ele pulou para junto dela e abraçou tudo quanto podia enlaçar num abraço.

- Eu não quis dizer aquilo, meu bem; não daquele modo; você sabe que não; sabe que a amo, embora há dez meses você me esteja interdita. Mas leia os jornais!

E apresentou-lhe um par de páginas coloridas.

A notícia vinha na primeira página. De modo algum era Gordana o único seixo na praia. Criança nenhuma nascia em todo o país, e havia centenas de milhares de casos de gravidez de dez meses. O ataque histérico de Gordana desencadeara toda a história fantástica. O mundo médico e o governo estavam perplexos, ou, segundo rezavam os cabeçalhos, *O GOVERNO ACOMPANHA A GREVE DA CEGONHA*. Um colunista estava inclinado a culpar o Bloco Comunista pelo transtorno, isso porém se diria altamente improvável desde que uma onda de não-nascimento foi noticiada em todas as partes do mundo.

Gordana leu cuidadosamente todas as palavras. Depois refestelou-se na cama e fitou o marido nos olhos.

- Randy, aqui não se fala na possibilidade de uma mulher poder comunicar-se com seu filho conforme eu posso.

- Segundo eu já lhe disse, meu bem, você é única - ora essa a palavra que eu procurava - única!

- Suspeito que todas essas mulheres grávidas podem falar com seus filhos como eu posso, mas você é a única pessoa a saber que o faço. Aquelas mulheres devem sentir-se como eu. É uma coisa particular. Quero que você prometa não contar a ninguém que posso falar com nosso filho. Promete?

- Ora, naturalmente, meu bem; mas que mal fará? Não faria dano, nem a você nem ao bebê.

- É instinto de mulher, Randy; essa a razão; pode-se depender dela. Os estranhos apenas explorariam o caso. Agora prometa: guarde segredo!

- Decerto, meu bem: prometo. Mas olhe aqui: o segredo estará desfeito por uma dentre esses milhões de mulheres grávidas, e então já não haverá mais segredo...

- Por isso é essencial você não dizer nada!

- Mas o rapaz ou a garota que primeiro o contassem ganharia um bom tutu se o fizesse no lugar certo!

- Randy!

- Poderíamos até nos mudar para os níveis mais altos, com luz natural e tudo, como você queria.

- Randy, desapareça da minha vista! Desapareça e não volte mais! Já não fez dinheiro bastante com a minha desgraça, envilecendo a nós ambos? Saia e arranje um emprego honesto; e não volte antes de arranjar um!

Randy estava num bar onde se servia um forte shlivowitz importado da Iugoslávia

para poupar a economia desse país, na ocasião em crise. O homem que o acompanhava ouvia o que ele dizia e lhe comprava mais shlivowitz. Chamava-se Paddy van Dyck e era Romancista de Psicologia Urbana do importante semanário Mine. Dizia ele:

- Esclareçamos o assunto, Sr. Hicks: diz que jamais ouviu o nenê falar?
- Quem o carrega no ventre: ela ou eu? Gostaria de saber! É uma espécie de telepatia, um telepatone - quero dizer, um sistema telefônico da corrente sanguínea; só os dois conversam; deixam-me completamente de fora. Ela já não me quer; disse-me que saísse para arranjar emprego; não gosta mais de mim.
- Creio que o senhor já disse isso, Sr. Hicks.

Van Dyck tirou do bolso uma grande quantia de dinheiro, cujo efeito foi deixar Randy mais sóbrio.

- Isto é para uma entrevista exclusiva e imediata. Que ninguém mais visite sua mulher a fim de entrevistá-la nestes sete dias subsequentes. Entendido?
- Jesus Cristo! Entendido! Você me convenceu. Deixe-me contar esse dinheiro.
- Vamos imediatamente para o seu apartamento.

Mas uma vez no edifício, a coragem de Randy caiu por terra. Lembrava-se da promessa que fizera a Gordana ainda recentemente. No saguão avistou Sônia Greenslade, que lhe fez um sinal de desaprovação; ela engordava a olhos vistos. Mas van Dyck não admitia hesitação, e Randy foi obrigado a abrir a porta e entrar.

Um homem estava sentado junto à cama de Gordana.

- Olá! Você trabalha depressa, hem? - exclamou Randy.

Sua mulher lançou-lhe um sorriso fascinante e estendeu-lhe uma mãozinha inchada.

- Venha, querido! Onde esteve? Refleti e mudei de ideia no que diz respeito ao nosso segredinho. Apresento-lhe o Sr. Maurice Tenberg, do CB Masterview. Vai entrevistar-me com exclusividade no mês que vem.

- Por um salário considerável, Sr. Hicks - disse Tenberg levantando-se e estendendo a mão. - Sua esposa é uma mulher de negócios deveras perspicaz.

Num movimento reflexo, Randy estendeu a mão. Estava cheia de notas de van Dyck. De repente foram ambos empurrados para fora. Randy olhou por cima do ombro, a tempo de ver van Dyck desaparecer. O homem sabia quando era superado.

O montão de equipamento da cubivisão na entrada obstruía a passagem dos ocupantes dos apartamentos, principalmente daqueles infelizes como Sônia e John Greenslade, residentes no mesmo andar dos Hicks. Ao atravessarem cabos e rodearem carrinhos de carretilha e monitores de escuta e dispositivos de força motriz, podiam enxergar o quarto dos Hicks, o qual perdera a personalidade de seus donos para se transformar num estúdio. A cama de Gordana fora substituída por um canapé à fantasia, e os trens de cozinha mais a pia se esconderam por detrás de uma cortina do tamanho da parede, adquirida no Departamento de artigos para teatro.

A própria Gordana estava pesadamente maquilada e vestida num vestido novo. Era a estrela de um programa comprido de uma hora, exibido em horário nobre na rede nacional. Um grupo de homens famosos haviam discursado sobre a baixa da natalidade (assim se chamava) e agora Maurice Tenberg entrevistava Gordana.

Com grande sutileza, acentuava o lado humano e sensacional do problema: a mulher amava o filho apesar da irregularidade, - novidade em um mundo onde havia seis semanas criança alguma nascera - e apesar desse notável fenômeno, no qual a mãe podia se comunicar em sub-voz com seu filhinho. Finalmente dirigiu-se direta-

mente para as câmeras 3-D.

- E agora vamos fazer algo que nunca antes se fez Vamos tentar entrevistar um ser humano enquanto ele ainda se acha no ventre. Vou interrogar Randy Júnior por intermédio de Gordana. Ela lhe falará em voz alta, mas quero acentuar que o faz por sua própria conveniência e não dele, Randy Júnior partilha da sua corrente sanguínea e assim parece apto a ter acesso a todos os processos mentais que se passam no cérebro da mãe.

Tenberg voltou-se para Gordana, e dirigindo a palavra na direção do seu estômago, disse:

- Pode dizer-nos em que espécie de mundo você vive aí embaixo?

Gordana repetiu a pergunta em voz baixa. Houve um longo silêncio, e depois ela falou:

- Ele diz viver num grande universo. Diz-se igual a um milhar de peixes.

- Essa resposta não é muito clara. Diga-lhe que responda com maior precisão. Tem ele consciência da diferença entre o dia e a noite?

Ela fez a pergunta, e percebeu que a resposta do filho crescia como uma maré para as praias do seu entendimento. Antes que o alcançasse, ela sabia que ia ser subjugada.

O feto em seu interior não podia vocalizar seus pensamentos melhor do que ela. Mas sem palavras, ele lhe arremessou um resumo pictórico e sensorial do seu universo, uma mixórdia fervente do ambiente em que vivia. Escuros edifícios de um milhar de devaneios, rostos se afogando, árvores, artigos caseiros, paisagens que majestosamente se intumesciam como oceanos em fúria, uma velha igreja em ruínas, incontáveis pessoas que a invadiam.

Aquele era o mundo de seu filho, respigado nela, lançado para trás - um mundo dele, flutuando em sua célula sem movimento e que não conhecia dimensões de espaço. Todas as coisas, até mesmo relances do deserto mais ermo ou dos mais altos edifícios surgiam achatados num estranho efeito bidimensional, à guisa de uma imagem desaparecendo numa caixa de cubo-visão quando o tubo estoura. Mas se o mundo do embrião não tinha espaço, tinha não obstante dimensões de tempo.

Em sua vida de devaneio, o embrião tivera liberdade para derivar até os mais profundos limites da mente materna e ali ficara dependurado além de um tempo, que a consciência de sua mãe não podia alcançar. Não tinha espaço, em verdade; mas tinha, com efeito, um grande universo!

Enquanto o fluir das imagens a sufocavam, levando-a a um profundo desmaio, Gordana viu sua mãe, sua avó, sua bisavó - estavam todas lá, ao que parece simultaneamente - todas as criaturas da sua linhagem materna, desde os inícios, na experiência mais vivida que tivera da vida humana... Eram rostos sorridentes que a olhavam sorridentes, singularmente parecidas, sorrindo lentamente enquanto desapareciam, rostos humildes, muito distantes no passado, com olhos ainda transbordantes de doçura, porém não mais humanos, tão-somente pequenos, astutos, desconfiados....

E sobre esses rostos maternos corriam grandes gotas de luz e sombra, à medida que os fatos cardeais da existência se faziam sentir, não como coisas abstratas mas tangíveis; o nascimento, o amor, a fome, a reprodução, o calor, o frio, a morte. Ela voltara a ser um mamífero, não mais uma pequenina unidade numa máquina trituradora da vida cujos dias negros eram representados num fundo de plástico e tijolo: ela era uma coisa viva, um mamífero inteligente, fugindo do frio em direção ao calor no apinhado reino animal, um conduto animado do distante passado de luz solar e sangue... Ela quis gritar diante da magnificência e do terror que sentia... Abriu a

boca, e dela saiu apenas um débil som animal.

Como era natural, o assunto compôs um CB altamente apreciável. Um médico precipitou-se para a sala de projeção e reviveu-a, e em poucos minutos Tenberg re-entetava a entrevista.

- Ele deu-lhe um choque, não foi, Gordana? Que foi que seu nenê lhe mostrou?

Ele respondeu de olhos fechados:

- O mundo do ventre. Vi o mundo do ventre. É um universo. Ele tem razão... Possui ele uma liberdade de viver por nós desconhecida. Por que quereria ele nascer neste mísero apartamento atravancado?

- Diz seu marido que você logo poderá mudar-se para outro apartamento acima do solo - disse Tenberg imperturbavelmente alegre.

Não se poderia dizer que Gordana lhe respondesse no mesmo tom.

- Ele pode vaguear para onde quiser. Não passo de uma mulher ignorante, todavia Ele pode descobrir em mim uma espécie de sabedoria que a nossa civilização de plástico e tijolo desqualificou... Ele é - meu Deus! - a mais integrada das pessoas que já conheci. Ele viu...

Vendo que Gordana estava a pique de chorar, Tenberg agarrou-lhe o punho e disse com firmeza:

- Ora, Gordana: estamos fazendo uma certa digressão, e já é tempo de fazermos outra pergunta a seu filho. Pergunte-lhe quando vai nascer.

Obediente, Gordana se conteve e repetiu a pergunta. Pela sua resposta, percebeu que também Randy Júnior se cansara das tentativas de comunicação. Sua resposta saiu palidamente e sem calor emocional, mas Gordana pôde repeti-la em voz alta enquanto Ele a sub-vocalizava

- Diz ele que, à semelhança de todos os nenês parecidos com ele, decidiu não nascer neste nosso mundo. É nosso mundo, nós o fizemos, nós temos de conservá-lo. Mas eles não querem. É para eles um lugar muito desagradável... Não entendo... Oh, sim: Ele quer que se comunique esta mensagem a todos os demais bebês, para que eles controlem a sua alimentação a fim de não mais crescerem e a fim de não incapacitarem suas respectivas mães para o futuro. Daqui em diante eles permanecerão como uma sub-raça parasita...

Sua voz sumiu e morreu quando percebeu o que dizia. E foi nessa declaração decisiva que o mundo inteiro refletiu na manhã seguinte. Foi o ponto exato em que (segundo observou um comentarista) a Escassez de Bebês se transformou, de divertida pilhéria, numa conspiração nacional (pois Randy Júnior conseguira comunicar-se, através de suas mães vigilantes, com todos os outros bebês ainda não nascidos) e numa catástrofe global.

No apartamento dos Hicks irrompeu o pânico, e o diretor do programa se precipitou para fazer Gordana calar-se. Mas ainda lhe restava algo a comunicar ao mundo de parte de seu filho. Olhos fechados, ela levantou imperiosamente uma das mãos, pedindo silêncio:

- Diz ele que para si e para os da sua espécie, os fetos, a sua vida é a única vida, a única vida completa, a única vida sem isolamento. O nascimento de um ser humano é a morte de um feto. Nas religiões humanas que falam de uma outra vida, ela era apenas uma pálida lembrança da vida anterior do feto. Até aqui, a raça humana apenas sobrevive graças ao feticídio. Os humanos são fetos mortos andando. Daqui por diante, só haverá fetos...

Depois disso, as crises - financeiras, políticas, nacionais, econômicas, educacionais, sociológicas, e morais - sob as quais o mundo cambaleava - não eram nada. Se os fetos falavam sinceramente, a raça humana estava no fim: literalmente, havia um

traidor dentro da cidadela...

Nas maternidades, realizaram-se muitas operações de emergência. Os homens não podiam suportar serem derrotados por simples crianças ainda não nascidas. Por toda parte médicos faziam operações cesarianas. E por toda parte os resultados eram os mesmos. As crianças afetadas morriam. Era frequente as mães morrerem com elas. Dentro de poucos dias, a maioria dos países classificou tais operações de ilegais.

Gordana ficou imune a essa onda de pânico. Era demasiado famosa para mexerem com ela. Foi nomeada Presidenta das Perpetuamente Prenhes, mandaram-lhe presentes, dinheiro e conselhos. Não obstante isso, ela permanecia deprimida.

- Vamos, meu bem, sorria para o papai! - exclamou Randy ao voltar para o pequeno apartamento após a momentosa entrevista. E tomando-a nos braços disse: - Sabe de uma coisa, Gordinha, vamos lá para cima ver o seu novo apartamento. Está arranjado... isto é, não está de todo arranjado, mas podemos ocupá-lo, depois faremos a decoração e nos mudaremos o mais depressa possível.

- Querido Randy, você é tão bom para mim! - disse ela, tristemente.

- Decerto que sou bom para você, meu bem - quem não o seria? Mas você nem ao menos me pergunta quantos andares acima fica o nosso apartamento? Catorze, acima do nível do solo! Que tal? E teremos dois quartos! Que tal, meu docinho?

- Maravilhoso, Randy.

- Sorria ao falar assim!

E saíram para ver o apartamento. Os ocupantes acabavam de morrer - pelo menos a mulher morrera, e seu marido submetera-se à eutanásia - e estava tudo em desordem. Mas era bonita a vista das janelas, que só davam passagem à luz natural. Mesmo assim Gordana continuava deprimida. Era como se a vida se lhe tornasse um fardo demasiado pesado.

Devido à demora legal e ao atraso dos decoradores, passou-se um mês antes que Gordana e Randy se mudassem para o novo apartamento. No último dia que passaram no velho, Gordana foi dar um comovido adeus a Sônia Greenslade, cuja gravidez estava de tal modo avançada, que ela e a criança já podiam se comunicar. Gordana sentiu uma inesperada relutância quando chegou a hora de deixar o velho ambiente.

- Está feliz aqui? - perguntou Randy a Gordana após uma semana de residência em seu novo lar.

- Sim - respondeu ela. Estava sentada em um novo canapé que à noite se convertia em leito - não mais catres enrolados no teto! Randy estava sentado no peitoril da janela, olhando lá embaixo a cidade pululante. Já não trabalhava nem procurava emprego. Uma vez na vida tinham dinheiro suficiente e aproveitavam para descansar, comer e beber demais.

- Sua voz não é a de uma pessoa feliz, diria eu...

- Sou feliz, sim. Só que parece que nos vendemos - a nós e à criança.

- Obtivemos um bom preço, não foi?

Ela se encolheu diante do cinismo de Randy. Ergueu-se lentamente em seguida, e fitou-o firmemente

- Vou voltar ao terceiro andar para fazer uma visita a Sônia - disse. - Não temos amigos neste andar.

- Diga antes que a aborreço!

- Randy: eu apenas disse que ia visitar Sônia.

- Então vá. Não precisa cantar e dançar por isso... No seu estado lhe seria difícil dançar... Mas pelo amor de Deus, Gordinha: por quanto tempo ainda você vai pesar

na minha vida nesse estado montanhoso?

Ela o encarou.

- Por todo tempo que meu filho quiser. O assunto não depende de você.

Randy desceu do peitoril.

- Sabe o que estou pensando? Em suas relações imorais com esse feto! Acho que podia divorciar-me de você com base em...

Parou e agarrou-lhe o braço, escondendo no ombro dela a dor que se lhe estampava no rosto.

- Perdão, querida; não vou perder as estribeiras. Você sabe que a amo; mas por quanto tempo ainda vocês mulheres vão empestear este mundo?

Sônia ficou encantada em rever a velha vizinha. Convidou Gordana a entrar, e ambas se sentaram penosamente num canto da salinha, bem juntas uma à outra. John Greenslade ficou na outra extremidade da sala, lutando com a sua Bíblia e a Civilização Ocidental. Era um homenzinho cabeludo, não muito mais alto que a mulher e decididamente mais magro. Trazia um velho par de calças e uma camiseta, e espionando através das lentes de contato emitia de vez em quando uma sentença ou duas ao seu gravador; mas a maior parte do tempo cocava a cabeça, murmurando e consultando as montanhas e os alpes de grossos volumes empilhados à volta. Não dava atenção às mulheres.

- O meu vai ser um meninozinho, isto é, o meu é um meninozinho, quero dizer. Um feto menininho - confidenciou Sônia batendo os cílios. - Não fiz nenhuma roupinha nem preparei seu berço, parece que assim poupa-se dinheiro, não acha? Seus pensamentos me chegam lindamente, agora ele fala muito bem, e ainda não tem oito meses, imagine! É excitante!

- Não sei. Todo o tempo me sinto um tanto deprimida.

- Ora, isso passa! Veja-me, por exemplo: absolutamente não me sinto deprimida; e sou bem menor que você, de modo que acho difícil carregar Joãozinho. Parece pesar-me no pélvis, logo aqui. Quando ele ficar mais comunicativo, talvez eu consiga fazer com que ele mude um pouco de posição. Tenho câimbras, não posso dormir, sinto-me inquieta, mas não fico deprimida. E o que é melhor, Joãozinho já parece interessado no que John está escrevendo. Quando John lê sua obra em voz alta, posso sentir Joãozinho beber-lhe as palavras. Acho que não se trata de imaginação; Ele bebe mesmo! Vai ser na certa um erudito!

Gordana interrompeu aquela fala que ameaçava tornar-se monólogo.

- Randy Júnior já não fala muito. Sinto um sentimento de culpa: perdi sua confiança ao consentir que fosse entrevistado diante de todo mundo. Mas Ele está ativo lá embaixo. Não sei explicar, mas às vezes sinto que ele vai me dominar e dirigir como se eu fosse um automóvel!

- O que de certo modo somos mesmo, benditos sejam!

- Sônia, eu não sou nenhum automóvel!

- Não, pessoalmente não, naturalmente. Mas nós mulheres somos usadas como escravas; não somos? Dos homens, certamente; por que não dos nossos bebês?

- Você andou lendo demasiado a Bíblia!

- Como diz John, há carradas de bom senso nesse velho livro.

- Malditas mulheres! Não podem falar mais baixo? - berrou John esparramando dicionários...

Passaram-se dias, e semanas e meses. Não nasceu nem um feto. Os fetos do mundo uniram-se. Preferiam a sua vivaz e segura pré-vida aos azares da existência

humana. As vastas somas de dinheiro que até então eram dedicadas à defesa, foram canalizadas cada vez mais para as pesquisas referentes ao nascimento.

Uma parte desse dinheiro serviu para pagar os serviços de um notável psiquiatra, o Sr. Herbert Herbinvove, um homenzarrão pastoral de olhos sagazes, verruga cabeluda numa das faces, e umas maneiras tão gentis, que lhe conferiam ares de sonâmbulo. Fora indicado para tirar sentido do estado de Gordana, por isso se encontravam todos os dias por uma hora.

Nessas sessões, Herbinvove convencia Gordana a recordar o seu passado e os devaneios de seu filho não nascido. Tomava abundantes notas, abanava a cabeça com um ar sábio, fechava os olhos e saía sorrindo todas as manhãs às onze e meia.

Perdurando isso por algumas semanas sem resultado aparente, Gordana perguntou-lhe:

- Chegou a alguma conclusão, Herbert? O homem piscou-lhe levemente um olho.
- Surpreendentemente, sim. Minhas suposições se baseiam na opinião a que cheguei: de que você é mulher.

- Não diga!

- Digo, sim, querida. Isso é coisa que a humanidade jamais levou seriamente em conta: a feminidade das mulheres. Como foi que o seu feto, e todos os demais fetos, começaram de repente a comunicar-se com vocês? A razão é porque os fetos sempre fizeram isso com suas mães; também porque os meses de gravidez são uma época de tantos sonhos para a maior parte das mulheres. Se agora o fato se tornou mais aparente, isso se deve à crise; mas as mulheres sempre estiveram em contacto com as verdades da vida que o bebê Randy lhe expôs. O homem está separado de tudo isso; tem ele de construir o mundo externo, sem esperar grande ajuda de suas mulheres. O mundo que, segundo eles dizem, é o mundo dos homens. Cada vez mais, nestes últimos séculos, o mundo externo deixou de se parecer com a realidade que as mulheres conheciam subconscientemente. Quando o conflito entre os dois opostos se tornou suficientemente agudo, os fetos foram postos num estado de excitação - com os resultados que agora experimentamos.

De repente o riso a subjugou. Parecia tão idiota, tão fantástico o que o homem dizia! Como se soubesse o que era ser mulher!

- E o que... e o que... - disse ela controlando-se - e o que o senhor está dizendo é mais parecido com a realidade ou com o mundo exterior?

- Sra. Hicks, a senhora ri como uma mulher enferma! O homem adaptou-se a este mundo, a mulher malogrou. A mulher fez finca-pé no mundinho da realidade. A senhora encara o assunto com muita leviandade. A menos que a senhora e as mulheres como a senhora façam um esforço e entreguem as mercadorias, não haverá espécie alguma de realidade à qual se possam ajustar, pois a raça humana se extinguirá.

- Como se atreve a chamar meu filho de "mercadoria"? Ele é um indivíduo, existe por si mesmo e não por uma abstração como a raça humana. Essa é mais uma das ideias do homem, se é que já ouvi alguma!

Ele sacudiu a cabeça tão docemente, que parecia estar embalando a si próprio para adormecer.

- Você mais do que confirma o meu diagnóstico.

Ficaram calados algum tempo, depois Gordana perguntou: - Herbert, conhece a Bíblia?

- A Bíblia? Ela já foi há muito desmascarada como manual de cosmologia; e como livro de etiqueta, está inteiramente fora da moda. Nunca a li. Por que pergunta?

- Contou-me um amigo que ela diz, "crescei e multiplicai-vos". Será que não foi

uma mulher que a escreveu? - E ela voltou a rir. Mas o som da voz de seu filho interrompeu-lhe o riso.

- "Mamãe, o que é ser homem? Por que é tão diferente?" Ela se esquecera, como sempre acontecia, que todas as suas conversas eram franqueadas a Randy Júnior, nem bem ela as registrava na mente.

- Perguntas bobas, meu bem. Volte a dormir - disse ela.

- O que foi que ele perguntou? - inquiriu Herbinvore, mais tranquilo do que nunca.

- Não ligue - resmungou ela. Mas Randy repetia as perguntas. Repetiu-as mesmo depois que Herbinvore saiu - a tarde inteira, como se não pudesse acreditar existirem coisas que a sua onipresente anfitriã não soubesse. Só silenciou quando Sônia chegou de visita.

Sônia estava lacrimosa e despenteada. Agarrou Gordana e fitou-a com olhos esgazeados.

- Seu marido está aqui?

- Não. Como sempre, está fora.

- Ouça, Gordana: meu nenê ficou louco de dar nó! Queria saber uma porção de coisas que eu não sabia responder, de modo que pedi a John que as respondesse. Foi quando Joãozinho se mostrou interessado no trabalho de John, e você sabe como eles são. Simplesmente não pude satisfazê-lo. E hoje de manhã (o que você acha?) me ordenou trabalhar com o gravador quando meu marido dormia, apossou-se da minha mente e fez-me escrever as bobagens mais malucas!

E acenou para Gordana com uma fita. Gordana apanhou-a, mas Sônia lhe arrancou da mão.

- Se você a ouvir, vai pensar que meu bebê enlouqueceu. Ele digeriu tudo quanto meu marido pensou, misturou tudo, e você pensará que ele ficou louco. Na realidade, acho mesmo que ficou...

E rompeu em gemidos de desventura. Gordana agarrou a fita e meteu-a no gravador de parede.

A voz de Sônia encheu o aposento - a voz de Sônia, porém dificilmente reconhecível como tal, ao pronunciar um tal chorrilho de bobagens.

"Aqui não apto, porca não apta, falar não apto, era o ogre dos três ogres, mescalina, feminina e deuteronomio, e por suas botas os conhecereis. E aconteceu água, e a treva cobriu a face da terra, de modo que a terra tinha face e não podia ver-se no eu, segundo foi profetizado mesmo nos dias dos profetas menores, principalmente daqueles nascidos da estirpe do Rei Bluf Hal, do Rei Hal Bluf, e, naturalmente, da Rainha Bess, a Boa. Embora ela possuísse uma alma de mulher, possuía corpo de homem, que conservava escondido para que ninguém pudesse ver. Ai da mulher que cometer deuteronomia!... O primeiro tratado era mais curto do que esses que vocês estão usando. O excelente Tuck; todavia, em verdade, entre você e eu e esta magamorte, a estirpe real não passará, tampouco a terra dos Ambissauros que devoram no gelo os políticos de trenó, nem o sol de manhã nem a lua em Junho, e todo o tempo que estes rios deixarem de correr este tratado permanecerá entre nós embora passem as dinastias; você, você e você, e seus ares e atributos e todos os que herdarem, isto é, sua mãe, sua sogra, filha, serva, jumento, boi, irmã, governanta, afilhada ou qualquer outra espécie de fêmea deuteronomica, aqui mencionada como Os Editores, não fabricarão Bebidas Alcoólicas na propriedade nem permitirão que algo fermente ou apodreça exceto no terceiro domingo da

Sexagésima, Boadicéia ou Cleópatra, até a terceira e a quarta degeneração, para sempre Amém”.

Na sala o silêncio aumentava, até que Sônia disse com voz débil:

- Como vê, é inteiramente sem sentido...

- Mas pareceu-me que tinha até muito sentido - disse Gordana.

O feto em seu interior fazia um ruído que mais parecia risada. A seguir falou:

- “Agora acredita em Santa Claustrofobia?”

Gordana disse imediatamente:

- Sinto muito, Sônia, você precisa sair daqui antes de infeccionar Randy Júnior com essa loucura. Ele já começa a falar bobagens.

E sem maior cerimônia empurrou a amiga grávida para fora da porta, e, ofegante, fechou-a e encostou-se a ela.

- Vai querer amedrontar-nos, não é? - disse em voz alta.

- “Você sofre de geotropismo negativo? Lembra-se das pulgas que subiam? Bem sabe o que faziam.”

- Atormentavam as andorinhas! Mas você não será pulga, mas homem!

- “As pulgas subiam em busca da luz. Faça-se a luz, faça-se a luz!”

Chorando mansamente Gordana subiu para a cama, deitou-se, e começou a dar à luz.

Randy Hicks, Herbert Herbinvore, Maurice Tenberg, o Prefeito da cidade, o Diretor da Maternidade, uma ginecologista e sua assistente, três enfermeiras e um rapazinho engraxate que aconteceu passar por ali, rodearam a cama de Gordana, admirando-a e ao bebê que dormiam o profundo sono só propiciado por um sedativo.

- Ficaré boa - murmurou Herbinvore para Randy, numa postura de relaxamento incomum nos outros homens. - Tudo opera segundo minhas previsões. Não se esqueçam: todas as manhãs, das onze e meia até meio-dia e meia, eu consultava a sua amiga Sônia Greenslade, e pude saber como esses fetos se sentiam. Eles gostam do seu pequeno mundo, mas já o estavam superando. Lembra-se o que seu filho disse a respeito de um feto: que este precisava morrer para um homem nascer?

Randy aquiesceu com um gesto mudo.

- Então imagine como um homem se sentiria se a sua vida fosse anômala prolongada para duzentos anos; Ele suspiraria pela morte e por aquilo que os nossos supersticiosos ancestrais teriam chamado “Luz do Além”. O pequeno Randy sentiu-se assim. E a hora chegou, em que ele teve de subjugar todas as forças que lhe eram contrárias e teimar em nascer.

Randy arrancou-se do seu aturdimento. Estava desejoso de ajoelhar-se e abraçar sua mulher adormecida, mas receava que as enfermeiras zombassem dele.

- Espere aí, doutor: que queria dizer afirmando que ele tinha de subjugar as forças que lhe eram contrárias? Que forças? Em primeiro lugar, a ideia de não nascer era dele mesmo...

Tão-somente uma vaca adormecida num prado de alta relva poderia ter balançado a cabeça com tanta mansidão como fez Herbinvore para contradizer...

- Não, não, não; receio que não. As coisas não eram como podiam parecer a leigos como você. Segundo hoje de noite direi ao mundo através da CB, os fetos realmente não podem optar na matéria. O mundo estava em crise (numa meia dúzia de crises) e as mulheres repentinamente mostraram-se atacadas de neurose em massa. Pode-se até dizer que a tensão mundial paralisou mulheres como Gordana, paralisou suas contrações uterinas, de modo que o nascimento não podia realizar-se. Há exemplos no reino dos insetos (entre as moscas, por exemplo) de criaturas que po-

dem controlar sua própria gravidez até o momento oportuno, de modo que esse incidente não é de todo sem precedente. As mulheres é que não queriam filhos; nada tinha a ver com o que os filhos sentiam.

- Mas o senhor ouviu o que meu bebê... o que Randy Júnior disse!

- Não, Sr. Hicks, não ouvi. Jamais o ouvi pronunciar uma palavra sequer. Nem o senhor ouviu. Só temos a palavra das mães relutantes, que afirmavam ouvir seus nenês falarem. A ideia é uma grande bobagem. A telepatia também é bobagem, pura idiotice! A ideia era apenas uma parte da neurose em massa das mulheres. Agora, como parece que o mundo volta à normalidade, todas estão dando à luz. Garanto que amanhã já não haverá nenhuma gravidez encruada!

Randy viu-se obrigado a cocar a cabeça, mas os pensamentos que ali redemoinhavam não queriam vir à tona.

- Com efeito, vou dizer-lhe algo mais...

Mas Randy já ouvira demasiado. Subtraindo-se à visão hipnótica de Herbinvore a pontificar, enfrentou as enfermeiras e atirou-se ao lado de Gordana. Erguendo-se delicadamente, ela o enlaçou com um dos braços. O bebê abriu os olhos azuis e fitou o pai com um ar inteligente e entendido.

Imperturbável, o psiquiatra continuou, para o maior bem de todos.

- Digo-lhes algo mais. Quando completei o meu diagnóstico, hipnotizei ligeiramente a Sra. Greenslade a fim de convencê-la a escrever as bobagens que escreveu. Tanto bastou para que as mulheres tomassem juízo... Tenho a sensação de que, ao ser escrito todo esse caso em tempos futuros, Ele venha a ser conhecido como "*A Síndrome de Herbinvore*".

Deitado na cama, o bebê fitou-o com um ar inteligente.

- Maluco! - disse.

A GUERRA CONTRA OS VITORIANOS,

A. D. 2000

A notícia golpeou Nova Iorque a tempo de sair nas edições da tarde. Nenhum editor a publicou em grandes cabeçalhos, mas lá estava ela, suficientemente clara, nas primeiras páginas:

MUITAS MORTES NA CATÁSTROFE DO CASTELO

e

A RESIDÊNCIA DA RAINHA DESMORONOU

e

ATACAM OS INIMIGOS DA INGLATERRA?

Douglas Tredeager Utrecht comprou dois jornais ao abrir caminho para o Hospital Superior de Alienados de Lexington, onde cumpria um contrato de Conselheiro-Chefe. As notícias não diziam tudo quanto ele desejava saber, mas isso era natural em se tratando de notícias. Nenhuma delas mencionava o seu amigo inglês, Bob Hoggart.

Diziam apenas que, no começo da tarde, uma tremenda explosão (que podia ser obra de potências estrangeiras hostis), havia soterrado os terrenos do real parque de Windsor, Berkshire, Inglaterra, e feito em ruínas a maior parte do Castelo de Windsor. Felizmente, a rainha não se encontrava lá. Desapareceram cinquenta e sete pessoas, provavelmente teriam morrido, e o rol de mortos aumentava. O Exército mobilizava-se e o Gabinete Inglês se reunia para discutir a situação.

Utrecht não tinha tempo de se apoquentar com o caso, conquanto ele o preocupasse. Ao entrar no Hospital Superior de Alienados, o Dr. Froding o agarrou pela lapela.

- Ah, Utrecht, você chegou! Trata-se do seu caso de grave dissociação. Ele atacou a enfermeira! Inexplicável isso num cliente tão tranquilo... Ou antes, só explicável à luz da ânima-hostilidade, o que dificilmente combina com o resto do seu procedimento.

Vamos vê-lo?

Utrecht sempre relutava em visitar Burton. Ficava alarmado ao descobrir a atração que sobre ele exercia o mundo psicótico da fantasia do enfermo. Mas Froding não era apenas um especialista em alma: era homem convincente. Aquiescendo com um gesto de cabeça, Utrecht seguiu-o pelo corredor, avançando o seu rabugento rosto de rena, como se farejassem culpa e perigo.

Burton estava amontoado a um canto do quarto - postura característica. Era miúdo, pálido e tinha barba. Naquele dia parecia ter sua atenção voltada para o mundo real; seus gestos eram cortesies, e incluíam a fadiga que com tanta frequência faz parte da cortesia, conquanto ali parecesse algo mais, como se o homem acenasse para a distância, e lançasse enfraquecidos apelos pedindo ajuda. E nós todos não fazemos isso? - perguntou-se Utrecht.

- Estamos todos muito felizes em receber sua majestade - disse Burton, indicando uma cadeira cravada no piso, onde Utrecht podia sentar-se. - E hoje, como está a imperatriz?

- Presentemente está ausente - disse Utrecht. E sacudiu a cabeça para Froding, que retribuiu o aceno e desapareceu.

- Ausente, hem? No presente está ausente. Suponho que voltou a viajar. Bela mulher a imperatriz, majestade, mas devemos reconhecer que todas as suas viagens são de natureza compulsória.

- Com certeza, Herr Freud; mas prefiro discutir seu próprio caso. Desejo particularmente saber por que foi que você agrediu a enfermeira.

Burton assumiu um ar conspiratório.

- Esta nossa Viena, majestade, está infestada de revolucionários nos dias que correm. Deve saber disso. Croatas, magiares, boêmios, é um nunca acabar. Essa enfermeira pretendia chegar até sua majestade por meu intermédio. Está a soldo dos assassinos sérvios.

Burton estava convencido de que era Sigmund Freud, mas com a sua pequena estatura e barbicha cor de cobre, mais parecia Algernon Charles Swinburne, o poeta vitoriano. Estava convencido de que Utrecht era o Imperador Francisco Primeiro, de Áustria. Esse confuso estado mental se alternava com períodos da mais completa catatonia. Ano a ano, as doenças mentais se tornavam mais complexas no mundo, rumo à indiferença última uterina, enquanto a população, sempre aumentando, irradiava por todos os lados altas doses de interferência psíquica.

Embora o caso de Burton fosse apenas um entre muitos, sua fascinação-repulsão para com Utrecht era ímpar, e se ligava, diretamente, em nível subliminar, à tarefa que o induzira a enviar Bob Hoggart a Londres. Muitas noites ele fizera companhia a Burton, confirmando o homenzinho no seu papel, ouvindo-o falar da vida em Viena no século dezenove.

Como resultado, Utrecht conhecia Viena muito bem. Sem nenhum esforço, podia ouvir o ruído dos coches nas ruas, ir à ópera ou aos pequenos cafés, sentir as correntes cruzadas que de todos os cantos da Europa derivavam para a capital dos Habsburgos. Em particular, podia entrar nas casas e nos lares. Havia um lar que ele amava, e onde avistara uma bela garota com uma pena de pavão; ali, as paredes eram claras e simples, e as salas iluminadas com peças de mobília envernizadas de escuro. Mas também conhecia as casas apilhadas dos conhecidos de Freud, abrira caminho para sofás de crina super-estofados, derrubando uma toalhinha turca de uma mesa ocasional, roçando avencas e palmeirinhas plantadas em vasos. Contemplara desgastados volumes, demasiado pesados para a gente poder erguê-los, e que continham gravuras de vestimentas dos Alpes Bávaros ou cenas do Egito dos Kedi-

vas. Encontrara Johannes Brahms numa recepção, ouvira recitais do Padre Liszt e valsas de Johann Strauss... Conhecia - ou parecia conhecer - Elizabeth de Áustria, a bela mas infeliz mulher de Francisco José, e de vez em quando surpreendia-se a identificá-la com sua esposa condenada, Karen. Sentia-se perfeitamente à vontade naquele distante mundo vitoriano - muito mais à vontade do que deveria sentir-se um alienista de reputação internacional no ano 2000.

Naquela tarde, enquanto Burton resmungava sobre traição e conspirações palacianas, a atenção de Francisco José divagava. Tinha para diagnosticar uma ilusão muito maior do que a loucura de um homem. Sabia que ele, seus companheiros, sua mulher enferma, o grande mundo em alvoroço enfrentavam um desastre iminente. Continuava todavia a dispensar uma segurança automática a todo mundo, enquanto se sustentava no seu papel de imperador.

Quando afinal se afastou de Burton, viu Froding que passava pelo corredor.

- Ele está muito perturbado?

- Não compreendo o sujeito - disse Utrecht. Depois lembrou-se: Ele não era o imperador, por isso não devia falar como se fosse. - Oh... agora está tranquilo, talvez caminhando para a regressão. Pulso normal. Que o ponham no Alerta "A" esta noite.

Despedindo-se laconicamente de Froding, precipitou-se para o consultório. Ainda podia apanhar um boletim de notícias de quatro minutos. Ligou a escrivaninha 3V, abriu o computador de bolso e nele inseriu os dados inúteis, contidos no relatório sobre o Castelo de Windsor. E acrescentou à maquinazinha: "Mais detalhes quando chegarem novas notícias. Nesse ínterim, Burton. Ele agrediu sua enfermeira Phyllis. Mascarado de Freud, diz-se revolucionário. Parece que a revolução lhe domina todo o pensamento nos dias que correm. Também reclama contra uma conspiração anti-semita contra ele na universidade. Complexo do tema de perseguição multi-psicótico. Sinais de que a sua condição mental se deteriora".

Desligando o aparelho por um momento, Utrecht engoliu um tranquilizante. O estado mental de todos se deteriorava, à medida que se deteriorava o meio ambiente. Burton fora traiçoeiramente posto para fora da presidência de uma sociedadezinha de bairro que ajudara a fundar: foi o suficiente para derrubá-lo. Utrecht deixou de pensar nele.

Ignorou os anúncios que corriam na tela do 3V e deu uma olhadela nos boletins rotineiros do hospital, amontoados sobre a sua escrivaninha. No setor da Pressão Cerebral Dimpsey, os números em todas as enfermarias haviam subido .05 em relação aos da véspera. Aumentavam todos os anos - firmes e impassíveis - mas esse era o pulo maior. A Norma Mundial de Normalidade fora mais uma vez excedida; teria de ser comunicada oficialmente, antes que o alarma se espalhasse. Pelos padrões de noventa, o mundo inteiro estava louco; pelos padrões de setenta, era um enorme manicômio. Havia sujeitos que dirigiam bancos, exércitos, até indústrias maiores, e que provavelmente já haviam estado na última curva dentre os três mil e duzentos e seis modos de Dimpsey. A sociedade fazia o que podia para enfrentar sua própria loucura; mais de um tipo de paranoia era considerado uma qualificação indispensável para a promoção em muitas organizações financeiras.

Provindo da tela do 3V, chegava a Utrecht uma voz untuosa:

- Algum dia sentiu que este mundo é demais para você? Algum dia já teve vontade de gritar no meio de uma multidão? Algum dia já quis assassinar a todo mundo no seu edifício de apartamentos? Tome uma Draculina... De repente, você fica só!... É só engolir uma Draculina... Lembre-se: quando se sentir superpovoado, tome uma

Draculina... De repente, ficará só! - Naquele tempo, uma catatonia provocada por drogas valia seu peso em ouro.

Lutando sob suas responsabilidades, reconhecidas ou secretas, Utrecht confessava a fascinação daquela voz untuosa de sereia. Estava sobrecarregado de muitos papéis. Uma parte da sua mórbida atração para com o caso Burton residia no fato de que gostava de passar por Francisco José, casado com a bela Elizabeth. Era a parte mais descansada de sua existência!

A voz untuosa desapareceu, as notícias espocaram. Utrecht ligou seu computador de pulso. Uma fotografia do Castelo de Windsor se intumescceu no 3V e confrontou Utrecht. Ele olhava atentamente, nem sequer piscava, enquanto se exibiam cenas do desastre. Pouco restou da residência dos anacrônicos reis britânicos, exceto uma torre redonda. Foi uma demolição espantosa e completa. Não deixou cascalho nem pó: deixou apenas o chão nivelado, onde um dia existiram o edifício e parte da cidade.

Dizia o comentarista:

- O castelo histórico se achava apenas na fímbria de uma vasta superfície destruída. Nunca antes um único golpe destruíra tanta coisa da preciosa herança britânica. O histórico Colégio de Eton, durante séculos o viveiro de futuros aristocratas, fora dizimado. Altar do mundialmente famoso e histórico século dezenove da Rainha Vitória, em Frogmore, situado a uma milha distante do castelo, foi completamente arrasado.

Bob Hoggart! Matei-o, enviando-o para lá! - falou Utrecht com seus botões. Desligou, já não queria ouvir a infrutífera discussão sobre se fora ou não o inimigo o autor da destruição do castelo; Ele sabia de onde viera a terrível destruição.

- Hoggart - disse ele ao computador de bolso. - *Decerto você tem um relatório de seus movimentos na ocasião do desastre de Windsor. Veja o que encontra.*

Disse a pequena máquina:

- *Hoggart foi programado para trabalhar o dia inteiro no Real Mausoléu, para disfarçar a sua atividade principal, isto é, investigar o cemitério anexo, onde está enterrado um menor número de realezas. Na ocasião do desastre, Hoggart podia na realidade estar no Real Mausoléu. Predição de probabilidade de morte, baseada em dados parciais: cinquenta e seis vírgula nove por cento.*

Disse Utrecht, afundando o rosto nas mãos:

- Então Bob morreu... A culpa é minha... Minha culpa, minha maldita, eterna culpa! Assassino... pior que assassino! Hoggart era apenas um simples mas corajoso restaurador de altares, nada mais. Mas subconscientemente eu o manobrei para alcançar uma posição onde era certo ele encontrar a morte. Por quê? Por quê? Por que na realidade odeio um homem que pensava amar? Por causa de alguma tendência homossexual, talvez, que tinha de ser sufocada? - e Utrecht sentou-se.

- Recomponha-se, Douglas! Está se afundando numa depressão masoquista, acentuada por esse seu síndrome recorrente de culpa! Hoggart era um bom homem, sim; você lhe ordenou que fosse a Windsor, sim; mas você recebeu ordens do PINCS. (*Philadelphia Institute for Nineteenth Century Studies*. - N. da T.)

Não pode ser censurado. Os tempos são desesperados. Hoggart morreu pelo mundo, como nós também haveremos de morrer. Além disso, talvez não esteja morto. Vou informar o PINCS imediatamente.

Uma coisa ao menos estava clara; uma coisa ao menos se salientava em cores te-

míveis e intransigentes: o universo nunca estivera tão perto do desastre. A temida Rainha Vitória atacara e podia voltar a atacar.

Os Estados Unidos, no ano 2000, estavam crivados de pequenas sociedades semi-secretas. Dos seus quatrocentos milhões de habitantes, cada um pertencia pelo menos a uma dessas sociedades: sociedades grandes como a Sociedade Anti-procriação; sociedades pequenas, como Os Filhos de Alfred Bester Encarnado; sociedades malucas, como o Enclave Ípsilon Cascos-de-Cavalo e Come-Tudo; sociedades reservadas, como a Get Staf; religiosas, como A Dignidade do Homem e a Igreja dos Mulatos Berradores; sinistras, como O Sorriso Impossível; semi-eruditas, como Crentes em Freud na Sua Loucura, que o insano Burton havia fundado; e as sociedades para salvar o mundo, tais como, Tudo se Faz em Uma Fraternidade.

A esta última categoria estava filiado o Instituto de Filadélfia para os Estudos do Século Dezenove. Por trás da fachada calma e professoral de PINCS, operava um comitê secreto, composto de apenas uma dúzia de homens escolhidos na classe mais alta e mais influente da sociedade cosmopolita. Douglas Tredeager Utrecht era o membro mais humilde desse comitê; o mais humilde, e todavia o seu alvo era o deles, o seu desejo ardia tão ferozmente quanto o deles: desmascarar, e, se possível, aniquilar a verdadeira Rainha Vitória.

Os membros do comitê tinham seus próprios meios de comunicação. Utrecht saiu do Hospital Superior de Alienados e enveredou para a cabina telefônica mais próxima, mergulhando nas ruas apinhadas, cegamente avançando para frente. Usava seus protetores de cotovelo, porém mesmo assim a calçada era quase intransitável. O número de desempregados em Nova Iorque era tão grande, e o espaço em seus apartamentos repletos tão diminuto, que a metade da família achava a vida mais tolerável a qualquer tempo dormindo nas ruas.

Para desgosto de Utrecht, um casal com seu filho de oito meses que ela ainda amamentava, havia entrado na cabina; eram empregados da Companhia Telefônica e tinham prova de residência legal. Entretanto, como Utrecht provou mostrar que, àquela hora, ele também podia legitimamente fazer uma chamada, ambos tiveram de sair enquanto ele pedia o número.

Obteve três ligações erradas antes que Disraeli respondesse do outro lado da linha. A tela do vídeo continuou cega; na verdade obscurecia-a uma fraldinha molhada de urina durante a noite. Disraeli era um nome do código PINCS; Utrecht não sabia o verdadeiro nome do homem. Às vezes suspeitava que era o do próprio Presidente dos Estados Unidos.

- Aqui fala Florence Nightingale - disse Utrecht, identificando-se, e calou-se. Já havia munido o computador de pulso, que soltou um guincho de um sexto de segundo.

Fez-se um instante de silêncio. Um grito respondeu do outro lado da linha. Utrecht pendurou o fone e saiu, deixando a família retomar posse da cabina.

Para andar mais depressa, tomou um jinriquixá. Já fazia dez anos que os automóveis tinham sido banidos do centro da cidade; os jinriquixás davam trabalho a mais gente. Naturalmente era preciso ser-se Protestante e Caucásico para se habilitar às cobiçadas licenças de puxador de jinriquixás.

Ele teve a sorte de qualificar-se para um apartamento de luxo. Ele e sua mulher, Karen, tinham três salas no vigésimo quinto andar do Edifício Hiram Bucklefeather - bastante alto para fugir ao fedor e ao barulho das ruas. Geralmente, os elevadores também funcionavam. Só o aquecimento central falhou, o que não seria inconveniente na branda temperatura do outono, se Karen não tivesse uma tendência à cianose.

Estava ela sentada, lendo, enrolada num velho manto de peles, quando Utrecht en-

trou no apartamento.

- Querido, amo-o! - disse ela baixinho, erguendo o olhar, mas marcando o ponto da leitura com um dedo azulado. - Senti tanta falta de você!

- E eu de você. - Utrecht foi lavar as mãos no lavatório, mas não havia água.

- Trabalhou muito, meu bem? - (Pelo menos fingia estar interessada).

- Claro. - E ela voltou a mergulhar profundamente na leitura. Ele viu o título, pois Karen, tão renitentemente intelectual como no dia em que com ele se casara, seguira o livro de jeito que ele pudesse vê-lo: Vetores Simbólicos nos Estímulos Neurastênicos Emocionais. Ele fez o gesto de beijar os flácidos cabelos do crânio dela.

- O livro é bom?

- Hum. Absorvente. - A invalidez havia minado a sua habilidade de distinguir entre o falso e o verdadeiro. Talvez nossa única realidade sejam as nossas pretensões, pensou Utrecht. Acariciou o ombro de Karen; ela sorriu sem erguer o olhar.

Cathie se achava no quarto-de-serviço-com-cama, pachorrentamente preparando um pedaço anêmico de carne para a ceia. Não era mais substancial do que Karen, mas havia nela um cerne áspero e masculino, acentuado por sua pele morena e um leve buço penugento. De vez em quando ela mostrava um certo senso de humor. Utrecht batia-lhe no traseiro: era da rotina.

Cathie sorriu.

- Hoje em dia a carne cheira a silbestrol.

- Eu não sabia que silbestrol tivesse cheiro.

- Ou quem sabe é o silbestrol que cheira a carne.

Tudo lhes saía bem, pensou Utrecht ao fechar-se no banheiro. Com seus dois filhos, Caspar e Nero, formavam uma família de cinco, o mínimo permitido em relação ao espaço estipulado pelos regulamentos domésticos. Karen e Cathie tinham mantido uma relação lésbica desde quando se diplomaram, de modo que era natural levarem Cathie para morar com eles. O seu a seu dono, ela integrava bem. Era uma aquisição. E não era avessa à exploração do seu corpinho duro, feita de vez em quando por Utrecht.

Este abandonou ideias tão amáveis e voltou a atenção para o computador de pulso, que retardou o grito de Disraeli ao telefone, retransmitindo-o numa mensagem compreensível:

- Não tem importância Robert Hoggart ter ou não ter cumprido sua missão no Mausoléu. Sua destruição repentina prova concludentemente que ele, e nós, estávamos no caminho certo com a nossa hipótese Vitória. Agora operamos sob condições de Alta Emergência. Mensageiros PINCS secretos informam ao mesmo tempo o Pentágono em Washington e nossos aliados do Kremlin, em Moscou. Agora que a entidade conhecida como Rainha Vitória tirou a máscara, ela não hesitará em voltar a deformar a ordem natural. O fato de não haver atacado até agora, parece indicar que a Rainha não é onisciente; por isso temos uma chance. Mas é claro, PINCS está condenado se ela descobrir nosso segredo. Fique à espera da ação, dependente da palavra de Washington e Moscou. Fique em casa e aguarde ordens. Desligue.

Ao desligar, Utrecht tremia. Tornou a ligar, experimentando lançar o computador de bolso em outro episódio da interminável história pornográfica que durante anos vinha tecendo; era essa história um grande restaurador do equilíbrio; mas naquele instante ouviu-se uma pancada na porta do banheiro, e ele teve de se retirar.

Utrecht era um homem só. A sua situação era *Draculina*, pensou com azedume. Ele era só e perseguido. Levantou o olhar apreensivo para o teto rachado. A terrível entidade que chamavam de Rainha Vitória podia atacar por ali, a qualquer hora.

Seus filhos chegaram do trabalho, primeiro Caspar, magro, insignificante, pálido, não fossem as espinhas que lhe maduravam no rosto. Seus próprios dentes se diriam cinzentos. Era calado e nervoso. Nero entrou. Era dois anos mais novo, tão pálido quanto o irmão, cheio de cravos e espinhas de adolescente apontando como montículos tumorais na paisagem das faces. Contrastando com o silêncio de Caspar, falava abundantemente. Sombrio, Utrecht ignorou-os: precisava pensar. Por fim, retirou-se para o chuveiro, e sentou-se nos frios ladrilhos. A Rainha Vitória não podia vê-lo ali.

A tarde se arrastava. Ele esperava alguma coisa sem saber o que fosse, embora imaginasse que fosse o fim do mundo.

A vida condenada do lugar ia passando. Utrecht cismava por que a maior parte dos inquilinos do Edifício Hiram Bucklefeather tinha vozes ásperas. Podia ouvi-los através das paredes, chamando, praguejando, sofrendo. Cathie e Karen jogavam cartas. O apartamento de Utrecht pelos menos conservava um silêncio razoável.

Os filhos de Utrecht, cabeças juntinhas, entregavam-se à sua nova mania. Haviãam entrado para a Sociedade Shakespeare de Ortografia. Sua inscrição lhes dava direito a um aparelho, mas eles fizeram do aparelho um complicado educandário de ratos. Dois ratos viviam no educandário; tinham sido apanhados no corredor. Os ratos tinham eletrodos implantados no centro de prazer de seus cérebros. Viviam desesperados por esse prazer e eles próprios ligavam a corrente. Quando ligada, as felizes criaturas provocavam sete choques por segundo, suas patinhas cor-de-rosa operando as ligações em frenesis de delícia.

Mas a corrente só funcionava quando os ratos ortografavam corretamente o nome SHAKESPEARE. Para cada uma das onze letras, os ratos podiam escolher entre seis letras num tambor facetado. As letras que eles escolhiam eram projetadas numa pequena tela, fora do educandário. Os ratos sabiam o que faziam, mas, na pressa de obter o cobiçado choque, geralmente ortografavam errado, principalmente o fim da palavra. Caspar e Nero tinham frouxos de riso quando os erros apareciam.

*THAMEZPEGPE
SHAKESPUNKY
SRAJISDOARI*

A tribo Utrecht comeu o seu bife de silbestrol. Quando a água voltou, Karen se lavou, ainda vestida de manto. Utrecht pensou em dar uma voltinha quando se reduziu-se o número de pedestres (isso a despeito das ordens do PINCS), mas já se fazia muito tarde. Os desordeiros rondavam, tornando a noite insegura até mesmo entre eles. De oito em oito dias, Nova Iorque precisava de um novo hospital só para dar conta dos ferimentos noturnos, diziam as estatísticas.

*MHAKERPEGRE
SHAKESPEAVL*

Utrecht teve vontade de gritar. Os ratos brincavam na sua claustrofobia latente. Mas a despeito de si mesmo Utrecht divertia-se, abandonando os pensamentos, observando as palavras malucas a se atropelarem na tela. Pensava o que sempre pensara: e se os homens não dirigissem os ratos? E se os malditos ratos dirigissem os homens? Sabia-se existirem de três a quatro milhões de membros na Sociedade Ortográfica Shakespeare. Suponha-se que os ratos trabalhavam secretamente para enlouquecer

os homens, enviando essas mensagens malucas que os homens eram obrigados a ler, delas extraindo um certo significado? Quando todos enlouquecessem, os ratos assumiriam o controle. Já assumiam, usufruindo a sua própria explosão populacional, sua transmissão de moléstias e sua resistência a moléstias. Tais como eram, os ratos tinham menos ilusões que os rapazes. Caspar e Nero possuíam um educandário de ratos; portanto, acreditavam estar educando ratos.

SIMKYSPMNVE
SHAKESPEARE

O nome do Bardo surgiu em letras luminosas quando os roedores ligaram a corrente devida e fizeram uma festa gritante de prazer, rolando com as pernas para o ar mostrando suas brancas coxinhas quando a corrente se entrosava. Utrecht não quis distrair seus pensamentos quando Cathie e os rapazes se aproximaram para observar a cena. Verdade que esses ratos se encontravam sob a vigilância do homem, mas o homem não mais interferia, uma vez iniciada a experiência. O alimento contido nos seus funis pareciam estar ali por obra da lei natural, assim como o alimento saindo do solo era dado aos homens por lei natural. E se a relação do homem com a Rainha Vitória fosse análoga à dos ratos com os homens? Poderiam eles imaginar algum sistema para enlouquecê-la, até que ela perdesse o controle do experimento?

CLUKYZPEGPY

O prazer era breve, a tristeza comprida, neste vale de lágrimas para roedores. Agora os animaizinhos tinham de apanhar os pedaços e recomeçar. O que sempre esqueciam depois do ato de prazer.

DRALBUCEEVE

Toda a família dormia no mesmo quarto desde que Utrecht apanhara os meninos se entregando a atividades proibidas. Agora as suas duas redes se balançavam acima do leito onde dormiam as mulheres. Utrecht tinha a sua cama dobrável perto da porta, encostada ao fogão. Nem sempre dormia bem, e fugia para a sala de estar. Sabia que não ia dormir aquela noite.

Sonhou que estava no Hospital Superior de Alienados. Ia ver Burton, e atravessava por entre as palmeirinhas em vasos para se aproximar de seu paciente. Um velho estava sentado junto de Burton; Burton o apresentou como seu superior, o Professor Kraf-Ebbing, da Universidade de Viena.

- Encantado - murmurou Utrecht.

- *Clukyzpegpy* - disse o professor. - E *dralbuceeve*.

Que coisa para dizer a um imperador!

Utrecht despertou gemendo. Esses sonhos malucos! Talvez Ele estivesse enlouquecendo; sabia que seus Dimpseys já ultrapassavam a norma da normalidade. De repente ocorreu-lhe que a ideia de ser a Rainha Vitória uma entidade hostil numa diferente dimensão, era possivelmente uma ilusão ampliada, na qual conspiravam os outros membros do PINCS. Uma orgia de temor à mãe! Uma orgia múltipla de temor à mãe - induzida pelos aspectos de culpa maternal da superpopulação. Estava ele ali

deitado, tentando diferenciar a fantasia da realidade, embora convencido de que até então homem algum conseguira realizar essa tarefa. Ó Deus, podia ser; mas se a hipótese da Rainha Vitória era correta, então Jesus nunca existira. Tudo era incerto. Uma coisa era clara: a inevitável reação em cadeia dos acontecimentos. Se a hipótese era correta, nunca se poderia tê-la adivinhado no começo do século, quando as normas da normalidade eram mais baixas. A superpopulação redundara em neurose universal; só sob essas condições podia o homem trabalhar racionalmente em teoria tão insustentável.

A respiração Cheyne-Stokes de sua mulher chegava até ele, ora pesada e rumorosa, ora de todo agonizante. Pobre querida, pensou ele: ela nunca fora muito sadia; porém mesmo agora não estava completamente doente. Da mesma forma, ele jamais a amara de todo coração; porém mesmo agora não deixara de amá-la inteiramente.

Embora ele estivesse cansado, as terríveis variações de respiração da mulher não o deixavam descansar. Utrecht levantou-se, enrolou-se num cobertor, e foi de mansinho até a sala vizinha. Os ratos ainda trabalhavam.

Ele os fitou:

SLALEUPEAKE
SLAKEBUDDYS

Algumas vezes ele procurava sondar seus cerebrozinhos para saber como trabalhavam. A Sociedade Ortográfica Shakespeare publicava um jornalzinho mensal com colunas e mais colunas do nome do Bardo escrito em ruim ortografia; Utrecht deu-lhes uma vista d'olhos, em busca de mensagens secretas a ele dirigidas. Às vezes os roedores do educandário pareciam trabalhar pachorrentamente, como se soubessem que, depois de certo tempo, a palavra desejada estava fadada a aparecer. Outras vezes faziam alguma bobagem, como se não estivessem se esforçando, ou só se esforçassem para se curar do hábito do prazer.

DOAKERUGAPE
FISMERAMNIS

- Sim - é isso, seus danadinhos - pensou ele. O sucesso da Sociedade Shakespeare de Ortografia suscitara imitações: a Ortografia Pan-americana, a Tesouro das Corridas de Rato, a Ortografia de Orientação Anal, até mesmo a Sociedade Ortográfica Anti-sistema. Ratos trabalhavam por toda parte, tentando inutilmente comunicar-se com o homem. Os educandários de luxo tinham chimpanzés em vez de ratos.

SHAPESCUNRI
SISEYPEGRE

Já cansado, Utrecht pensava se Disraeli ainda lhe daria sinal na pequena tela.

DISPRUPEARS

As palavras exóticas adejavam-lhe sobre a cabeça. Ele dormiu, a cabeça deitada em cima dos braços cruzados pousados sobre a mesa.

Burton voltara como Freud, já não desconsolado em sua qualidade de Presidente expulso da Crentes em Freud na Sua Loucura, mas arrogante como o arqui-diagnosticador de fraquezas particulares. Utrect sentou-se a seu lado num sofá vermelho de pelúcia, fumando, vestido de smoking. Não sabia se era Francisco José ou não. Cortinas de veludo pendiam por todos os lados, e respirava-se o doce ar viciado de um bordel de alta classe. Um trio tocava música adocicada; uma mulher de imenso busto apareceu e cantou versos de Grillparzer. Era de novo Viena, no fictício século dezanove. Disse Burton/Freud:

- O senhor está doente, senhor Utrect: se não estivesse, por que visitaria esta igreja?

- Isto não é igreja. - E levantou-se para prová-lo, começando a espiar por entre as grossas cortinas. Atrás de cada uma um casal despido copulava, embora o ato parecesse curiosamente indistinto e não como Utrect o visualizava. Cada ato o diminuía; Ele foi ficando cada vez menor.

- Você está se encolhendo porque pensa que eles são seus pais - disse desdenhosamente Burton/Freud.

- Tolice - disse Utrect em voz alta; agora tinha apenas um pé de altura. - Podia ser isso, se fosse verdadeira a sua famosa teoria de psicanálise.

- Se não é verdadeira, por que você se apaixonou secretamente por Elizabeth de Áustria?

- Ela morreu, em Gênova, apunhalada por um assassino maluco. Em seguida você dirá que eu desejaria ter apunhalado minha mãe; ou outra tolice semelhante.

- Foi você que disse - eu não! Apunhalada é muito bom!

- Suas teorias apenas confundem o assunto.

Teve início uma discussão. Agora Utrect não era mais alto do que a biqueira do sapato de Freud. Quis correr para trás de uma coluna para verificar se não estava mudando de sexo.

- Não existe essa coisa a que chamam subconsciente - afirmou Agora Freud o fitava através de óculos com lentes cor-de-rosa, exatamente iguais aos que o pai de Utrect usara. Com efeito, não lhe era surpresa ver que Freud, agora cavalgando uma porca gigantesca e sorridente, não fosse seu pai. Longe de se sentir embaraçado, o boneco forçou o argumento com maior vigor.

- Não temos subconsciente. O nosso subconsciente é o Século Dezanove, e você é o guardião desse século para nós. O Século Dezanove terminou em 1901, com a morte da Rainha Vitória. E, naturalmente, não existiu de verdade, tampouco existiram todas as épocas anteriores nas quais nos fizeram acreditar. Nada mais são do que lembranças enxertadas, que se apoiam em provas falsas. O mundo foi inventado pela Rainha em 1901, segundo ela mesma nos fez chamar esse instante no tempo.

Desde que ela começara a contar a verdade no seu sonho, Utrect voltou a crescer. Mas a cabeluda criatura à sua frente disse:

- Se o Século Dezanove é o seu subconsciente, qual é o subconsciente dos Vitorianos?

Utrect espiou entre as palmeirinhas dos vasos e murmurou:

- Assim como foi preciso inventarmos a ciência mental, assim também nos foi preciso inventar o passado pré-histórico. É esse o seu subconsciente, com seus grandes monstros em colisão!

Burton abanava a cabeça e dizia:

- Sabe; Ele tem razão. Tudo não passa de um bloco de mentiras inábeis.

Mas Utrect tinha visto que, na realidade, as palmeirinhas cresciam nos grossos tapetes, e que, por detrás das cortinas, se passavam grandes coisas, indignas de men-

ção. Os drapeados de veludo inchavam ominosamente. Um enorme estegossauro avançou pesadamente, e mais redondo do que ele teria imaginado, emergiu nas costas do sofá. Utrecht fugiu desesperadamente, ouvindo atrás de si a respiração do monstro. Tudo desapareceu, ficando apenas a respiração - esse doloroso sintoma de anemia, as exalações Cheyne-Stokes de sua mulher na sala anexa. Utrecht refastelou-se na cadeira, tranquilo após o pesadelo que lhe desvendara a verdade, pensando que a Rainha Vitória não operara com suficiente habilidade. As teorias mentais do ano 2000 se organizavam a fim de tirar um sentido daquela maluca dispersão do cérebro humano. Com efeito, apenas a hipótese da Rainha Vitória respondia às contradições. Eram estas as cicatrizes deixadas quando a formação inteiramente artificial do mundo começou no momento que eles forçosamente chamaram de 1901. A humanidade não era o que parecia; era uma ninhada de ratos com memórias falsificadas, operando em algum gigantesco experimento de educandário...

SAHKESPEGRL SAHKESPEAVE

A exemplo dos ratos, Ele se sentia perto da solução correta. Sim, sim, por Deus! Levantou-se, quase culpado, sorridente, engalfinhando o cobertor contra o peito. Obviamente, seguindo as pistas na mente cheia de escaras, podia ele chegar à solução correta, uma vez que tivesse percebido a barreira de 1901. E ele percebeu! Ele sabia! Todos eram homens das cavernas, homens da idade da pedra, criaturas primitivas, tentando aprender - o quê? - para gáudio da terrível mulher encarregada dessa experiência particular. Não era verdade que toda a teoria mental acentuava o lado primitivo da mente? Bem, eles eram primitivos! tão primitivos e deslocados como um estegossauro numa sala de fumar.

SHAKESPEARL

Shakespérolas aos porcos, Ele pensou. Era-lhe preciso expor suas descobertas ao PINCS antes que ela o apagasse do experimento. E agora que ele sabia, a Rainha tentaria matá-lo, como fizera a Hoggart.

E lá estava ele outra vez... Utrecht foi até a porta externa. Havia captado um barulhinho. Alguém estava no exterior do apartamento, escutando, esperando. A mente de Utrecht figurava horríveis coisas. Talvez o estegossauro estivesse à espera.

- Douglas? - Mas os Dinossauros não falam.
- Quem é? - (Eles cochichavam através das dobradiças).
- Eu. Bob, Bob Hoggart!

Todo trêmulo, Utrecht foi abrir. Viu num relance, no escuro corredor, pessoas desamparadas cochilando nos cantos. Hoggart entrou. Estava cansado e sujo. Foi cambaleando até a mesa e sentou-se, curvando os ombros. O refinado especialista em restaurações mais parecia um foragido da justiça.

SHAMIND

Utrecht cortou a luz dos ratos.

- Não devia ter vindo aqui! - disse. - Ela vai destruir este edifício - talvez toda Nova Iorque!

Hoggart leu hostilidade e medo na expressão de Utrecht.

- Tive de vir, Florence Nightingale! Saltei de um jato jumbo de Londres. Precisava trazer as novas, pessoalmente.

- Pensávamos que tivesse morrido. PINCS também pensa assim.

- Estou quase morto. Aquilo que vi... Dê-me um trago, pelo amor de Deus! Que barulho é esse?

- Cale-se! É minha mulher respirando. Não a desperte. Ela padece de uma deficiência de hemoglobina e outros fatores ainda não diagnosticados. É uma dessas doenças que eles ainda não puderam identificar...

- Não lhe pedi que falasse nisso. Onde está a bebida? - Hoggart perdera a sua calma inglesa. Parecia um homem marcado todo ele pela morte.

- O que descobriu?

- Deixe isso. Dê-me um trago.

Enquanto bebia o álcool com água trazido por Utrecht, foi dizendo:

- Sabe que ela arrasou o mausoléu e a metade de Windsor? Trata-se de um movimento de medo pânico da parte dela, prova que ela é humana, pelo menos quanto às emoções. Perseguia-me, naturalmente.

- O túmulo, homem; que foi que encontrou?

- Por felicidade, um dos guardas me reconheceu; vira-me em outra ocasião, quando eu restaurava um trecho de arquitetura em que ele também trabalhara. Por isso deixou-me em paz e sozinho. Consegui abrir o túmulo da Rainha Vitória, segundo planejamos.

- Sim; e depois?

- Exatamente como pensávamos!

- Vazio?

- Vazio nada. Agora temos a prova de que a Rainha, tal como a História a conheceu (a nossa história falsificada) não existe.

- Outro dos seus trabalhos mal feitos, hem? À semelhança do Homem de Piltdown e do Doppler Shift e do emaranhado de bobagens que se chama Relatividade. Óbvias fraudes! Ela é inteligente, mas nem tanto. Olhe, Bob, quero que você saia daqui. Receio que este lugar venha a ser arrasado a qualquer instante como o castelo de Windsor. Tenho de pensar em minha mulher.

- OK. Sabe para onde vamos, não é? - E Bob levantou-se, endireitando os ombros.

- Vou telefonar a Disraeli e esperar instruções. Uma coisa: como foi que escapou do desastre de Windsor?

- Isso é o que não entendo. Diferenças de horários, talvez, entre o mundo dela e o nosso? Assim que vi o túmulo, corri para ele, entrei no carro e disparei. A explosão sobreveio quase exatamente uma hora depois que abri o túmulo. Nesse momento eu estava longe. Engraçada a sua falta de pontualidade. Desde aquele instante fiquei à espera de uma nova explosão.

Utrecht era presa de horrível ansiedade. Seus dedos tremiam convulsivamente quando desligou o computador de pulso, que registrara essa conversa. Antes que o edifício fosse destruído com Karen e tanta gente inocente, Ele e Hoggart deviam partir. Agarrando suas roupas, Utrecht se vestiu em silêncio, fez um mudo aceno de adeus à mulher. Dentro em pouco empurrava Hoggart pelo malcheiroso corredor até alcançarem a rua. Eram duas e meia da madrugada, hora em que a resistência humana é menor. Instintivamente olhou para o céu em busca de uma monstruosa figura majestática.

Estranhos gritos e chamados noturnos soavam nos desfiladeiros das ruas. Cada sombra parecia mover-se. A pobreza e a doença moral dos pobres parecia pousar em

todas as coisas, até se podia sentir; a cidade era a analogia de um subconsciente enfermo. Fosse qual fosse a experiência da rainha, ela com certeza malograra. Os homens das cavernas tentavam fazer dessa nobre cidade seu território. A doença deles (poderia ser apenas nostalgia?) pairava no ar poluído.

Caminhando ombro a ombro, facas automáticas de prontidão,

Utrecht e Hoggart chegaram, quase sem incidente, às proximidades da cabina telefônica.

- Emergência noturna, urgente! - Disse Utrecht escancarando a porta. A pequena família dormia em redes de piá, enganchadas atrás das omoplatas, os braços pendurados, como três grandes crisálidas. Saíram tontos de sono e protestando. A criança começou a berrar quando os pais a arrastaram para a rua gelada.

Hoggart preparou um relatório de computador de pulso enquanto Utrecht pedia o número. Quando a voz da superior garganta se ouviu - de novo nada se viu - Hoggart deixou-a gritar. Depois de uma pausa para decifrar o código, um novo grito se fez ouvir do outro lado da linha. O computador de bolso decodificou-a... Era preciso descrever a presente situação. Depois que o fizeram, um outro grito se fez ouvir. O assunto era da mais alta prioridade. Alguém os apanharia dentro de alguns minutos no exterior da cabina.

- Podemos entrar, senhor? A criança está doente!

Utrecht sabia o que o homem experimentava.

Quando ela entrou de cambulhada, Utrecht perguntou à família:

- Quando arranjarão um lugar onde morar?

- Qualquer ano destes - responderam. Mas a companhia concordou em aquecer a cabina este inverno, de modo que as coisas não serão tão más...

Todos temos bênçãos a contar, pensou Utrecht. Até que cesse o experimento...

Ele e Hoggart ficaram fora, costas contra costas. Uma escura sombra avultava no alto. Um embrulho baixou. Continha duas máscaras. Puseram-nas rapidamente nos rostos. O gás começou a propagar-se, cobrindo a rua. Um helicóptero baixou, e eles o abordaram correndo, imunes aos ataques dos desordeiros, para os quais um helicóptero seria um valioso prêmio. Levantaram voo sem demora.

Os lábios do Dr. Froding eram uma linha de pálido escarlate muito fina. Quando sorria, neles se formavam bolhinhas, e um pequeno borriço assentava no vidro da tela de televisão.

- A parte seguinte do meu experimento vai ser muito interessante, Controlador - disse ele olhando para cima e piscando para Prestige Normandi, Controlador do Hospital Superior de Alienados, sujeito calvo e gorducho, que de preferência tentava aparentar magreza. Normandi não gostava do Dr. Froding, que vivia planejando arrebatá-lo o cargo. Olhava-a com um olho icterico, enquanto na tela de espionagem de Froding o helicóptero conduzia Hoggart e o Conselheiro-chefe Utrecht sobre a escalavrada artéria do Hudson.

- Mal posso continuar olhando, Froding - disse ele, consultando o computador de bolso. - Tenho outros compromissos. Além disso, acho que você não provou seu argumento.

Froding arregaçou as mangas com irritação.

- Espere e veja o que vem depois, Controlador. Ali verá o que Dimpsey Utrecht realmente é. - Limpou a tela com papel de seda, gesticulando senhorialmente como se dissesse: - Está convidado. Farte-se de ver!

Normandi impacientou-se, mas olhou; Froding era homem convincente.

Ambos escancaram os olhos enquanto no 3V se podia ver o helicóptero aterrissando num cais sombrio, onde Hoggart e Utrect foram recebidos por guardas e escoltados para um depósito. A tela ficou um momento vazia, depois o espião de Froding tornou a operar, mostrando Utrect e Hoggart saindo de um elevador e entrando numa sala maciçamente guardada, com um homem corpulento sentado à uma escrivaninha.

- Sou Disraeli - disse o homem corpulento.

Froding cutucou o Controlador.

- É esta a parte mais interessante, Controlador! Vê a nova personagem? Percebe nela algo engraçado? Assista a este trecho e verá aonde quero chegar.

Na tela, Disraeli apertava as mãos de Hoggart e Utrect. Trazia uniforme e insígnia de general. Conduziu os dois recém-chegados a uma sala anexa, onde dez homens estavam solenemente sentados em torno de uma mesa redonda.

Inclinando-se, disse Disraeli:

- Eis os outros membros do nosso comitê secreto. Quero apresentar-lhes Dickens, Tackeray, Gordon, Palmerston, Gladstone, Livingstone, Landseer, Ruskin, Raglan e o Príncipe Alberto, dos quais todos nós recebemos ordens.

Enquanto Utrect e Hoggart rodeavam o grupo, dando apertos de mão e fazendo sinais secretos, o distante e maquiavélico Dr. Froding riu para dentro e tornou a borri-far a tela.

- Finalmente estou a lhe provar, Controlador, o que eu disse durante anos em Lexington: que Utrect é puro Dimpsey.

- A mim me parece normal. Seu sujo Frodingzinho; tão obviamente atrás do emprego de Utrect, bem como do de Normandi.

- Mas observe os outros, Príncipe Albert, Disraeli e o resto! Não são pessoas reais, Controlador. Não pensava que fossem, não é? Pensa Utrect que são, mas na realidade são bonecos, bonecos mecânicos, e Utrect lhes fala como se fossem pessoas de verdade. Isso prova a sua insanidade, penso eu...

Apanhado de surpresa, disse Normandi:

- Ah! Agora tenho mesmo de sair, Froding. - E, horrorizado por esse relance da mentalidade de Froding, Normandi pediu desculpas e saiu da sala quase correndo.

Froding sacudiu a cabeça.

- Também ele, pobre maluco, está atingindo o último limite. Não durará muito tempo. A causa é esta superpopulação, naturalmente, e a deterioração geral do ambiente. A mentalidade também se deteriora.

Tinha um método próprio para salvaguardar sua sanidade. Por isso é que se filiara aos *Cavaleiros do Magnificante Microcosmo*. Embora, como celibatário, lhe facultassem apenas aquela sala exígua, de conveniências partilhadas com o especialista vizinho, Ele armara três circuitos internos de 3D, de modo a ampliar enormemente sua visão. Inclinando-se para trás, Froding podia ver uma fileira de três telas muito nítidas, cada qual mostrando várias partes da sala onde ele estava. Uma delas mostrava a sala a partir da lareira, vista de frente e exibindo também o tapete puído e uma parte da parede de trás, onde se dependurava um quadro cinzento, pintado por uma vítima de ânima-hostilidade. Outra era uma vista em comprimento da sala, apanhada atrás da porta, com o tapete, parte da mesa, parte da cama dobrável e do canto onde a pequena biblioteca de Froding, junto com o seu volumoso diário pessoal de sonhos, era guardada em pilhas de engradados de tangerina. Outra mostrava uma parte do canto, com o tapete, a poltrona mais cômoda, e a nuca de Froding sentado na cadeira, mas as três telas nas quais ele observava as três vistas da sala,

inclusive uma vista dele mesmo olhando no seu quarto as três telas nas quais ele apreciava esse magnífico microcosmo.

Entrementes, no QG subterrâneo de PINCS, Utrech reconheceu o Príncipe Albert; era o Governador da cidade de Nova Iorque.

- Temos um breve relatório das suas atividades na Inglaterra, Hoggart - disse Albert. - Uma pergunta: por que levou tanto tempo para chegar? Sabia como era importante avisar-nos.

Hoggart sacudiu a cabeça.

- Deixei o mausoléu de Vitória antes da destruição, conforme disse à Nightingale e a Disraeli. A informação que pensei devesse reservar até poder comunicá-la a uma alta autoridade como o senhor, consiste no seguinte: Uma vez destruídos Windsor e o Real Mausoléu, achei que estaria a salvo por uma ou duas horas. Por isso regressi.

- Regressou para a área devastada?

O inglês inclinou a cabeça.

- Sim, regressi para a área devastada. Estava curioso para saber se a Rainha (suponho que assim devemos continuar a chamá-la) quisera eliminar minha pessoa ou a prova. Foi fácil passar pelos cordões policiais e militares; estes mal se formavam, e a devastação cobria muitas milhas quadradas. Finalmente cheguei ao lugar onde imaginava ter estado o mausoléu. Não havia dúvida, o buraco sob a abóbada ainda estava lá.

- O que havia de tão singular naquele buraco? - perguntou Dickens, inclinando-se para a frente.

- Não se trata de um buraco ordinário. Na realidade, não tive tempo de vê-lo como devia, pois ele engana a vista. É como se a gente olhasse dentro de um espaço... bem, um espaço com mais dimensões que o nosso; e é isso mesmo o que acho que ele é. É o caminho... um caminho para o mundo da Rainha Vitória.

Houve gerais sacudidelas de cabeça. Disse Palmerston com a sua áspera voz inglesa:

- Aceitamos sua palavra no caso. Todos nós temos um umbigo indicador da nossa insignificante origem. Esse buraco de que fala bem pode ser o umbigo da Terra. Não é disparatado esperar encontrá-lo, nessas circunstâncias, dada a mentalidade da mulher. Melhor irmos inspecioná-lo o mais breve possível. A estas horas deve estar guardado.

- Pode arranjar-se com os guardas? - perguntou Disraeli.

- Naturalmente - respondeu Palmerston.

- Que tal se atirmos algumas ferragens no buraco?

Todos se consultaram mutuamente. O sentimento geral era de que possivelmente eles e o mundo estavam condenados, razão por que podiam até experimentar algumas bombas H.

- Não! - disse Utrech. Escutem! Pensem na situação, cavalheiros! Agora todos temos de aceitar a verdade. Pelo menos ela já apareceu. Nosso mundo, tal como pensávamos conhecê-lo, é falso, falso de cima abaixo. Tudo quanto aceitamos como fator natural é uma decepção, invencionice de alguém ou de alguma civilização de uma habilidade tecnológica quase incrível. Podeis imaginar a pura complexidade de um cérebro que sozinho inventou a história humana? Os Pais Peregrinos? A Era Glacial? A Guerra dos Trinta Anos? Carlos Magno? A Grécia Antiga? Os Albigenses? A Roma Imperial? Abe Lincoln? Tudo um tecido de mentiras, fabricado, talvez, por computadores de inserções múltiplas.

- O. K. Nesse caso temos de perguntar por quê. Por que todo esse trabalho. Não foi só por brincadeira, mas para algum experimento de certa espécie. De algum modo, fomos um benefício para eles. Se pudéssemos saber que benefício foi esse, podíamos ficar em posição de negociar com... a Rainha Vitória.

Fez-se um instante de silêncio.

- Ele tem razão - disse Dickens.

- Mas não temos tempo - disse Disraeli. - Queremos ação. Decido-me pelas bombas.

- Não, Disraeli - disse Albert. - Florence Nightingale tem razão. Temos tudo a perder mediante uma ação precipitada. Vitória... ou os Vitorianos... podiam arrasar-nos se quisessem. Devemos negociar, se for possível, segundo diz Nightingale. A questão é a seguinte: temos nós o que eles precisam?

Todos puseram-se a falar ao mesmo tempo. Finalmente Ruskin, que tinha o rosto de um bem conhecido estadista russo, falou:

- Temos resposta para isso. Possuímos o escudo anti-gravitacional, último desenvolvimento tecnológico russo-americano. No mês que vem, ativá-lo-emos com grande publicidade, e protegeremos a Terra contra a ação danosa das marés da lua. Tal escudo é o maior e mais importante florescimento da nossa tecnologia terrestre. Seria de um valor incalculável para os Vitorianos.

Isto suscitou um geral zum-zum de aquiescência.

Só Utrecht não parecia convencido. Decerto que teria o pleno comando dos efeitos gravitacionais quem quer que houvesse instalado um planeta como ambiente experimental. Disse Utrecht com uma expressão de dúvida:

- Penso que psicanalistas como eu podem apresentar provas de que o experimento dos Vitorianos está quase no fim. Ao fim e ao cabo, os experimentos são geralmente dirigidos ou financiados apenas por um tempo limitado. E o nosso tempo está no fim.

- Pois muito bem - disse Ruskin. - Então a nossa tela antigravitacional é o clímax do experimento. Apeguemo-nos a ela e negociemos com os Vitorianos.

Parecia que os membros do comitê PINCS adotariam esse plano. Disraeli, Hoggart e Utrecht deviam voar para a Inglaterra, ir ao encontro de Palmerston e pô-lo em ação. Os três tomaram uma refeição apressada enquanto os demais continuavam a discutir. Hoggart tomou um banho de chuveiro e uma *Draculina*.

- Acho que vocês têm razão adotando uma abordagem mais suave para com Vitória - disse Disraeli a Utrecht. - Sou um grosseiro soldado do Exército, mas posso receber sugestões. Não esperemos poder matá-la. Ela se encontra a salvo em suas próprias dimensões.

- Não sinto a menor animosidade contra Vitória - disse Utrecht. - Ainda sobrevivemos, não é? Talvez a intenção dela não seja matar-nos.

- Está mudando de ideia, não está? - disse Hoggart.

- Pode ser. Você e eu ainda somos sobreviventes, Bob! Talvez que o objetivo do experimento fosse verificar se poderíamos descobrir a verdade por nós mesmos. Se na realidade somos uma raça de primitivos moradores de cavernas, talvez que agora tenhamos provado sermos dignos da assistência de Vitória. Ela bem pode ser bondosa e meiga.

Os outros dois riram, mas Utrecht continuou:

- Eu gostaria de conhecê-la. E tenho uma ideia para pôr-me em contato com ela... ideia que tirei de alguns ratos. Deixe-me traçar um esboço, Disraeli; depois seus engenheiros o executarão para nós num par de horas.

Disraeli olhou-o estranhamente.

- Ratos? São os ratos que lhe dão ideias?
- Sim: bastantes.

E começou a tremer. Poderia realmente Vitória ser bondosa, uma vez que os prendesse num vasto educandário, ou era ele que esperava que ela o fosse por amor dele e de Karen?

Enquanto Disraeli examinava o esboço, Hoggart disse confidencialmente ao ouvido de Utrecht:

- Esse Disraeli e os demais membros do comitê... você não os acha um tanto engraçados?
- Engraçados como?
- São pessoas reais, não são? Quero dizer: não podem ser bonecos, bonecos animados; podem? - E muito seco e espantado fitou Utrecht.

Utrecht jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

- Vamos, Bob! Está sugerindo que a Rainha Vitória pudesse possuir alguma espécie de poder sobre nossas mentes a fim de nos enganar? De modo que, ao chegarmos à Inglaterra, na realidade não tivéssemos saído dos Estados Unidos? De modo que todas essas pessoas não passassem de bonecos, e tudo não passasse de um episódio paranoico, sem realidade objetiva! Tolice absoluta!

- A coisa não aconteceu. Era apenas um fantasma do meu cérebro repleto, sem realidade objetiva. Antigos membros do meu pessoal não se espionam mutuamente.

Assim falou com seus botões, Prestige Normandi, Controlador do Hospital Superior de Alienados, afastando-se da sala de Froding e caminhando pelo corredor apinhado em direção ao seu escritório. Tentava não acreditar que Froding tinha realmente um aparelho de espionagem assestado em Utrecht; contrariava toda a ética.

Mas que ética era essa? Só atirando-a fora com outros princípios é que as pessoas podiam viver na densidade da Nova Iorque Central; algo tinha de ceder; seus pais emproados da década de sessenta teriam achado a cidade inabitável. Sob a pura pressão da população, que era, de vez em quando, uma só alucinação?

Um caso apropriado. A mulher que vinha para ele pelo corredor. Aquele ar de realzeza, aquelas majestosas roupas antiquadas... Normandi tinha a impressão de tratar-se de uma soberana dos antigos tempos, a Rainha Vitória ou a Imperatriz Elizabeth de Áustria. Não era grande conhecedor de História. Ela deslizou por ele, pareceu deitar-lhe um olhar significativo e desapareceu.

Ele pensou, impressionado:

- Realmente, ela bem poderia estar ali. Talvez fosse uma enfermeira que acabara o plantão, membro de alguma singular sociedade... - Normandi desaprovava todas essas sociedades, acreditando que elas tendiam a encorajar fantasias e neuroses, sendo ele próprio *Presidente da Sociedade para a Supressão de Todas as Sociedades*. Mesmo assim ficou impressionado pela majestosa aparição para poder parar na cela de Burton; Burton saberia o que pensar, estava na linha dele...

Mas estava cansado demais para o ato freudiano. Com a mão na maçaneta, fez uma pausa; depois voltou-se e foi andando pelo corredor, sempre acotovelado pela multidão, rumo ao seu pequeno refúgio.

Posto a salvo, sentou-se à escrivaninha e descansou os olhos um minuto. Froding maquinava contra Utrecht. Naturalmente, Utrecht, por sua vez, também espionava outra pessoa. Deplorável o estado a que haviam chegado. Melancolicamente ele abriu uma gaveta da escrivaninha, ligou a energia e apertou botões. Depois sentou-se em

frente, protegendo os olhos, para contemplar o nauseante Froding espionando Utrecht.

Utrecht e Hoggart estavam semicomatosos, os olhos protegidos contra a luz biliosa do interior do aeroplano que se precipitava para o oeste através do Atlântico, rumo da Inglaterra.

O equipamento de comunicações especificado por Utrecht fora construído e estava acomodado na escotilha de carga. Não antes de aterrissarem no aeroporto de Londres no começo de uma tarde chuvosa, as notícias vieram a furo. Agarrando os ombros de Utrecht, Disraeli entregou-lhe uma mensagem do QG submarino dos PINCS.

Rezava assim:

Sentimos comunicar-lhe que o Edifício Hiram Bucklefeather da Tricentésima número Quinze foi arrasado às sete e meia de hoje. Todos os ocupantes, calculados em cinco mil, foram imediatamente aniquilados. É certo que isso se deveu a uma entidade conhecida como Rainha Vitória.

- Sua residência? - perguntou Disraeli a Utrecht.

- Sim.

E ele pensou em Karen com sua cianose e trágica respiração. Pensou nos dois desgraçados rapazinhos morrendo distantes um do outro apenas alguns pés. Pensou em Cathie, uma mulher paciente. Chegou mesmo a recordar-se dos dois ratos labutando com a sua ortografia. Mas, acima de tudo, pensava em Karen, tão empenhada em parecer intelectual, tão desesperançada de ser alguma coisa, sua própria psique minada pela vida pulsante que a cercava. Sempre fizera demasiado pouco por ela. Fechou os olhos, tarde demais para prender uma lágrima. Sua mulher, sua garota...

A bela Elizabeth de Áustria, inutilmente assassinada num cais deserto ao lado da sua governanta - insignificante quadro movendo-se de mansinho para tornar perplexa a sua mágoa. Morriam todas as coisas amáveis.

Enquanto se precipitavam pela rampa molhada, Hoggart disse desconjuntadamente:

- Vitória perseguia-me, a cadela! É uma cadela! Uma vaca de cadela. Douglas! Imagine só... imagine como ela entrou no experimento como uma espécie de figura de mãe! Rainha da Inglaterra, sessenta gloriosos anos. Imperatriz da Índia. Chegou até a dar seu próprio nome à época: "Era Vitoriana!" Deus Todo-Poderoso! Deu início ao experimento com o seu próprio pseudo-funeral, só para zombar! Cadela cósmica! Por Deus... - e calou-se, sufocado pela própria ira.

Palmerston foi a seu encontro num carro militar. Apertou a mão de Utrecht. Recebeu as notícias.

- Meus sentidos pêsames.

- Por que foi... eis o que não pude entender... por que foi que destruiu o edifício cinco horas depois que o deixamos? - perguntou Utrecht dolorosamente quando saíram do aeroporto, com seus aparelhos acomodados na traseira do carro.

- Já descobri - disse Hoggart. - Escapei-lhe por uma hora em Windsor. Na Inglaterra é Hora de Verão... os relógios adiantados uma hora. Em Nova Iorque lhe escapamos mercê de uma diferença de cinco horas. Ela não pode saber tudo! Ela se regula pelo Horário médio de Greenwich. Se o fizesse pelo horário local, nos teria matado em ambas as ocasiões.

- Engenhoso - admitiu Disraeli. - Mas se ela pode ver-nos, por que incorreu nesse engano?

- Eu já lhe disse que bem pode haver diferentes dimensões naquele buraco que

vamos investigar. Obviamente, o tempo, bem como o espaço, devem andar um pouco atrapalhados entre o mundo dela e o nosso, e em nada a ajuda ser tão eficiente como, de outro modo, poderia ser. Isso podia redundar em nosso favor.

- Deus sabe: precisamos de todas as vantagens que pudermos obter - disse Palmerston.

Sozinho no escritório, o Controlador Prestige Normandi estava sentado protegendo os olhos e sofrendo as incontáveis dores do mundo, mas sempre observando a sua minúscula tela secreta, na qual o Dr. Froding, no seu quarto, esquadrihava as proezas de Utrecht na sua pequena tela. Excessiva população psíquica, pensava o Controlador; e todos os eventos que Utrecht agora padecia; fossem reais ou não, como Froding proclamava, um episódio paranoide sem realidade objetiva, representado por bonecos? Froding se enrolava, e, imóvel, observava de sua cadeira; Normandi fazia o mesmo.

Bateram à porta.

Fazendo deslizar depressa a tela espiã na porta secreta da escrivaninha, Normandi deu uma ordem oficial que entrassem.

Froding entrou, fechando a porta atrás de si. Subitamente trêmulo, Normandi engalfinhou os dedos na garganta:

- Bom Dimpsey! Na realidade você não se encontra aí, Froding; você é apenas uma ilusão paranoide. Preciso ausentar-me por alguns dias a fim de descansar! Sei que realmente você está lá embaixo no seu quarto, observando Utrecht, confortavelmente sentado em sua cadeira.

Inchando duas polegadas em toda a volta, Froding bateu o pé.

- Não quero que aludam a mim como a uma ilusão paranoide, Controlador! É um boneco o vulto sentado na minha cadeira; apoderou-se dela e não sai dali se lhe peço. Por isso extraí de você a confissão de que você espiona o seu pessoal! Não sabe o fim disto, tampouco sabe o começo.

- Sejamos razoáveis, Froding. Tome comigo um tranquilizante. - Normandi dirigiu-se apressadamente para um armário secreto, donde trouxe pílulas e uma jarra de água salgada.

- Somos homens racionais; discutamos a situação racionalmente. A coisa se reduz à pergunta: que é a realidade? Segundo vejo, os meios melhorados de comunicação levaram paradoxalmente os homens para longe da realidade. Estamos tão perto uns dos outros que procuramos ficar apartados, interpondo circuitos eletrônicos entre nós. Só mensagens psíquicas os atravessam, porém preferimos não reconhecê-las oficialmente. Posso acreditar em qualquer coisa que veja Utrecht fazendo quando ele se encontra afastado de mim por tantos sistemas científico-artísticos? A dificuldade reside em que nossas mentes identificam a televisão com os fantasmas da nossa visão interior... Espere! Tenho de escrever um ensaio sobre o assunto. - E apanhando uma pena laser, escrevinhou uma anotação na sua tela de escrever. - Assim, pois, a história contemporânea, que conhecemos através de todos esses veículos de comunicação científico-artísticos, se torna tanto um veículo da fantasia como a história do passado, que nos vem filtrada através do veículo do tempo passado. O que é real, Froding, diga-me: o que é real?

- Isso me faz lembrar - disse Froding glacialmente - que entrei para lhe contar que Burton/Freud fugiu nestes últimos minutos.

- Não podemos deixá-lo fugir! É a vedete de nossos pacientes, carrega-nos uma fortuna no espetáculo semanal de "Descubra a sua Mente"!

- Acho que ele é melhor em estado de liberdade. Nada podemos fazer por ele em Lexington.

- Mas está mais seguro quando preso aqui. Froding levantou uma sobrancelha pesada de ironia.

- É isso o que pensa?

- Como foi que ele fugiu?

- Vem outra vez à baila sua enfermeira Phyllis. Pobre Phyllis! ele atacou-a, amarrou-a, e saiu da cela disfarçado em mulher, dizem alguns que disfarçado de Rainha Vitória.

Sem esforço, Normandi fez com a garganta uns ruídos desarticulados.

- Eu a vi... isto é, eu o vi... Ela... ele... passou por mim no corredor. Ele... ela... lançou-me um olhar significativo, como diz o escritor... Que faremos?

- O Controlador é você, (não por muito mais tempo, pensou Froding). - Os acontecimentos se desencadeavam triunfalmente em sua direção. Utrecht equivalia a um derrotado; e agora também Normandi estava para sair. Só o que restava a Froding fazer era livrar-se daquele maldito boneco sentado em sua poltrona.

Sem se perturbar com o tornado de distorção psíquica que soprava à sua volta, o boneco permanecia confortavelmente sentado na cadeira do Dr. Froding, olhos arregalados para a tela de 3V.

Podia ver o grande carro militar de Palmerston moderando a marcha ao se aproximar das cercanias de Windsor. O rosto pálido de Utrecht voltava-se para as barreiras militares e os postos de metralhadoras.

Interiormente, Utrecht fervia de raiva à ideia do que acontecera à sua mulher. Todo o ódio da sua natureza instável parecia subir fervendo para a superfície. Dissera que Vitória podia ser bondosa! Desaprovara agredirem-na com bombas! Mas agora queria poder atirar-lhe uma!

Gradualmente sua emotividade esfriou. Lembrava-se como o pobre e insano Burton voltara aos sonhos do século dezenove. Só em Nova Iorque conhecia milhares de casos semelhantes. E todas as pequenas sociedades secretas que cobriam os Estados Unidos podiam ser interpretadas como um regresso ao primitivismo, como se uma longa hipnose estivesse se desgastando. Recordava-se do que antes lhe disseram: que o grande experimento tocava o fim. As várias ilusões se rompiam, adelgavam-se, tornavam-se transparentes. Daí a loucura geral, à qual (percebia-o claramente) também ele não estava imune. Ele gozara demasiado profundamente fingir-se de Imperador Francisco José; agora a sua Elizabeth na vida real fora assassinada por acaso.

Qual o fim de tudo isso? Calculada para cem anos, com apenas uma duração de algumas semanas, esse pavoroso experimento de Vitória pretendia provar o quê?

Não podia crer que toda a humanidade tivesse sido instalada nesta

Terra temporária tão-somente para desenvolver o escudo antigravitacional russo-americano. Vitória podia ter-se arranjado com uma jaula mais simples e mais barata do que esta, tão-somente tivesse ela exigido o desenvolvimento do escudo protetor. Não: o foco de tudo tinha de ser algo que explicasse a grande complexidade das pululantes raças terrenas, com todos os seus graus de realizações e diferentes psicologias.

Agora atravessavam os terrenos molhados e crestados de Windsor, com dois assistentes carregando o equipamento de comunicações. De repente Utrecht estacou: en-

contrara a resposta!

Ela o trespassava como uma dor de dentes. Ele tornou a visualizar os ratos. Desde mil e novecentos e cinquenta vinham os homens fazendo com ratos simples experimentos de densidade populacional. Deram-lhes comida, água, luz, material de construção, e um ambiente que, pelo menos no início, fora ideal. Depois deixaram-nos sem interferência externa; que proliferassem e padecessem as doenças resultantes do subsequente excesso de população.

O experimento fora agora repetido - em escala humana!

Era a explosão da população humana - a explosão que a humanidade, fizesse o que fizesse, nunca fora capaz de controlar; essa explosão é que estava sendo estudada. Agora se suspendia: Vitória tinha todos os dados de que necessitava. Ele visualizava o gás letal interestelar que envolveria a Terra no Ano Novo de 2001, a algumas semanas dali... O Projeto X tivera bom êxito.

A menos que...

Os assistentes colocavam o comunicador, que brilhava, dentro do buraco. Soldados corriam, carregando um gerador. A respeitável distância, tanques formavam um perímetro, seus focinhos apontados para dentro. Em cada tanque havia uma figura militar, binóculos enfocados no grupo central. Um helicóptero os sobrevoava, câmeras 3V funcionavam. A chuva caía pesadamente, formando bolhas no chão pulverulento.

Utrecht sabia o que acontecia aos ratos no fim de um experimento. Eles não chegavam a envelhecer. Eram gaseados ou envenenados. Sabia, também, donde vinham os ratos. Teve uma visão da verdadeira humanidade - povos primitivos, num planeta primitivo, fugindo para os seus abrigos nas cavernas - enquanto os vitorianos, a super-raça, os gigantes, os implacáveis, os deuses e as deusas, os caçavam, os agarravam, os condicionavam, os atiravam no grande educandário. Para procriar e sofrer. Como Karen sofreu.

Nesse momento, Disraeli e Palmerston deram o sinal. Acenderam-se luzes nas facetas do comunicador. Sua mensagem fulgurou pelo buraco abaixo, uma sentença se transformando em outra, logo voltando a ser o que era, uma vez, outra vez, enquanto os tambores de letras rolavam.

*IRECOGNIZEYOU
QUEENVITORIA
OFFERIDENTITY
CONSIDERPEACE*

Os ratos tentavam parlamentar!

Pela primeira vez olhou para o fundo do buraco antes escondido pelo mausoléu. Umbigo da Terra, segundo a expressão de Palmerston. A luz que dele provinha era confusa. Não exatamente muito brilhante. Não exatamente muito fosca. Apenas - errada. Maldosamente, perturbadoramente errada. E... sim... ele jurava que algo se mexia lá dentro. Onde havia um vácuo, uma sombra confusa se movia. A deusa ca-de-la vinha para investigar!

Utrecht ainda trazia a faca de mola. Não decidiu sobre o que ia fazer; apenas fez.. Os outros chegaram demasiado tarde para contê-lo. Estava surdo aos gritos de advertência de Hoggart. Evitando o dispositivo de sinalização, avançou correndo e mergulhou de ponta-cabeça no buraco dimensional,

Era uma cor que ele nunca antes vira. Um cheiro desconhecido às narinas. Um ar mais fresco, mais pungente, do que qualquer outro que até ali havia respirado. Toda

realidade desaparecera, exceto a preciosa realidade da faca em sua mão. Parecia-lhe estar caindo para cima.

Seu condicionamento desapareceu, foi-lhe arrancado do cérebro. Lembrou-se então dos simples e assustados povos das cavernas, vivendo em comunidade com outros animais, principalmente dependendo da rena para as suas necessidades mais simples. Seu número não era comparativamente grande.

E os senhores terríveis das montanhas estreladas! Sim, também se lembrava deles, recordava-os como inimigos a respeito dos quais se sussurrava na infância antes que os visse, caminhando de pernas abertas, irradiando terríveis raios de compulsão...

Quando caiu por terra, a visão desapareceu. Estava vestido somente com sua própria pele. Quando se levantou, grãos de areia rascavam-lhe os dedos do pé. Ainda trazia a faca. Ásperos arbustos à volta, uma frescura de gelo. Estranhas formações de nuvens num céu estranho. E uma presença.

Era tão gigantesca que, momentaneamente, não a percebeu. Naturalmente estou louco, disse com seus botões. Àquele sujeito de Viena diria que isto é a última fixação materna! Decerto que ela era demasiado grande para lutar, tão horivelmente grande!

Ela o agarrou entre dois imensos dedos gorduchos. Era imperiosa, majestática, era a Rainha Vitória. E não parecia divertir-se.

Incomodado, o boneco sentado na poltrona do Dr. Froding se mexeu. Algumas das coisas que hoje em dia se viam na 3V eram realmente alarmantes, difíceis de suportar.

O Dr. Froding entrou e estendeu para o boneco um dedo acusador.

- Acuso-o de ser o verdadeiro Dr. Froding!
- Se sou o verdadeiro Dr. Froding, quem é você?
- Sou o boneco verdadeiro.
- Não discutamos um assunto tão insignificante num tempo desses! Algo que testemunhei na televisão me convenceu de que o mundo, a galáxia, todo o universo tal como o conhecemos (para não falar da Cidade de Nova Iorque), está a pique de ser destruído por gás letal interestelar.

Froding sacudiu a cabeça.

- Por isso é que prefiro ser boneco!

INTANGÍVEIS INC.

- Nesta casa sempre parece hora de comer - disse Mabel.

Pôs com força o saleiro e a pimenteira de porcelana na ponta da mesa onde ficava Artur e correu para apanhar a ceia na cozinha. Os olhos dele a seguiram enlevados. A garota era de boa presença; não era fácil lidar com ela; todavia era bonita. Artur, por outro lado, parecia um touro novo; apesar disso, não muito vivo.

- Tome enquanto está quente - disse ela voltando e colocando em frente dele um prato de sopa.

Artur acabava de apanhar a colher, quando ouviu que um caminhão parara na estrada lá fora. A tampa do motor estava levantada, e o motorista tinha a cabeça enfiada debaixo dela; mas apenas olhava sonhadoramente para a máquina.

Artur olhou a sopa que fervia, olhou Mabel, e recuou para dentro, coçando a cabeça.

- Esse tipo vai perder-se na estrada daqui a meia hora - disse quase consigo mesmo.

- Sim, já é tempo de acendermos as luzes - disse ela, quase consigo mesma.

- Eu poderia ganhar um par de dólares indo ver qual é o problema disse ele mudando de assunto.

- Isto é comida que o dinheiro não pode comprar nem o tempo melhorar, como dizia minha mãe - murmurou Mabel, mexendo o prato de sopa, sem que o outro sequer a olhasse.

Fazia apenas quatro meses que estavam casados, mas Artur não precisou esperar todo esse tempo para notar a obliquidade das intenções da mulher. Mesmo quando aparentemente conversavam, suas duas correntes de pensamento pareciam nunca convergir, muito menos tocar-se. Mas ele era um jovem decidido, não se deixava vencer por irrelevâncias. Ergueu-se.

- Vou ver se descubro qual o defeito lá fora - disse. E de lambuja para o orgulho culinário da mulher, gritou-lhe ao sair: - Não deixe a sopa esfriar. Volto já.

O bangalô, plantado em terreno próprio, ficava a algumas centenas de jardas distante da cidade de Hapsville. Nada crescia ao longo dos anúncios da estrada, e o caminhão estacionado aumentava a geral desolação. O veículo parecia gasto, consertado e remendado, como se já estivesse viajando pelas estradas, muito antes da exis-

tência de trens ou diligências.

A figura vestida de sobretudo junto ao motor esperou Artur se aproximar para só então tocar no boné e voltar-se. Era um homem pequeno, de óculos, e cara comprida, tão comprida, que devia medir umas dezoito polegadas da coroa da cabeça à ponta do queixo. No conjunto de suas rugas, brincava uma doce expressão de melancolia.

- Algum contratempo, amigo? - perguntou Artur.

- Quem não os tem? - E a voz do homem também soava como um conjunto de rugas.

- Posso ajudar em alguma coisa? - indagou Artur. - Trabalho na garagem, logo na entrada de Hapsville.

- Bem - respondeu o homem das rugas. - Viajo há muito tempo. Atrevo-me a dizer que se o senhor insistisse, eu poderia intercalar um prato de sopa entre mim e a noite...

- Sua cronometragem é decerto bem boa! - disse Artur. - Vamos entrar. Verei o que Mabel pode fazer. Depois examino a máquina.

E foi à frente, na direção do bangalô. O homem das rugas esfregou os pés no capacho, limpou os óculos no sujo sobretudo e acompanhou-o. Cheio de curiosidade, olhava em torno.

Mabel trabalhou depressa. Teve tempo, quando viu pela janela que os dois se aproximavam: entornou os dois pratos de sopa de volta no caldeirão, acrescentou água, pôs o caldeirão de novo no fogão, para aquecer, e colocou sobre o vestido um avental limpo.

- Temos hóspede para jantar, Mabel! - disse Artur. - Vou acender a luz.

- Como vai? - perguntou Mabel estendendo a mão para o homem das rugas. - Seja bem-vindo à nossa hospitalidade!

Disse-o corretamente; fê-lo soar realmente acolhedor; todavia, acentuando a comprida palavra "hospitalidade", fê-lo saber que ele a incomodava. Mabel era educada; assim também Artur. Ambos liam jornais e revistas. Mas enquanto Artur perlustrava apenas os trechos sobre ciência, engenharia ou mecânica (essas três coisas queriam dizer a mesma coisa para Mabel), ela estudava os artigos sobre psicologia, educação ou etiqueta. Se pudessem desenhar suas ideias sobre o mundo, o desenho de Artur seria uma porção de dentes de engrenagem, e o de Mabel, uma fila de professorinhas enlaçadas.

Sentaram à mesa todos os três, assim que a sopa diluída esquentou, e bebericaram o conteúdo dos pratos.

- Passa muitas vezes por aqui? - perguntou Artur ao visitante.

- De vez em quando. Não tenho itinerário regular.

- De que modelo é o seu caminhão?

- Você é mecânico de garagem, não?

Assim desviada a pergunta, Artur disse:

- Não, eu não disse isso. Sou apenas ajudante, mas aprendo depressa.

Estava quase a perguntar de novo sobre o caminhão, quando Mabel resolveu que era sua vez de falar.

- Que produto carrega, senhor? - perguntou.

O comprido rosto se enrugou como papel de seda.

- Também não posso dizer que tenha um produto - disse ele, inclinando-se ansioso para a frente e pondo os cotovelos na mesa. - Talvez a senhora não tivesse visto a inscrição no meu caminhão: "Intangíveis, Inc."... Agora está um pouco gasta, suponho.

- Então você carrega intangíveis, hem? Crescem no caminho de Nova Orleans; não é isso? Devem ser coisas interessantes para levar ao mercado.

- Deus meu! - exclamou Mabel zangada, quase enrubescendo. - Não ouviu direito o que o cavalheiro disse, Artur? Diz que mascateia intangíveis. Não são coisas, absolutamente; claro que você sabe! São mais... isto é, são mais como alguma coisa que absolutamente não existe.

E incerta, parou com um ar confuso. O homenzinho imediatamente interveio para os salvar.

- A espécie de intangíveis com que negocio, existe sim, - disse ele. - Com efeito, podem até dizer que são coisas que governam a vida das pessoas. Mas porque não podem vê-las, as pessoas não lhes fazem conta. Pensam poder viver sem elas, mas na verdade não podem.

- Prove um pedacinho deste queijo - disse Mabel, enchendo os pratos vazios. - O senhor dizia.. .

O homem das rugas aceitou um quadrado de queijo mais uma fatia de pão feito em casa, e disse:

- Bem: agora que estou aqui, talvez possa oferecer um intangível a uma gente tão boa como vocês.

- Somos muito pobres - disse Artur mais que depressa. - Faz pouco que nos casamos e já existe um bebê a caminho para a próxima primavera. Não podemos permitir-nos luxo algum; essa é que é a verdade.

- Sinto-me feliz sabendo que o bebê vem aí - disse o homem das rugas. - Mas compreendam: não quero dinheiro em troca da minha mercadoria. Vocês já me deram um intangível: hospitalidade; devo agora retribuir-lhes.

- Bem: se é assim - disse Artur, pensando que o sujeito estava se tornando um pouco excêntrico, e o melhor seria despedi-lo o mais depressa possível. As pessoas são assim mesmo: ou amigas ou hostis, e há tantas maneiras objetáveis de serem amigas como as há de serem hostis.

Mastigando valentemente uma côdea, o homem das rugas voltou-se para Mabel e disse: - Tomemos o seu caso, madama; e vejamos quais os intangíveis que a senhora requer. Qual é o seu objetivo na vida?

- Nenhum - disse Artur desanimado. - Já se casou comigo...

Mabel aprontava uma resposta incisiva, quando o hóspede a precedeu com uma mais branda. Sacudindo solenemente a cabeça para Artur, falou:

- Não, não, creio que não entendeu o que eu disse. Mesmo as pessoas casadas possuem toda espécie de intangíveis, ambição e não sei mais o quê... e a maioria deles é guardado como um segredo de vida ou morte.

Voltou-se para tornar a olhar Mabel, e seu olhar se fez grandemente penetrante enquanto prosseguia:

- Por exemplo, algumas esposas que se casam muito cedo, pensam com suas lindas cabecinhas contrariar os desejos dos maridos. É esse o seu maior intangível, e não há como livrá-las disso.

Mabel não respondeu, mas Artur levantou-se muito zangado. Tais palavras o ofenderam mais do que confessaria a si próprio.

- Não continue a dizer essas coisas sobre Mabel! - disse com uma voz taurina. - Não é da sua conta e não é verdade. Melhor que acabe de comer esse pão e vá ver que ninguém lhe rouba o caminhão!

Mabel também se levantou.

- Artur Jones! - exclamou ela. - Não seja grosseiro com o hóspede; ele não se referia a mim pessoalmente, por isso sente-se e ouça um pouco de conversa. Nem sem-

pre temos oportunidade para isso.

Esmagado, Artur voltou a sentar-se. A comprida cara sulcada do homem das rugas encarou-o de perto; uma imensa compaixão boiava-lhe nos olhos.

- Eu não quis ser grosseiro - resmungou Artur, brincando canhestramente com o saleiro.

- Está certo. Intangíveis podem ser coisa difícil de lidar como... polidez, por exemplo. Muita gente não sabe o que é polidez, que é coisa difícil. O único meio é usar força de vontade com os intangíveis. - E o homem suspirou. - Certamente que a força de vontade é necessária. Tem força de vontade, meu rapaz?

- Bastante - respondeu Artur. O homem das rugas parecia incapaz de perceber quão irritado ele estava, o que, naturalmente, mais lhe fazia crescer a irritação. Artur rodava o saleiro com uma velocidade furiosa.

- E qual é o seu objetivo na vida? - insistiu o homem das rugas.

- Ora! Por que se preocupa com isso, senhor?

- Todo mundo é mais feliz se tem um objetivo na vida - disse o homem. Não adianta passar a vida sem objetivo... caso em que eu me veria desempregado.

Isto soava aos ouvidos de Mabel como as máximas que lia nas revistas: fontes de toda a sabedoria. Prazer partilhado é prazer dobrado; vida partilhada é vida imortal. Cuidar dos outros é o melhor modo de a gente cuidar de si própria. Lança teu pão sobre as águas: até os tubarões precisam viver. Mabel não estava muito à vontade com o tal homenzinho de sobretudo, mas era óbvio que ele podia ensinar uma ou duas coisas a seu marido.

- Naturalmente, você tem um objetivo na vida, meu bem - disse ela.

"Meu bem" levantou o olhar bovino e fitou-a; depois tornou a baixá-lo. Uma mão enrugada deslizou sobre a mesa e tirou de Artur o irrequieto saleiro. Artur tinha uma distinta sensação de que o assaltavam de todos os lados.

- Claro; tenho, sim; objetivos... Ganhar um pouco de dinheiro...

Educar alguns filhos... - resmungou, acrescentando: - E dar um jeito no quintal.

- Muito recomendável, muito louvável - disse o homem das rugas num tom cordial. - São, certamente, belos objetivos para um rapaz jovem; belos objetivos. Cultivar um jardim é especialmente apropriado. Mas, ao fim e ao cabo, os seus objetivos são os mesmos de todo mundo; e um homem precisa ter alguma ambição especial e particular, para distinguir-se do rebanho...

- Não é provável que eu me confunda com qualquer outro homem, senhor - disse Artur magoadamente. Podia perceber, pelo silêncio de Mabel, que ela aprovava o interrogatório. Agarrando o saleiro, pôs-se a rodá-lo na mão: - O quintal estava sempre cheio de... ervas daninhas...

- Mas você não tem qualquer outra ambição especial em particular, que seja sua mesmo?

Sem saber o que dizer sem parecer estúpido, Artur calou--se, com ares de estúpido. O homem das rugas lhe tirou delicadamente o saleiro das mãos, e Mabel disse com uma ferocidade contida:

- Ora, vamos; não tenha vergonha de confessar que não tem nenhum objetivo na vida!

Artur arrastou a cadeira para trás e levantou-se pesadamente.

- Não posso dizer mais do que já disse. Nada há para mim na carga que o senhor carrega.

- Muito pelo contrário, disse o homem das rugas, sem perder qualquer partícula de bondade da voz. - Tenho exatamente o que o senhor precisa. Para cada tamanho de mentalidade, tenho um tamanho apropriado de intangível.

- Pois bem: não quero - disse Artur obstinadamente. - Sou bastante feliz como estou. Não vá trazer suas coisas aqui para dentro!

- Artur, creio que você não entendeu uma só palavra...

- Não se meta! - gritou Artur a Mabel, sacudindo o dedo. - Só sei que este viajante quer me impingir alguma coisa, e você está a ajudá-lo.

Encararam-se: o homem das rugas brincando com o saleiro e a pimenteira, e fitando judiciosamente marido e mulher. A expressão dela, que era de revolta, mudou para aflição; Mabel levou a mão ao estômago.

- A criança está me machucando - disse.

Num instante Artur rodeou a mesa, pôs os braços em torno dela, e, penitente, consolava-a. Quando porém ela olhou furtivamente para o homem das rugas, viu que ele a olhava firme, tendo seus olhos readquirido a qualidade penetrante de antes. Artur também viu esse olhar, e, interpretando-o erradamente, perguntou cheio de culpa:

- O senhor não acha que devo ir buscar o médico?

- Seria desperdiçar dinheiro - disse o homem das rugas.

Obviamente, a resposta aliciou Artur, que todavia se sentiu obrigado a dizer:

- Dizem que o Dr. Smallpiece é bom médico...

- Talvez seja - disse o homem das rugas. - Mas, para intangíveis, médicos não adiantam; pois aqui, o caso é de intangíveis. Ah, a alma humana é um lugar maravilhoso e complicado! Coisa engraçada: ela poderia fazer tanto, mas se acha em tal conflito, que pouco pode fazer.

Agora, que Artur tocava Mabel, voltara a sentir-se mais forte.

- Continue, homem pessimista! - disse zombando. - Mabel e eu vamos fazer na vida uma porção de coisas.

O homem das rugas sacudiu a cabeça e teve uma expressão de inefável tristeza. Pensaram por um instante que ele fosse chorar.

- Aí está a dificuldade - disse. - Não farão nada. Não farão nada que milhares de pessoas já não estejam fazendo exatamente ao mesmo tempo. Demasiados intangíveis estão contra vocês. Você não pode puxar sozinho numa mesma direção por cinco minutos; que diremos de puxarem juntos?

Artur marretou a mesa com o punho.

- Não é verdade! Saia daqui, vá para o inferno! Posso fazer tudo quanto quiser. Tenho força de vontade.

- Muito bem.

O homem das rugas também se levantou, empurrando a cadeira para o lado. Apanhou a pimenteira e o saleiro, e, com um baque colocou-os juntos, mas sem se tocarem, na beirada da mesa.

- Aqui está um pequeno teste para vocês - disse. Sua voz, embora de diapasão normal, fez-se curiosamente enérgica. - Coloco aqui estas duas vasilhinhas. Por quanto tempo vocês poderão conservá-las aqui sem mexer nelas, sem absolutamente tocá-las, mantendo-as exatamente no mesmo lugar?

Por alguns instantes Artur hesitou, como se lutasse com perspectivas de tempo.

- Pelo tempo que eu quiser - disse, obstinado.

- Não, não poderia - contraditou-o o visitante.

- Claro que posso! Estou em minha casa, faço o que bem quero dentro dela. É uma coisa boba, mas posso conservar intocadas as vasilhinhas pelo tempo que eu quiser, até por um ano se for preciso!

- Veremos! Vai usar a sua força de vontade para mantê-las sempre ali, não é?

- Por que não? - perguntou Artur. - Tenho bastante força de vontade, e, o que é

mais, vou arranjar o quintal, plantar feijões e outras coisas.

O comprido rosto balançou-se de lá para cá, os ombros se encolheram.

- Não é assim que se põe à prova a força de vontade. Força de vontade é uma coisa que deve durar a vida inteira. Você não é suficientemente individualista para possuir essa espécie de força.

- Quer apostar? - perguntou Artur.

- Pois não!

- Certo. Então aposto que posso conservar o saleiro e a pimenteira intocados por toda a vida; por toda a minha vida!

O homem das rugas riu-se. Tirou um cachimbo do bolso e pôs-se a acendê-lo. Ouvia-se a saliva chiando no bocal.

- Não aceito essa aposta, filho - disse ele - pois sei que não a ganhará, só lhe restando ficar desapontado consigo mesmo. Como vê, uma coisinha como a que propôs não é simples; você teria de enfrentar todos aqueles intangíveis da alma de que lhe falei.

- Para o inferno com eles! - explodiu Artur. Fervia-lhe o sangue. - Estou dizendo que posso fazê-lo!

- E eu estou dizendo que não pode. E por quê? Porque dentro de dois anos, de cinco, de dez, subitamente você dirá a si mesmo: "- Não vale a pena; desisto". - Ou então dirá: - "Por que me escravizar ao que eu disse quando era moço e tolo?" - Ou um amigo o visitará, e, acidentalmente, derrubará as vasilhas da mesa; ou sua casa se incendiará; ou outra coisa qualquer. Digo-lhe que é impossível fazer a mais simples das coisas, se os intangíveis se amontoam contra você. Eles e as vasilhas o derrotarão...

- Ele está absolutamente certo - concordou Mabel. - É bobagem tentar fazer isso, mesmo porque não poderá consegui-lo.

E isso decidiu a questão.

Artur enfiou os punhos bem no fundo dos bolsos e ficou contemplando as duas vasilhas.

- Aposto que estas vasilhas aqui ficarão, intocadas, durante toda a minha vida. É pegar ou largar.

- Você não pode... - começou Mabel, mas o homem das rugas a fez calar com um gesto e voltou-se para Artur.

- Está bem - disse. - Virei aqui de vez em quando... se me for possível... para ver como vão as coisas. E em troca lhes dou... aliás, já lhes dei... um dos meus melhores intangíveis: um objetivo na vida.

Fez uma pausa para Artur falar, mas o moço, como que hipnotizado, só fazia olhar para as duas vasilhas.

Foi Mabel quem perguntou:

- E qual é o seu objetivo na vida?

Ao voltar-se para a porta, o homem das rugas deu uma leve risada, não exatamente agradável, não exatamente cruel.

- Ora! Conservar as vasilhas sem tocá-las ou mudá-las de lugar! Adeus, meus filhos!

Muitos dias se passaram antes que eles percebessem que ele saíra e se fora, sem qualquer outro transtorno, no seu velho caminhão.

No princípio Mabel e Artur discutiram violentamente o caso das vasilhas. A briga era unilateral, pois bastava Mabel colocar a mão no ventre para acabar vencendo. Tentava ela demonstrar-lhe quanto a aposta fora estúpida; às vezes ele concordava, às vezes não. Para Mabel, a coisa não tinha a menor importância; isto, porém, ele

não admitia. O homem das rugas conseguira furar a obtusidade e a ira de Artur, e tocar-lhe um lugar vital.

Antes de percebê-lo, Mabel fez o possível para induzir Artur a tirar as vasilhas da mesa. Mais tarde calou-se, esperando silenciosa continuar a viver como se nada houvesse acontecido.

Então era a vez de Artur discutir com ela. Mudavam de lado com facilidade, como que empenhados numa estranha dança. E assim era, de fato.

- Por que aceitar o incômodo que elas são? - perguntou Artur. - Ele era apenas um velho tagarela a fazer-nos de tolos.

- Mas você não se sentiria bem se mudasse as vasilhas do lugar. Pelo menos por enquanto. É uma questão de psicologia.

- Já lhe disse que foi um ardil - rosnou Artur, que tinha em péssima conta as leituras da mulher.

- Além disso, as vasilhas não o atrapalham - disse Mabel, mudando a sua linha de defesa. - Fico mais em casa do que você, e, ficando elas onde estão, absolutamente não me atrapalham.

- Penso constantemente nelas quando estou na bomba - disse Artur.

- E pensaria ainda mais se as removesse do lugar. Deixe-as mais alguns dias como estão.

Artur ficou olhando as duas vasilhinhas de porcelana. Lentamente levantou uma das mãos para varrê-las mesa abaixo... Mas de repente virou as costas e foi vadiar no quintal. Na manhã seguinte se levantaria bem cedo para arrancar aquelas malditas ervas daninhas.

Na fase seguinte, nenhum dos dois falou sobre as vasilhas. Por mútuo consentimento, evitaram falar no assunto, e Mabel deu uma espanadela em redor delas. Mas o assunto não morrera. Era como uma lufada de ar gélido entre eles. Um intangível.

Dois anos se passaram antes que o veículo antediluviano de novo aparecesse. Era o dia do aniversário de Artur, que completava vinte e quatro anos, e mais uma vez era noite no momento em que o homem de sobretudo e comprido crânio se encamionhou para a porta.

- Se ele quiser divertir-se com as tais vasilhas, juro que lhas atirarei na cara - disse Artur. Era a primeira vez, em muitos meses que falavam no assunto.

- Vamos entrar - disse Mabel ao homem das rugas, olhando-o de alto a baixo.

Ele sorriu desarmado, e encantadoramente agradeceu, mas ficou onde estava, isto é, na soleira. Ao ver Artur, seus óculos brilharam, e em sua cara cada ruga se iluminou. Leu facilmente na expressão de Artur o que desejava saber, de modo que não lhe foi preciso olhar a mesa por sobre os ombros em busca de confirmação.

- Não demoro - disse Ele. - Estou apenas de passagem, e quis deixar isto aqui.

Pescou num dos bolsos uma bonequinha de pau e balançou-a no ar. A boneca tinha olhos redondos, pintados de azul-claro.

- Presente para a sua filhinha - disse Ele, apresentando-a a Mabel.

Mabel já segurara a boneca antes de se lembrar de perguntar, subitamente espantada:

- Como soube que era menina?

- Quando cheguei vi um vestidinho pendurado no varal - disse Ele. Boa noite! Até mais ver!

Os dois olharam o pequeno caminhão se afastar e desaparecer na estrada. Ambos lutaram para esconder seu desapontamento diante da brevidade do encontro.

- Pelo menos ele não quis entrar e bombardeá-lo com a sua inteligente conversa - disse Mabel.

- Eu queria que ele entrasse - disse Artur com petulância. - Queria que ele visse que conservamos as vasilhas justamente no lugar onde ele as deixou: grudadas na beirada da mesa.

- Da última vez você foi grosseiro com ele...

- Por que não o fez entrar?

- Da última vez você não quis que ele entrasse; agora quer! Realmente, Artur, você é difícil de agradar. Acho que é mais feliz quando está infeliz. Você próprio é o seu pior inimigo!

Ele soltou uma praga. Começaram a discutir com mais violência, até que Mabel chapou a mão no ventre e assumiu uma expressão de dor.

Desta vez foi um menino. Deram-lhe o nome de Mike e ele se tornou um verdadeiro diabinho. Mexia em tudo. Artur teve de colocar quatro tábuas à volta das vasilhas de sal e de pimenta, para conservá-las intocadas; segundo disse a Mabel, nem por isso a mesa era muito valiosa.

- Chorando em voz alta, um adulto como você! - exclamou Mabel impacientemente. - Jogue fora essas vasilhas! Transformaram-se em superstição para você! E quando vai fazer alguma coisa no quintal?

Ele a olhou sombria e beligerantemente até que ela se afastou.

Mike tinha quase dez anos, e estava caçando pássaros no mato, quando o homem das rugas tornou a aparecer. Chegou de manhã, justamente quando Artur ia saindo para a garagem, e sorriu amavelmente quando Mabel o fez entrar na sala da frente. Seu púido sobretudo se diria o mesmo.

- Lá estão as duas vasilhas, senhor - disse Artur orgulhosamente, fazendo um gesto para a mesa. - Nunca foram tocadas desde que o senhor as pôs ali, faz isso muitos anos!

Não havia dúvida, lá estavam ambas as vasilhas, eretas como sentinelas.

- Muito bem, muito bem - disse o homem das rugas, com um ar realmente satisfeito. Tirou do bolso uma caderneta e fez uma anotação.

- Gosto de anotar todos os meus fregueses - disse, como quem se desculpa.

- Quer dizer que por toda parte tem fregueses guardando saleiros? - perguntou Mabel, inquietando-se porque podia ouvir o filhinho de dois anos chorando no quintal.

- Oh, não guardam apenas saleiros - disse o homem das rugas. - Alguns passam a vida colecionando tampas de caixas de fósforo, amalhando moedas ou dirigindo a vida dos outros. De vez em quando os ajudo, às vezes não é preciso. Vejo que vocês dois vão indo muito bem.

- Mas tem sido uma amolação conservar as vasilhas sempre na mesma posição - disse Mabel. - Impossível dizer quanto amolam!

O homem das rugas voltou para ela o olhar penetrante que ela ainda não conseguira esquecer, mas nada disse. Em vez disso mudou para Artur, perguntando como ia o trabalho na garagem.

- Agora sou mecânico-chefe - disse Artur, não sem orgulho. - E Hapsville vai ficando uma grande cidade; sim senhor! Novas fábricas de enlatar e não sei que mais... tudo cresce. Na garagem temos tanto trabalho quanto queremos.

- Você vai muito bem - garantiu-lhe o homem das rugas. - Logo voltarei a vê-lo.

Esse logo durou catorze anos.

O velho veículo castigado, com os faróis indistintos, mais uma vez parou em frente ao bangalô, e o homem das rugas desceu. Olhou interessado em torno. Desde a sua última visita, Hapsville emendara com a casa de Artur e envolvera-a com lindas casinhas de madeira de cada lado da estrada. A residência de Artur havia mudado, anexara-se uma grande sala numa ponta, todo o exterior fora recentemente pintado, um jardim de roseiras contornava-a até a cerca da frente. Nem sinal de ervas daninhas.

- Vão indo OK - disse o homem das rugas, encaminhando-se para a porta.

Uma jovem de dezesseis anos saudou-o, e logo adivinhou quem ele era.

- Meu nome é Jennifer, tenho dezesseis anos e há séculos estou à sua espera! O senhor entre, pois mamãe está lavando roupa no quintal. Assim o senhor verá as duas vasilhinhas; ambas estão no mesmo lugar, nunca foram tocadas. O pai diz que tocá-las representa um milhão de anos de azar, pois são intangíveis.

E assim pairando, ela fez o homem das rugas entrar na sala. Esta também mudara: continha uma cama, e da parede pendiam muitas fotografias indistintas. Um velho de rosto tão rosado como um pôr do sol estava sentado numa cadeira de balanço e cumprimentou satisfeito quando Jennifer e o homem das rugas entraram.

- É o pai de papai - disse a garota, à guisa de explicação.

Mas algo havia de conhecido e inalterado: uma mesa vazia se encontrava no seu lugar costumeiro, e sobre ela, e sem tocar uma na outra, se achavam as duas vasilhas de porcelana. Jennifer deixou o homem das rugas a admirá-las enquanto corria para o quintal chamar a mãe.

- Onde estão as outras crianças? - perguntou o homem das rugas ao pai do pai, iniciando a conversação.

- Só resta Jennifer - disse o pai do pai. - Prue, a mais velha, se casou como todas fazem. Isso foi antes de eu vir morar aqui. Seis, talvez sete anos. Ela se casou com um moleiro de nome Muller, e têm uma filhinha chamada Millie. Quanto a Mike, o filho de Artur, era uma peste. Não prestava para nada, exceto para reproduzir. E quando havia por aqui muitas garotas (que deviam ser mais sensatas) esperando filhos, o rapaz roubou um carro da garagem do pai, fugiu para San Diego e alistou-se na Marinha. Nunca mais foi visto.

O homem das rugas fez um estalido com os lábios - sugestão de que, embora desaprovasse tal comportamento, já ouvira antes histórias semelhantes.

- E como vai Artur? - perguntou.

- Os negócios prosperam. Talvez o senhor não saiba que no último outono ele comprou a garagem. Agora é proprietário!

- Faz bem uns quinze anos que não passo por aqui.

- Hapsville está subindo no mundo - murmurou o pai do pai. - Isto naturalmente significa que já não é um lugar tão bom para nele se residir. Sim, Artur comprou a velha garagem, quando o dono se aposentou. Sujeito inteligente, o Artur... um pouco estúpido, mas inteligente.

Quando Mabel apareceu, vinha enxugando as mãos numa toalha. Como quase tudo, também mudara. Fizera quarenta e oito anos e engordara. Os óculos no nariz eram um tributo à persistência com que investigara psicologia doméstica entre as colunas de anúncio de seus perenes magazines. E a experiência, como uma pedra de amolar, aguçara-lhe a expressão.

Não obstante isso, obsequiou com um sorriso o homem das rugas e cumprimentou-o com bastante cordialidade.

- Artur está no trabalho - disse. - Vou trazer-lhe uma caneca de cidra.

- Muito obrigado, disse Ele, mas vou andando. - Só vim para saber como vocês iam passando.

- Oh, as vasilhas continuam lá... disse Mabel com qualquer coisa de súbita hostilidade, e fazendo um gesto na direção do sal e da pimenta. Ao fazer isso, e vendo Jennifer na porta, chamou:

- Jenny, continue a empilhar as maçãs, tal como lhe mostrei. Quero falar com esse cavalheiro.

Respirou profundamente e voltou-se para o homem das rugas.

- Os intervalos de suas visitas são cada vez maiores, senhor. Pensei que nunca mais viria. Tivemos uma boa oferta por este pedaço de chão, dinheiro suficiente para comprar uma casa melhor numa parte mais bonita da cidade.

- Folgo muito em saber. - E o rosto comprido se enrugou com a maior amabilidade.

- Ah, o senhor folga muito, hem? - disse Mabel. - Então deixe-me dizer-lhe o seguinte: Artur continua rejeitando essa boa oferta só por causa daquelas duas vasilhas em cima da mesa. Diz que se vender isto aqui, as vasilhas serão removidas, e ele não deseja isso. Agora, que diz o senhor sobre o problema, Sr. Intangível?

O homem das rugas abriu largamente as mãos e sacudiu a cabeça de um lado para outro. Suas rugas se entrecruzavam diligentemente.

- Apenas uma coisa a dizer sobre o assunto - disse. - Agora que a nossa pequena aposta se transformou em inconveniência, devemos anulá-la. Que tal se eu remove-se as vasilhas agora mesmo, antes que Artur chegue em casa? A senhora então lhe explicaria o que aconteceu, não é?

E avançou para a mesa, estendendo a mão para as vasilhas.

- Espere! - gritou Mabel. - Deixe-me pensar um instante antes que o senhor as toque.

- Artur nunca lhe perdoará se as tirar do lugar - disse o pai do pai lá do fundo.

- É demasiada responsabilidade para eu decidir - disse Mabel, furiosa com a própria indecisão. - Quando me lembro como as conservamos enquanto as crianças eram pequenas... Estão aí há um quarto de século. ..

Algo embargou-lhe a voz.

- Não se apoquente - disse o homem das rugas. - Espere até Artur chegar, então diga-lhe que esqueça a nossa pequena aposta. Segundo lhe expliquei em primeiro lugar, é impossível fazer o que quer que seja quando se tem todos os intangíveis em contrário.

Mabel voltou a enxugar distraidamente as mãos na toalha.

- Não pode esperar para lho dizer o senhor mesmo? - perguntou ela. - Dentro de meia hora chegará para comer.

- Sinto muito. Meus negócios também prosperam; vou ver um par de rapazes que estão criando uma raça de cães que não latem. Mas voltarei.

E o homem das rugas voltou a Hapsville, como prometera, dezenove anos depois. Havia neve no ar e geada no chão, e foi difícil encontrar a casa de Artur. Um grande cinema que exibia um filme chamado "Luz de Amor" barrava-a de um lado, enquanto uma nova passagem de seis pistas lançava automóveis de outro.

- Parece que ele não vendeu - disse o homem das rugas palmilhando a trilha.

Chegou à porta da frente, hesitou e tornou a olhar em torno. O jardim, tão bem tratado da última vez, estava agora sem trato nenhum; as rosas deram lugar a cotos de repolho e velhas entradas de cinema, e caixas de sorvete, vazias, orlavam o muro da casa de diversões. Ervas daninhas nasciam na vereda. A própria casa se diria mal

segura nas pernas.

- Com todo este barulho de tráfego, nunca me ouvirão bater - disse o homem das rugas. - Darei uma espiadela lá dentro.

Na sala, onde ainda permaneciam intactas as vasilhas de porcelana, um fogo ardia, aquecendo um velho numa cadeira de balanço. Ele e o intruso se entreolharam no ar nevoento.

- O pai do pai! - exclamou o homem das rugas. Pensara um instante que...

- Que disse? - perguntou o velho. - Já não ouço mais nada. Chegue perto... Oh, é o senhor! O Senhor Intangível voltando a visitar-nos! Já passou muito tempo desde a sua última visita!

- Dezenove anos, me parece. Tenho cada vez mais gente para visitar.

- Que diz? Pensava que não mais me encontraria aqui, hem? - perguntou o pai do pai. - Fiz noventa e sete anos no último mês de novembro. Noventa e sete. Sadio como um pêro, não fosse esta surdez.

Alguém entrara na sala pela porta de trás. Era uma mulher dos seus quarenta e cinco anos, feia, vestida num desagradável verde-mostarda. Algo bovino na expressão a identificava como membro da família.

- Não sabia que tinha visita - disse ela. - Reconheceu então o homem das rugas. - Ah! é o senhor! Que deseja?

- Vejamos - disse Ele. - Você deve ser... deve ser Prue, a mais velha, que se casou com o moleiro!

- Agradeço o senhor não falar nele - disse Prue acerbamente. - Faz dois anos que não o vemos. Bons ventos o levem!

- Então assim é? Divórcio? Bem, está na moda, querida. E sua filhinha?

- Millie casou-se, meu filho Rex também, os dois residem em cidades melhores que Hapsville - disse ela.

- Faz tempo que nada sei de Rex.

- Se quer ver meu pai, é por aqui - disse Prue abruptamente, evidentemente afita para terminar a conversa.

E dirigiu-se para um quarto. Cortinas abaixadas contra a sombra lá de fora e uma brilhante luz de cabeceira criavam uma ilusão de aconchego. Artur, com um exemplar de Mecânica Popular nos joelhos, estava encolhido sobre o leito.

Fazia trinta anos que se haviam visto pela última vez. Artur estava quase irreconhecível, a menos que se lhe descobrissem os velhos contornos taurinos sob as pesadas bochechas. Na meia-idade amontoara volume, que agora ia perdendo. Suas emaranhadas sobranceiras quase lhe escondiam os olhos, mas estes cintilaram quando o reconheceu. Cabelos grisalhos e despenteados.

A despeito dos anos que separavam seu encontro, Artur começou a falar, como se apenas na véspera houvesse interrompido o diálogo.

- Elas ainda estão lá sobre a mesa, como sempre estiveram. O senhor as viu? - perguntou ansiosamente.

- Vi, sim. Certamente que o senhor possui força de vontade!

- Ninguém as tocou todos estes anos... Faz quanto... quanto tempo, senhor?

- Quarenta e cinco anos, se não mais.

- Quarenta e cinco anos! - repetiu Artur. - Não parece que faz tanto tempo... Ser-viu para mostrar o que pode um objetivo na vida... Quarenta e cinco anos... É tempo demais, não acha? O senhor é que não mudou muito...

- Minha ocupação conserva jovem um homem - disse o das rugas enrugando-se ainda mais.

- Agora temos Prue de volta, para nos ajudar - disse Artur, seguindo sua própria li-

nha de pensamentos. - É uma boa moça. Vai lhe arranjar algo de comer, uma vez que lhe peça. Mabel saiu.

O homem das rugas limpou os óculos no sobretudo.

- Ainda não me disse o que faz aí deitado nessa cama - disse com suavidade.

- Oh! me deu mau jeito nas costas, na garagem. Queria levantar um chassi com os braços em vez de fazê-lo com um macaco. Havia trabalho demais e eu pretendia poupar tempo. Na minha idade devia ter mais juízo...

- Quantas garagens tem agora?

- Só uma. Há muita concorrência das grandes companhias; tive de vender a garagem da parte baixa da cidade. É um negócio difícil, um negócio assassino. Talvez eu devesse me ocupar em qualquer outra profissão, mas agora é tarde para mudar... Diz o médico que vou ficar bom na próxima primavera.

- Há quanto tempo está de cama? - perguntou o das rugas.

- Semanas e mais semanas. Primeiro melhora, depois pioro. Sabe como são essas coisas. Eu devia ter mais juízo. Essas grandes companhias de gasolina tiram-me a vida... Mabel vai todos os dias à garagem, cuidar da caixa. Mas olhe aqui: quanto àquelas vasilhas...

- Da última vez que aqui vim, disse à sua mulher que desistisse da aposta. Agastado, Artur agarrou as cobertas, suas mãos vermelhas brilhavam na colcha cinzenta. Num momento de irritação, ficava mais parecido com o que fora antigamente.

- O senhor bem sabe que não podemos desistir da aposta - disse com petulância. - Por que fala tão tolamente? Eu por mim estou atolado nela. Mexer com as vasilhas representa mais que mexer com minha vida. Diz Mabel que elas são azarentas, e são mesmo. Se mexermos com elas, tudo poderá acontecer! A vida não é coisa fácil; então não sei?

A comprida cabeça balançou-se de um lado para outro.

- Você não entendeu - disse o homem das rugas. - Foi uma simples aposta que fizemos uma noite quando você era jovem e tolo. Quando jovens, as pessoas aderem às coisas mais singulares... Na semana passada visitei uns rapazes: sabe o que faziam? Lançavam camundongos no espaço!

- Agora está querendo fazer-me perder a aposta! - disse Artur muito nervoso. - Nunca confiei muito em você nem nos seus intangíveis. Não pense que me esqueci do que disse na primeira vez que aqui veio. Disse que alguma coisa me faria mudar de ideia; pensava que qualquer dia eu me aproximaria da mesa e derrubaria as vasilhas no chão! Pois bem, nunca fiz isso. Até nos apegamos ainda mais a esta casa por causa das duas vasilhas, o que foi grande desvantagem nossa.

- Nesse caso, acho que nada tenho a dizer.

- Espere! Não vá embora! - e Artur estendeu a mão, pois o homem das rugas já se encaminhava para a porta. - Quero fazer-lhe uma pergunta.

- Continue.

- Aquelas duas vasilhas - embora jamais as tocássemos - têm alguma coisa se as olharmos. Verá que não juntaram pó! Quer que lhe diga por quê? É a vibração do tráfego do novo desvio. Sacode toda a poeira das vasilhas.

- Muito útil - disse cautelosamente o homem das rugas.

- Mas não é isso o que me apoquento - continuou Artur. - Esse tráfego piora dia a dia. Receio que fique tão ruim, a ponto de sacudir as vasilhas fora da mesa. Estão junto da beirada, não é? Podem com facilidade ser empurradas com a trepidação do tráfego... Suponhamos que o sejam... isso tem alguma importância?

E Artur fitou o rosto enrugado do homem, mas a luz da lâmpada, refletida dos seus óculos, escondeu-lhe os olhos. Fez-se um longo silêncio, que o homem das ru-

gas pareceu interromper com relutância.

- Você já sabe a resposta a essa pergunta, Artur - disse ele. Era a primeira vez que pronunciava o nome do outro.

- Sim, acho que sim - disse Artur devagar. Se as vasilhas forem atiradas para fora da mesa, isso quererá dizer que os intangíveis me venceram.

E, com um ar sombrio, voltou a afundar-se nos travesseiros. A Mecânica Popular deslizou imperceptivelmente para o chão. Após a hesitação de um momento, o homem das rugas voltou-se e dirigiu-se para a porta; ali, tornou a hesitar.

- Espero que esteja de pé e trabalhando quando chegar a primavera - disse baixinho. - Isto fez com que Artur se levantasse, abruptamente, gemendo enquanto o fazia.

- Volte a ver-me! - disse. - Prometeu que viria!

- Hei de vir - respondeu o das rugas.

Seu antigo caminho veio sem falta rangendo os ferros nas múltiplas veredas de Hapsville - mas apenas vinte e um anos mais tarde. Virou-se para o desvio e saltou.

- As vizinhanças mudam depressa - disse.

O cinema parecia fechado havia muito tempo. Era agora usado para depósito de móveis, pois um enorme caminho descarregava divãs à porta. Atrás da casa de Artur, erguia-se um bloco de feios apartamentos; crianças gritavam e berravam numa viela lateral. No outro lado da estrada via-se uma fila de pequenas lojas que vendiam balas, discos populares e coisas assim. Atrás das lojas havia um movimentado porto de helicópteros.

O homem entrou numa estreita viela lateral, e ali, apertado entre as traseiras da drogaria, erguia-se a casa de Artur. A natureza, firmemente empurrada de toda parte, reaparecera. A hera grimpava nos postes do alpendre e o mato crescia, tão alto que atingia as janelas. Ervas daninhas afogavam a entrada.

- Que deseja?

O homem das rugas teria saltado, se fosse da espécie dos que saltam. Seu desafiador estava de pé na porta entreaberta, fumando um cachimbo. Era um homem no fim da meia-idade, pesado como um touro, de bochechas sem barbear e cabelos grisalhos.

- Artur! - exclamou o homem das rugas. Então o outro saiu para uma luz melhor a fim de vê-lo mais de perto.

- Não, não pode ser Artur - disse o homem das rugas. - Deve ser... Mike, não é?

- Meu nome é Mike; e daí?

- Deve ter uns sessenta e quatro anos...

- Que lhe importa isso? Quem é você? Polícia? Não: espere um pouco. Sei quem é. Como aconteceu chegar até aqui neste dia entre todos?

- Ora, apenas vim fazer uma visita.

- Percebo. - Mike fez uma pausa e cuspiu no chão. Era a imagem do pai, e, evidentemente, não pensava mais depressa que aquele.

- É o velho das vasilhas de sal e de pimenta? - indagou Ele.

- Sim, pode chamar-me assim.

- Melhor ir ver mamãe - e, hesitante, recuou para um lado a fim de deixar o homem entrar.

Internamente, a casa estava fria, úmida e coberta de mofo. Mabel andava devagar em torno do quarto, pondo coisa numa grande sacola preta. Quando o homem das rugas entrou no quarto, ela se lhe aproximou e ficou o olhá-lo, sacudindo a cabeça.

Ela própria exalava um cheiro de frio, umidade e bolor.

Tinha oitenta e oito anos. Sob o puído manto, encolhera-se com a velhice. Seus olhos brilhavam num nariz ainda pontiagudo, mas incrivelmente débil. Mas, quando falou, a voz lhe saiu tão incisiva como sempre fora

- Pensei que o senhor estivesse aqui - disse ela. - Eu disse que estava. Disse a eles que o senhor viria. Quer saber como a coisa se acabou, não é? Pois bem... vai saber. Estamos vendendo a casa. Vendendo-a já. Estamos de partida. Prue tornou a se casar... com outro moleiro. E Mike vai me levar para a casa dele... um barraco na região frutícola, no caminho de San Diego.

- Ah!... E Artur? - perguntou o homem das rugas.

Ela atirou-lhe um olhar acerbo.

- Como se não soubesse! - exclamou, a voz demasiado empedernida para conter as lágrimas. - Sepultaram-no hoje de manhã. Serviço fúnebre adequado. Não compareci. Estou muito velha para qualquer enterro... menos para o meu.

- Eu queria ter chegado mais cedo... - disse Ele.

- O senhor só vem quando quer - disse Mabel, laconicamente - Até à última hora, Artur falava no senhor. Nunca mais se levantou desde que quebrou a espinha na garagem. Vinte e um anos ficou deitado naquela cama...

Mabel levou o homem das rugas para a sala da frente, para o mesmo lugar onde outrora tinham tomado juntos um prato de sopa aguada. Fazia escuro agora, uma espécie de escuridão esverdeada, de vidraças sujas e ervas daninhas tapando as janelas. A sala se achava completamente vazia, excetuando-se a mesa com suas duas vasilhinhas de porcelana.

O homem das rugas anotou no seu caderninho e tentou mostrar-se satisfeito.

- E Artur ganhou a aposta, não há dúvida! Meus cumprimentos! - exclamou. Cruzou a sala e ficou olhando as duas vasilhas.

- E pensar que elas aí permaneceram intocadas durante sessenta e cinco anos - disse.

- *Artur pensava isso mesmo!* - disse Mabel. - Nunca deixou de se preocupar com elas. Nunca lhe contei, mas *todos os dias eu espanava a poeira que as cobria*. É dever da mulher conservar a casa limpa. Ele teria me matado se descobrisse, mas eu não podia suportar vê-lo acreditando numa tolice daquelas! Como o senhor disse certa vez, as mulheres têm seus próprios intangíveis, assim como os homens.

Sacudindo a cabeça compreensivamente, o homem das rugas fez uma derradeira anotação no caderninho. Mabel conduziu-o para a porta.

- Acho que não mais a verei - disse Ele.

Ela fez-lhe um curto cumprimento de cabeça, incapaz um momento de falar. Depois voltou para o interior da casa, foi manquitolando para o escuro quarto, e começou a embalar as coisas.

DESDE O ASSASSINATO

Não tinha nenhuma sensação de queda.

Com a maior perfeição, descia pela fina atmosfera, seu corpo numa exultante atitude de rigidez enquanto mergulhava rumo à azul terra amerina, controlando a velocidade da queda pelos mais leves movimentos do pescoço e da cabeça.

Nesses momentos enlevados, quase perdia o sentido da própria entidade. Agradava-lhe despir-se do seu caráter, que sempre sentia inadequado. Por essa razão, o paraquedismo lhe fora uma consolação, para em seguida se tornar uma obsessão; andava muito distante de si mesma para não estar distante também de seu marido, Russel Crompton, secretário de Estado. E desde o assassinato do presidente, havia um mês, os novos grandes encargos que ele tinha de carregar - encargos que presagiavam futuro - levava-os a se separarem ainda mais.

Assim, todos os dias, ela se lançava do seu aeroplano particular, arrancando segundos de um imensurável enlevo em escala de tempo terrestre. Então sentia o futuro condensado no instante.

Tais segundos eram comprimidos com luminosas compreensões, difíceis de entender até mesmo após o mergulho, quando ela se limitava à terra. Na cidade, ninguém conhece o interior. Ela compreendia que uma nova época estava a pique de emergir; no chão, homenzinhos sem sabedoria procuravam partejá-la, assim como buscavam descobrir o assassino, velando ambas as tarefas. Seu marido também esperava ser forte e grande nesses pontos, mas quando lia o pensamento dele, recusava-lhe esse poder último. Conhecia um homem que possuía essa espécie de poder: Jacob Byrnes, Jake, herói, vítima, palhaço, vidente; e pronunciava secretamente o nome dele dentro de sua máscara de oxigênio. "O pensamento dele vem até mim."

Seu grande salto na atmosfera superior levou-a a uma altura de 2.250 pés. Estava agora iminente a sua relação com a terra, e ela puxou a corda de abertura para soltar o primeiro paraquedas; seu equipamento era dos mais simples, como se lhe aprouvesse preservar a naturalidade do milagre.

Abaixo dela se ampliava a zona de pouso, recentemente criada num canto da propriedade Russell. Crompton era mais rico que Jake Byrnes, político mais astuto também, razão por que sobrevivera enquanto Jake se afundara. Por que comparar os dois? Jake estava em sua lembrança, e uma repentina imagem dele também - não,

isso não fazia sentido; tais imagens do futuro não podiam sempre ser consideradas pré-cognitivas, uma vez que mais de uma espécie de tempo prevalecia ignorada no universo; mas a imagem mostrou-a claramente recebendo Jake na própria casa dele.

Machucara-se de algum modo, mas sorria para ela. Curioso: em seus encontros, parecia que ele não gostava muito dela...

Antes de aterrissar, na área visada, viu que Russell a esperava, uma figura solitária encostada no seu grande automóvel negro; trazia o simples impermeável costumeiro quando se sentia isolado e queria sentir-se como alguém do povo.

Avançou de testa enrugada, de modo que ela tomou cuidado em evitar tombos e aterrissar de pé. Uma última lufada de vento empurrou-a para ele; Crompton teve de estender a mão para fazê-la parar, segurando-a pelo ombro.

- Rhoda! Pensei encontrá-la nessa brincadeira. Venha comigo para um passeio de carro.

Estava austero, pois não gostava da obsessão de Rhoda. Crompton era freudiano; gostava, em seus momentos de folga, de falar no jargão direto e explicar solenemente a Rhoda que ela sofria do desejo de morrer e que, na "realidade", queria suicidar-se por meio do paraquedismo. Com opiniões mais oblíquas sobre o que era a realidade, ela mantinha a dela; mulher reservada.

Tirou os óculos e abriu o zíper do casaco de couro. Ele não podia deixar de observar-lhe os lábios vermelhos e os belos cabelos louros subitamente esvoaçantes. Uma maravilhosa mulher inatingível que não lhe perguntava nesse momento onde queria que ela fosse...

- Tome um banho de chuveiro e troque de roupa, sim? Vou dar um pulo em Gondwana Hills e consultar Jacob Byrnes Quero que você vá comigo.

Tornou a esperar o sarcasmo e a pergunta de Rhoda. - Para que eu o defenda da sua antiga fama Miriam Byrnes? - Ela porém não fez nenhum sarcasmo, tampouco disse o óbvio. Talvez fosse disso que ele gostasse em Miriam e suas iguais; quando a política se complicava, as mulheres deviam permanecer simples. Será que aquela lia seus pensamentos? Desviou o olhar, amedrontado com a própria transparência; uma doença nervosa fervia em seu interior, manifestando-se em intuições intranquilizadoras de que os outros soubessem coisas más a seu respeito: sentia-se prisioneiro de um emaranhamento gótico de perguntas. A robusta sabedoria de Byrnes agiria como um bálsamo.

- Jacob Byrnes está de novo nas boas graças? - perguntou ela, enquanto se dirigiam para o vestiário.

- Todo mundo chama por ele na presente crise. Se ao menos pudéssemos descobrir o assassino, arrancar os repórteres das nossas costas, abrigarmo-nos, fazer cessar esse clarão de público escrutínio... Acho que vale a pena vê-lo. Quero que ele conheça... Mas isso não importa. Diz meu escritório que até o Vice-presidente Strawn lhe telefonou anteontem.

Presidente Strawn, pensou ela; a baixa de posto deve ser significativa. Despiu o costume e entrou nua no chuveiro; que ele a olhasse.

Viesse o que viesse, ela também queria avistar-se com Byrnes. A imagem era salutar.

O pequeno ditafone permaneceu silencioso cinco minutos antes que o ex-Secretário de Estado Jacob Byrnes completasse sua presença. Nesse intervalo, a mente pesada e capaz de Byrnes repassou uma vasta extensão de tópicos passados e presentes, arrolando-os, metodicamente catalogando-os e comprimindo na inadequação das palavras. Finalmente, pousando o charuto, disse "... concluo... tenho de concluir que o presente é uma época na qual as relações do homem com o universo perma-

necem, pelas razões acima expostas, meramente incipientes. Este é o fator central...”

Seu fator central pelo menos. Essa vasta memória, destinada em primeiro lugar a reivindicar a sua retirada forçada do governo e esclarecer os velhos escândalos de dez anos atrás, haviam se transformado numa pesquisa filosófica; aspectos pessoais haviam-se afundado, afogados num pensar oceânico. As pausas entre as sentenças, os acessos de pesquisas se encompridavam, os dedos de Grigson acima do ditafone ficavam mais ociosos, enquanto Byrnes avançava calorosamente para a frente, aproximando-se da verdade. Sabia que se aproximava; aquele algo secreto que impedia a formação de uma nova relação universal o oprimia e a toda a sua propriedade de Gondwana Hills, trazendo-lhe imagens rodopiantes, retalhos fortuitos de possibilidades.

- Que foi isso, Grigson?

- O fator central, senhor. - O secretário obliterou a sua própria personalidade, esmagado pelos dólares de Byrnes, incapaz de se cristalizar em seu próprio potencial. Byrnes, que vivia por empatia, tirava do homem apenas uma reticência; tinha vontade de bater-lhe. E uma vez o fizera; estava amolado com um ato de Miriam. Grigson não protestou, naturalmente.

- Fator central operando no consciente coletivo. Abortou uma brecha na consciência mais alta, graças a correntes desfavoráveis de meados do século XX, resultando no pesadelo a olho aberto de sistemas político-econômicos impróprios impondo-se em todo o globo. A Guerra Fria e a Guerra do Vietnã devem ser consideradas como estruturas psíquicas defeituosas, através das quais desenvolvimentos favoráveis são eclipsados por desfavoráveis.

Continuando a ditar, ele levantou-se e dirigiu-se para o amplo balcão. Havia ali um microfone; não era possível Grigson não ouvir. Ele gostava de postar-se ali e ditar, com os montes na distância, a pista de pouso no fundo, e, mais próximo, o lago ornamental. Ainda mais perto erguiam-se os anexos essenciais da casa - o ginásio, a pista de tênis de seu filho Marlo, as cocheiras, e a piscina encostada no amplo terraço com sua estatuária. Foram construídos segundo um arranjo que não agradou Byrnes, conquanto ele tivesse sido deveras meticuloso na matéria; mas de alguma forma, a ilação espacial permaneceu mesquinha. Ergueu os olhos para as colinas. Isso, pelo menos, estava OK. Até mesmo a linha da estrada de pedágio estava sendo apagada ano a ano com o crescimento das árvores. Não que ele tivesse muitos anos...

Miriam nadava na piscina. - Hi! - gritou ela, e ele lhe acenou. Ainda havia comunicação entre eles em nível não sonante, o que equivalia a alguma coisa após dez anos. Ela nadava nua, seu corpo depilado de um castanho áureo dentro d'água; ele já não se importava que o pessoal a visse. Até mesmo já havia apanhado Grigson espiando... Os truculentos rapazes na cerca da guarda eram os mais incômodos, mas Byrnes havia muito concordado em que, à vista do fraco equilíbrio mental da mulher, era melhor não reprimir-lhe o exibicionismo. Pobre Miriam: por mais que forçasse o convite, o que tinha a oferecer era dolorosamente ordinário.

Em torno da área havia mais confusão que de costume. Marlo mais frequentemente do que Ele, que ali se entretinha com alguma coisa, algum novo projeto. Os projetos de seu filho esquizoide eram sempre uma espécie de arte-terapia; quanto mais desesperada se tornava a busca da cura, tanto mais complicados se tornavam os projetos. Má empatia no caso. ele captou a sensação flutuante - uma de suas imagens - de uma espécie de ambiente lunar, precipitadamente reprimiu uma imagem da sua gélida primeira mulher, mãe de Marlo, Alice. Da mesma forma, Miriam via Marlo mais frequentemente do que Ele, embora ele não pudesse imaginar o que falavam entre si.

Grigson estava no telefone. Dirigiu-se para o balcão e disse:

- Carro particular no cubículo do porteiro. Russell Crompton, secretário de Estado, deseja vê-lo.

- Que entre. Avise o Capitão Harris na sala da guarda.

- Sim, senhor.

Única espécie de declaração afirmativa que Grigson fazia. Então... Russell Crompton viera visitá-lo. Desde o assassinato do presidente, seus assustados sucessores telefonavam e radiografavam para Byrnes. Ele voltara às boas graças. Isto lhe dava uma certa satisfação reservada, percebeu. Mas estavam todos demasiado receosos de serem espionados e gravados para usarem de franqueza! Agora, ali estava Russell Crompton, outrora amigo íntimo, rodando para o portão de entrada! Procedia-se em toda a nação à busca de um bode expiatório, quando não de um assassino; agora ia saber mais novidades. Suas crenças filosóficas particulares levavam-no a crer que o assassino do presidente devia ser um compatriota; a relação universal abortada não permitiria qualquer coisa menos específica. Seu estômago se contraía um pouco. Quanto mais se sabia, tanto menos era o que se sabia! - Chega de ditado, Grigson.

Grigson sorriu e fez um aceno de cabeça, apanhou a pasta e saiu da sala. Byrnes demorou um instante no balcão, observando o cenário que dentro em pouco seria perturbado. Algumas coisas tinham um valor imenso, por exemplo, a paz de Gondwana Hills, e torrentes de ideias lhe passavam pela mente; para Ele, pensamentos de valor que o alimentavam, mantinham seu interesse pela vida, e ele esperava que, transcritos em papel, iam igualmente alimentar outras pessoas.

Mas também as relações pessoais o preocupavam. Eram elas um sistema de muitos valores, que ele gostava de manobrar, ganhando ou perdendo pontos; nem o seu gozo era inteiramente intelectual. Gostava das pessoas assim como continuava a gostar da vida.

Nem era ele velho demais para sentir-se desejoso de ser visto por Russell Crompton à sua melhor luz... Não era um semi-erudito envelhecido, um palhaço ilustrado, mas um jovial político capaz de viver um pouco como playboy. Desceria para o ginásio.

E por que - perguntava-se ao atravessar a sala num último relance à mixórdia anterior à sua criação - por que queria representar um papel junto a Russell? Com todas as suas faltas e fraquezas, Russell era sempre franco, nunca fingia, embora fosse calculista; Byrnes não o era, - isto é, ocasiões houve... - mas gostava de fingir. O seu papel de playboy, porém, era quase destinado à percepção; talvez a verdadeira defesa devesse ser contra a mulher de Russell, a enigmática Rhoda.

Pensava no que faria dela essa manhã o seu forte sentido empático. A mulher paraquedista... costume divertido para uma mulher. Cabelos lindos. Algo lhe dizia que ela vinha acompanhando Crompton, por mais improvável que isso parecesse.

Ele teria de discutir questões de Estado.

Caminhando firmemente - o que o fazia parecer mais pesado do que na realidade era - Byrnes atravessou o corredor, desceu de elevador para o térreo, saiu para fora sob um sol ardente, despindo a jaqueta de linho enquanto caminhava. Tinha um revólver preso à cintura, receava um pouco ser assassinado; ou, por outra, de não poder suicidar-se se o quisesse.

- Miriam! - gritou ao passar pela piscina.

- Hi! Vai entrar, papai? - E agitou languidamente para ele um braço moreno.

Ao diabo com esse nome estúpido!

- Saia e vá vestir-se. O secretário de Estado Crompton vem chegando.

- Oh rapaz! O tal de calças à fantasia! Pensará que o matador do presidente está

escondido aqui? Vai querer que você se candidate à presidência? Rhoda está com Ele?

Byrnes continuou impassível, cruzou os ornamentados muros de pedra importada da Itália e agora cobertos de trepadeiras russas, e dirigiu-se para o ginásio. Atirando a jaqueta num gancho, pôs-se a fazer exercícios, o rosto purpúreo. Era um homem solidamente construído, ainda permanecia na parte estival dos cinquenta e nove, e não ia deixar que Crompton pensasse que ele já os havia ultrapassado. Pensava no estômago cada vez que este batia no piso em intervalos tensos e regulares. As vísceras. Era ali que sentia coisas. Não era um grande intelectual, mas um grande homem de sentimento. Era isso o que sempre fora e quase ninguém adivinhara - com exceção daquela cadela Alice, sua primeira mulher, que disse tirara o maior proveito. Até mesmo no escritório era-lhe preciso proteger-se da raiva dos outros: eles lhe transmitiam a sua enfermidade - a ele, que era homem estável, destroçado pelas tormentas à sua volta.

Você é um esquisitão, pensou. Poucos eram os homens com os quais podia conversar. Mas a sua própria companhia não lhe era desagradável. Crompton também, em vias de ficar amigo. Também Strawn, que ficara.

Nariz no chão, tornou a se lembrar de Rhoda, aborrecido consigo mesmo pela lembrança. Oh, não! Russell não ia trazer consigo aquela estranha criatura silenciosa! Mas a imagem lhe disse que ela se aproximava...

A imagem adquiriu vida. Lá estava ela entre os arbustos; Ele ficou muito assustado.

Ela dizia:

- Devemos deixar de depender...

Do quê? A imagem desapareceu, nem bem se concretizara.

-... dos sistemas lógicos. (Ou foi ele que terminou a sentença?) Depois de todos esses anos, ele ainda não sabia como lidar com tais momentos de introvisão; o que significava apenas que o seu padrão de vida se cristalizara erradamente havia muito tempo; talvez desde a infância, não era capaz de tirar pleno proveito desses relances extra-sensoriais.

Levantou-se, mal-humorado. Viver era tão maravilhoso, suas próprias faculdades defeituosas eram tão maravilhosas; o que precisava era um homem ou uma mulher sábios, que pudessem discutir com ele esses altos assuntos. Ainda de camiseta encaminhou-se para a porta do ginásio. O grande Chrysler preto de Crompton breiou em frente à casa. Crompton guiava. Rhoda vinha no banco traseiro.

No trajeto para o bar, os dois homens se esgrimiram com algumas chatices preliminares. O barman lhes preparou dois martinis e foi despachado.

- Não sei por que deseja ver-me, Russell; mas era preciso trazer sua mulher?

- O mesmo Jacó resmungão de sempre! Você tem bons cavalos aqui, e ela pode dar uma galopada. Ela gostaria de ver Miriam.

- Rhoda e Miriam nada têm em comum, e você sabe disso. Receia ter de vigiá-la todo o tempo?

Falava desse jeito porque estava rezingão e não tinha maior pressa de ouvir as confidências de Crompton; o assassinato, os transtornos do país, eram coisas sobre as quais não tinha jurisdição e que já não mais tinham precedência sobre a sua vida meditativa.

- Por que não gosta de Rhoda? Ela gosta de você. Ele queria alguém com quem falar, e esse alguém ali estava, o próprio secretário de Estado, nada menos. Por que não falar franco e ver o que acontecia, esquecendo-se de que Russell se achava simplesmente onerado com responsabilidades e culpas e apoquentações, sendo por isso

mesmo uma péssima audiência?

- Sou empático, Russell. Capto as emoções de outras pessoas como se trouxesse uma antena na cabeça. Os olhos de sua mulher sempre me desconcertam. Dizem-me coisas que não desejo saber... coisas dela e minhas. Veja: o futuro aborta diante de nossos olhos; todas as grandes promessas não se realizaram; Ele é uma barreira cada vez maior de doença mental universal. Os empáticos são mais sensíveis do que os outros àquilo que está no ar. Digo-lhe, Russell: são falsos todos os nossos valores, falsos! Se...

- Para isso é que vim conversar com você - disse Crompton. - Uma época nojenta. Concordo em que as prioridades sejam errôneas, mas estou em posição de saber o que são prioridades. Uma porção de coisas ruins surgiram esta semana, coisas que apenas o presidente e mais um ou dois homens conheciam - e engoliu um grande trago do martíni

- Coisas? Quer dizer projetos?

- Mais ou menos. Particularmente dois. Deus meu, Jake: não devia falar nisso com você. São tão secretos... isto é, tão terríveis, a ponto de cada um deles alterar as relações do homem com o seu ambiente uma vez por todas.

Isto se aproximava assustadoramente da matéria contida no capítulo matinal da obra-prima. Afastando essa reflexão, Byrnes perguntou:

- Então, por que me fala a respeito?

- Acontece que acredito existir um sentido em toda a tolice filosófica de que você fala. Hoje sinto precisar ouvi-la. Mais o fato de que o seu barman é um dos maiores artistas do mundo.

E arregalaram os olhos um para o outro. Aquele era um mundo difícil, cheio de manhas. Deviam-se procurar os aliados onde estes estivessem. Embora houvesse algum mal residual colorindo a aura de Crompton, Byrnes respondeu:

- Farei isso, se puder.

- Podemos estar sendo espionados. Vamos lá para fora - e engoliu o resto da bebida.

- Espionando? A mim, em minha própria casa? Que leve o diabo!

- Sentir-me-ei melhor lá fora. Tenho tendência para a claustrofobia; anos demais vividos em Washington.

Largando os copos, voltaram para o ar livre, cruzando as largas portas de vidro cujas venezianas de aço podiam fechar-se a um simples piparote. Os decoradores na quadra de tênis faziam um barulhão com suas máquinas; fora isso, tudo era silêncio. Os guardas se refestelavam nos cubículos de vidro; nenhum pássaro voando. Ao caminharem pelo terraço, os dois homens viram Miriam e Rhoda cavalgando pôneis na direção dos montes; Miriam, com uma roupa de banho azul-turquesa. Por que teria Miriam afastado Rhoda (e a si própria) do caminho?

- Contornaremos o lago, se a distância não é demasiado grande para você.

- Naturalmente que não é - disse Byrnes. - Aqui passam-se os anos mais saudavelmente que em Washington. - E incomodado, apalpou o revólver. Havia sempre algo a pique de se materializar, precipitando-se dos ocultos mananciais do passado, ações já perpetradas nas mentes dos homens, que se manifestavam como projeções vindas do futuro; o presente era uma onda de choque entre o passado e o porvir.

Quando achou que estavam suficientemente longe de casa, Crompton começou a falar. O governo fora apanhado de surpresa pela morte, como se a morte fosse algo espantoso. Não havia um vice-presidente bastante forte para a substituição, segundo aconteceu com Truman e Johnson em crises anteriores. Strawn já se provara ineficaz como presidente. E ainda havia os projetos secretos. Alguns já eram quase segredo

aberto entre os homens da alta administração: os assuntos rotineiramente sinistros da filosofia de matança por atacado, tais como os novos mísseis e novas raças de vírus capazes de invalidar populações inteiras. Fazia-se na lua uma pesquisa antigravitacional e na Califórnia promoviam-se investigações interestelares - tudo secretíssimo. Mas as coisas realmente difíceis não eram essas: eram dois projetos diferentes. Um deles tinha ligação com a estação antigravitacional lunar, disse Crompton. A outra se chamava Projeto Amurada.

- Amurada? Amurada? Que é isso?

- Não posso dizer, Jake. Só posso...

- Se não pode dizer-me, por que veio até aqui falar no assunto?

- As questões que ele suscita são enormes. Questões metafísicas. A humanidade ainda não está pronta para enfrentar essas questões. Certa vez você me disse uma frase sobre "a dicotomia da vida". Essa frase ficou na minha lembrança, e descreve exatamente o Projeto Amurada. Na superfície, o projeto se diria uma das maiores bênçãos; podia entretanto resultar na maior das maldições. Sua potencialidade é tão grande... Não! impossível enfrentá-la! Não se pode enfrentar a Amurada, pelos menos em mais duas gerações.

- É algo como foi a Bomba-A no seu tempo?

- Oh, não, nada parecido com isso!

Byrnes explodiu.

- Não quero desperdiçar todo um dia tão precioso jogando adivinhas com você, Russell! Ou você conta ou não conta! Olhe: sou patriota como qualquer um, mas quando me deram a demissão, cumpria meu dever pensando... sim, pensando, que a tarefa mais árdua que existe, é pensar por camaradas que não pensam. Deixe-me voltar para o trabalho; ou então conte o que pensa e permita-me ajudá-lo.

Crompton olhava para trás piscando ao sol e olhando as duas figuras montadas que agora andavam a meio galope. Casualmente disse:

- Ainda o apoio, Jake, quando o seu nome vem à tona; de modo que só a você direi que o seu temperamento é a causa principal da sua desqualificação para ocupar um alto cargo. Eu não daria tanto valor ao pensamento amador como você faz. - E segurou o braço de Byrnes. - Você é um bom sujeito, Jake; mas como vê, somos todos impotentes...

- Não pense nisso, nunca diga isso. Olhe esta paisagem: por toda a parte a mão do homem. Deus também a tocou, mas o homem a remodelou.

- Nada lhe posso dizer sobre o Projeto Amurada, embora gostasse de fazê-lo. Mas vou falar sobre uma outra dor de cabeça com que nos obsequiaram. Um ou dois médicos e psiquiatras a conhecem, mas se encontram sob mantas de segurança, bem enrolados. Trata-se do que aconteceu na lua. Algo que revela que a concepção do homem vis-à-vis do mundo físico (e que, grosso modo, se chama Ciência) vai precisar ser despedaçada e de novo construída.

- Isso tem algo a ver com a pesquisa antigravitacional a que você aludiu?

- Sim, mas não do modo que você imagina. Trata-se de um efeito que a lua tem no pessoal da pesquisa. Gravidade lunar. Cristo... Escute: vou contar como é. Pela primeira vez no mundo oito homens passaram um tempo apreciável (seis meses) na superfície lunar, longe da Terra. Foram dispensados e voltaram para cá no mês passado, quatro ou cinco dias antes do assassinato do presidente.

Naquele momento estavam ambos fora do alcance da casa. Como abrigo contra o sol, havia um bambual que chegava até o lago, mas Crompton o evitou, talvez receando ser espionado. Byrnes parou junto ao cais de pesca, desejoso de ficar calado e atento ao que o secretário de Estado ia dizer.

- Pois daqueles oito homens, já nenhum é normal. A lua fez alguma coisa ao metabolismo deles; fisiológica e psicologicamente, já não são humanos, mas algo diferente.

- Não estou entendendo. O senhor se comunica com eles?

- Com a maior dificuldade. Para reduzir o assunto a linguagem leiga, (e é tudo quanto entendo da matéria), esses homens lunares operam num tempo ligeiramente à frente do tempo da Terra.

- Operam à frente... Vivem à frente do tempo?

- À frente do tempo da Terra. O tempo terrestre é diferente do tempo lunar. Imaginem que cada corpo planetário tem um tempo diferente.

Byrnes esboçou um sorriso de descrença. - Devia dizer isso a Einstein.

- Deixe Einstein para lá! Olhe aqui: o tempo está de certo modo direto ligado à gravidade; isso foi o que aprendemos com os nossos oito homens que estavam na lua. Uma vez que o sabe, não ficará tão surpreso. Acostumamo-nos a pensar que a Terra fosse um grande poço de gravidade; também acontece que ela se encontra abaixo de um muro temporal.

- De modo que é possível uma equação tempo-energia.

Crompton teve um sobressalto.

- Ninguém me disse isso. Que significa essa tal equação tempo-energia?

- Suspeitou-se, por algum tempo, da teoria geral de Einstein; agora a sua teoria especial também terá de ser re-examinada. Mas se os seus métodos ainda se sustentam, então é possível formular uma relação de tempo-matéria-energia. Direi, fazendo uma digressão, que isto prepara o terreno para a ideia da máquina do tempo de H. G. Wells. Com a ajuda de computadores, talvez dentro de poucos meses se possa construir um protótipo. Que panorama!

Fitou o homem mais jovem, viu que Crompton estava perdido, sua mente envolvida numa nebulosa maquinaria administrativa, sem liberdade para especular, hesitando diante do passo que parecia óbvio a Byrnes. Para fazê-lo voltar da digressão, Byrnes perguntou:

- De que maneira esse efeito temporal impressionou os homens envolvidos no caso?

Ao fazer a pergunta, sentiu um arrepio invadi-lo - uma espécie de pressentimento - e olhou em torno, pensando nas visões psicopáticas que poderiam esvoaçar como fúrias sobre a cabeça de qualquer homem interessado em encarar o impossível.

- Durante anos o efeito poderia passar despercebido, mas existia um efeito colateral. Aparentemente, todo ser vivo, inclusive o homem, possui relógios celulares embutidos, que mantêm o ritmo com a rotação diária da terra.

- Ritmos circadianos.

- Correto. Você sabe a respeito mais que eu. Não tenho muito tempo para leituras gerais. Um longo estágio na lua rebenta os relógios celulares. Os relógios dessa equipe de oito homens tentaram ajustar-se ao período do dia lunar, o que foi, naturalmente, impossível. Por isso passaram para o Automático Lunar, segundo ouvi dizer. Estão vivendo 0,833 segundo recorrente adiante do Automático-Terra. A intervalos o efeito cessa, enquanto a gravidade costumeira os trás de volta 0,833 segundo recorrente ao tempo terrestre. Nesses intervalos podemos comunicar-nos com os homens. De outro modo, são esquizoides, dir-se-ia que não estão lá.

A orquestra da vida interior punha para fora as suas desarmonias. A brecha para uma consciência mais alta - nessa mesma frase o dissera Grigson naquela manhã - a brecha se abria, era de novo oferecida a possibilidade de saúde, paradoxalmente apresentada como enfermidade! Certamente estava sendo vigiado: fez uma volta,

puxando o revólver do cinto. Havia alguém no bambual; seus passos faziam as folhas crepitarem. Ele atirou: reflexo de autoconservação. A imagem da descarga era um fantasma dele próprio - a boca aberta, ofegante, seus velhos e pesados membros estremecendo...

Mal a viu, ela desapareceu. Assim que Byrnes atirou, o carro da guarda avançou, roncando; estava sempre parado na pista de pouso, o motor ligado. Em quinze segundos os homens armados se aglomeraram em torno de Byrnes. Controlando seu furor, Byrnes acalmou-os, mandou-os dar uma busca no bambual. Afastou-se com Crompton, sabendo que nada mais obteria desse homem nervoso, ignorando o seu olhar interrogador.

- Faça-me saber se posso fazer algo na questão da lua. - Sua voz, pensou Ele, nunca lhe parecera tão desanimada. Que aviso aquele fantasma de vivos estaria tentando transmitir?

- É essencial saber o que pensam os grandes cientistas sobre essa divisão do tempo - disse Crompton. - Ainda tremia graças à surpresa do tiro que seu amigo dera; o espectro do assassinato, ocultando temores ainda mais profundos, não o abandonava.

- É sempre preciso conservar afastados esses malditos repórteres. Fetesti acaba de publicar um artigo sobre a bioquímica do tempo; quero enfronhá-lo no assunto. Talvez ele possa arranjar um encontro com grandes cientistas aqui em Gondwana, sem chamar atenção para nós.

- Faça isso. Terei prazer em ajudar.

Sabia que ia ser perigoso, mas ignorava por quê. A horrível teia sensacional das pesquisas, da traição e da brutalidade, que sempre se arrastava ao longo de suas margens carreando drogas, perversões, mentiras e suicídios, mais uma vez se espalhava no continente; e o padrão endêmico da opressão saltava da vontade de poder existente na psique do homem, sempre irrompendo em outras direções; era o maior demolidor de um saudável futuro emergente e podia destruir este continente, como fizera com a África; fazia dez anos, Byrnes fora apanhado em sua trama; queria conservá-lo afastado de Gondwana Hills.

- Toda a propriedade se acha à sua disposição. Minha guarda terá o maior prazer em trabalhar deveras.

- Foi nomeado um comitê interino. Vou relatar o caso. Isso era tudo quanto Crompton pretendia dizer. No seu rosto voltado para o outro lado caíam sombras opacas, enquanto a sua disponibilidade voltava a canais mais rasos, longe das principais correntes da ansiedade do ego.

Enquanto regressavam para o edifício, Marlo saiu da quadra de tênis. Era um jovem magro de dezesseis anos, trazia um sujo suéter escandinavo de cor verde e rancherías usadas. Estava pálido e parecia enfermo. Era a primeira vez em muitos dias que Byrnes o via. Miriam via-o com maior frequência; o que tinham em comum ficava além da especulação. Mas pelo menos ela não evitava o menino, como certa vez ele fizera. Mas, não raro, Marlo desaparecia. Dera para fazer longas viagens, ou a cavalo ou no seu carro esporte, pois não tinha licença; e tais viagens eram tão ignoradas pelo pai quanto o eram as febris excursões de seu espírito.

- Marlo está melhor agora? - perguntou Crompton; depois, como se adivinhasse a resposta à pergunta, acrescentou:

- Tem um psiquiatra residente para Ele?

- Não adianta para Marlo. O último tentou curá-lo com uma nova droga, o que também não adiantou.

- O rapaz precisa de Streicher, um homem muito bom que conheci em Washington.

Streicher libertará sua agressividade reprimida.

Crompton acreditava em tudo isso, mas preferiu não insistir no assunto, para alívio de Byrnes. Este tivera muitas contrariedades com os alienistas que contratara para curarem Marlo; o penúltimo, um sujeito de Nova Iorque, apareceu com duas amantes, irmãs.

Marlo hesitou, quase pareceu não notar os dois homens, depois caminhou lentamente em sua direção.

- Parece que a morte do presidente o transtornou. Em um nível pessoal, parece que não sente nada; mas em um nível público, parece sofrer muito. Podia ser o padrão da personalidade futura; a menos que resolvamos alguns problemas. Quando as coisas ficam insuportáveis, ele se retira.

- Streicher poderia ajudar.

O peso da gente no mundo, o resultado da explosão populacional, oprimiam especialmente o rapaz. Nem mesmo as milhas quadradas de Gondwana pareciam diminuir tal opressão.

- Precisamos querer ajuda externa para que a mesma nos possa ajudar.

Sentia um medo crescente do filho.

Disse Crompton:

- Na noite passada Rhoda sonhou com seu filho.

- Sim? - Ele não sabia se aquilo era verdade. Forçando um sorriso à chegada de Marlo, estendeu-lhe a mão, porém Marlo esquivou-se entortando a cabeça para um lado, num gesto vagamente irônico.

- Voltam a atirar em baleias no lago, Jacob - disse. Sua voz não tinha animação; seu olhar penetrava o pai.

- Nossos caros parentes, triste de dizer... A baleia azul já é uma espécie extinta, exceto nos mares cerebrais da alma, e em nosso lago.

- Que foi que fez na quadra de tênis, Marlo?

Ao virar nos calcanhares, Marlo lançou ao pai um olhar rápido, que seu pai interpretou como um convite. Segurando Crompton pelo braço, a fim de mostrar que não abrigava nenhuma malícia, guiou-o na esteira do rapaz, que se dirigia para a quadra. Esta foi um presente que ele dera a Marlo no seu décimo quarto aniversário. Marlo jogara ali apenas uma partida, mas passara grandes períodos de tempo vivendo quase inteiramente nela, decorando-a em vários estilos bizarros - cada um dos quais os seus psiquiatras tinha saudado como um progresso na sua volta à normalidade.

Byrnes lembrou-se da frase, "progresso para a normalidade", enquanto, ao lado de Crompton, contemplava o atravancado interior da quadra. Os decoradores profissionais tinham saído para o almoço, bebiam cerveja e comiam sanduíches na galeria superior. Abaixo deles, apenas meio acabada, via-se uma parte de uma cratera lunar, sobre um fundo negro de espaço estrelado.

Progresso para a normalidade... ele saqueara os psiquiatras, operando como todos os psiquiatras - em falsas premissas; premissas como, por exemplo, a ideia de uma normalidade transmitida. Segundo Crompton acabava de revelar, havia na lua uma nova normalidade, onde alheias trajetórias de tempo podiam contaminar o metabolismo humano. E Marlo caminhava para isso: - como todos os artistas, caminhava à frente do tempo. Mas a lua fingida era como o território estéril da morte.

Ele deixara de perguntar a Marlo o que aquilo significava. Mas Crompton perguntou, com um ar decididamente constrangido.

- Apenas uma coincidência - disse Byrnes. - O rapaz andou lendo histórias espaciais em quadrinhos. Mas ele porém apanhara um pouquinho da doença do filho; não apanhara? E acaso não apanhava um pouquinho de doença para onde quer que se

virasse? Aproximava-se uma hora de crise; o alto consciente estava a pique de nascer e ele atravancava o caminho das parteiras. O rapaz desaparecera entre o refúgio deixado pelos decoradores. Byrnes queria um charuto e outro trago.

Os dois homens falavam baixo caminhando pelas imediações, examinando a espuma de plástico que tanto se parecia com a terra fendida do satélite da Terra, ambos inquietos diante de alguma coisa que não podiam compreender. Quando finalmente se voltaram para a porta, foi para descobrir as duas mulheres emolduradas entre os batentes da entrada.

- E então, sentem-se bem? - perguntou Miriam. - Pensamos ouvir tiros, por isso voltamos para ver se havia algo errado. Os guardas disseram que você viu alguém no bambual. É verdade, Jacob? Há espiões por aqui?

Miriam era quase uma cabeça mais baixa que Rhoda. Beijou Byrnes e deu uma bicota em Crompton, o que, como de costume, não queria dizer nada, refletiu Byrnes. Não se podia dizer, do susto que ela demonstrou tão lindamente, que este fosse real ou fingido.

- Faz tanto tempo que não o vejo Russ, continuo dizendo a Rhoda que você tem um grande segredo de Estado para contar a Jacob, mas isto é apenas um pretexto: você veio aqui para me ver...

- Está muito bonita nesse maiô, Miriam - disse Crompton.

- Gosta? Custou uma nota! O material não é uma beleza?

Rhoda nada disse. Era terrífica no seu silêncio, pensou Byrnes; dela provinham boas irradiações. Era Rhoda um pouquinho mais gorda do que ele esperava numa mulher, mas sua epiderme e seus pequenos seios bem formados... bem, aquela era uma linha que já não achava proveitoso continuar; a filósofa era pelo menos parcialmente destinada a manter a distância essa espécie de assunto. Encaminhou-se para Rhoda, consciente de que sempre se comportara para com ela de modo repreensível. Atitude mascarada. Suspeitava que Rhoda realmente sabia o que ele sentia por ela; mas se possuía essa sensibilidade e percepção, por que teria ele necessidade de representar, como um adolescente? E por que precisavam os adolescentes representar? Às vezes, civilizações inteiras se envolviam em atitudes. Os haragei japoneses, por exemplo, que usavam atitudes como véus destinados apenas ocasionalmente a fingir-se impenetráveis, dizendo coisas que não tinham a intenção de dizer. O inevitável e gigantesco paradoxo do comportamento humano; gigantesco, todavia tão belo. Queria escrever uma nota, mais do que queria o charuto ou o trago.

Estava de pé, fitando Rhoda. Ela também o fitava, sem defesa ou ofensa.

- Continua fazendo paraquedismo? - (Sua mania obsessiva era atirar-se de aeroplanos; Life publicara um artigo sobre ela.)

- E você? Ainda escrevendo memórias? Interiormente, ele continuava preocupado com coisas da lua. Disse, sem sorrir:

- Talvez eu obtenha da filósofa o mesmo prazer que você obtém do paraquedismo.

- Algum dia vocês dois ainda irão comparar esses prazeres - disse Miriam, a voz rascante. - Jacob, leve Rhoda para um coquetel lá dentro enquanto mostro a Russ esta estrutura maluca.

- Ele já a viu. - Mas gostou do pretexto. Em seu todo, as mulheres permaneciam particulares, até mesmo no meio de assuntos públicos; era esse um talento que aos poucos desaparecia. Enquanto se afastava com a mulher silenciosa, buscava meios de tirar a máscara haragei, mas ela parecia mais longínqua do que nunca. Como se tivesse mais coisas em comum com Marlo do que com Ele. Sentiu curiosidade de visualizá-la em algum sonho alucinatório, dez milhas acima da superfície da Terra; ainda pairava em redor dela alguma coisa daquele estado transfixado

- Ele me odeia, você bem sabe - disse Miriam a Crompton assim que Rhoda e Byrnes desapareceram. - Tirei-o da vida pública na mocidade e ele não esquece.

- Está muito melhor assim, afastado da peleja.

- Oh, Russ, não banque o saciado comigo! Faz meses que não o vejo! Sei que você teve aborrecimentos medonhos com esse assassinato e o resto, mas sinto-me tão sozinha aqui. Até Marlo anda fugido.

- Onde está Ele? - E seguia-lhe os passos sobre a imitação da crosta lunar.

- Está escondido acolá! Marlo, venha cá, meu bem! Realmente: está cada vez mais maluco.

Marlo mostrou a cabeça detrás de uma coluna e disse:

- Aqui devia estar vestida com um costume horário. Caminha com a morte. Crio meu próprio tempo e desafio a morte!

Miriam olhou para Crompton. Parecia que as palavras lhe infligiram um golpe físico.

- O rapaz sabe! - suspirou. Voltou-se e, rápido, se afastou, saiu da quadra, as mãos estendidas para o caso de tropeçar nos equipamentos espalhados por toda parte.

Ela o seguiu, chamando.

Pendurou-se de seu braço.

- O secretário de Estado, assustado com um caso de maluquice! É uma pândega! Marlo é uma pândega! Gosto dele.

- Pândega!... Está falando de morte... E parece conhecer o Automático-Lunar!

Ela pairava, cheia de aflição. A expressão dele era a de quem tinha visto um fantasma: indiferente seguiu-a através da entrada lateral da casa; ela atropelou as criadas da cozinha, trouxe para ele uma cerveja que tirou da geladeira. De cabeça abaixada ele bebeu, suspirando entre os goles.

- Você está em grande dificuldade, do contrário agora não estaria aqui - disse Miriam. - Conte-me o que há, Russ. Talvez possa ajudá-lo a penetração de uma mulher idiota...

- Há espionagem aqui, aposto.

Ela riu: - É o que estou sempre dizendo.

Pôs a mão no punho cabeludo de Russ, ele porém não a olhou. Miriam deu-lhe um tapa.

- Os homens são tão horrorosos hoje em dia. Tão importantes! Olhe para mim, Russ: acha-me muito feia, muito velha? Eu costumava agradar-lhe. Já não tem mais tempo para assuntos particulares?

Ele ligou o rádio transistor no balcão, e, numa voz que a música abafava, disse:

- Lá em Washington tudo está num caos. Aconteceu alguma coisa na lua; bem, é coisa técnica, não a interessaria. Outra coisa: Oh meu Deus! antes de ser assassinado, o presidente ia ativar um importante projeto, o Projeto Amurada. Tínhamos de resolver muito mais coisas do que podiam resolver sujeitos comuns.

Ela teve uns frouxos de riso constrangido.

- Você não se acha um sujeito comum. Não me engane. Sabe que Jacob me trata com desprezo... talvez com razão. Não me abandone inteiramente... Faça-me mais essa concessão! E como estava a Europa, Russ? Ele se achava fora do país quando o presidente fora assassinado.

- Voltando a Nova Iorque... Nova Iorque parece tão envelhecida e incrivelmente onerada depois daquelas jovens capitais como Londres e Bonn e Copenhague... Olhe, Miriam; faça uma coisa para mim. Na realidade não acompanho essas teorias de Jake, mas ele está virando sábio. Naturalmente está maluco, atirando em fantasmas, mas talvez possua a ideia mais inteligente desde que os homens das cavernas descobriram o fogo. Talvez agora seja possível inventar a máquina do tempo. Ainda

há pouco Ele disse uma coisa tão preciosa, simplesmente atirou-a no ar... Dar-lhe-ei prioridade igual à de outros problemas da máxima urgência quando voltar a Washington.

- Vai construir uma máquina do tempo? Pensei que isso fosse apenas uma ideia de história em quadrinhos! - E riu. - O mundo já não é suficientemente complicado para que ainda seja preciso entrar-se no futuro, ou seja lá o que for que você pretende fazer?

- Talvez eu já estivesse pensando nisso. Olhe aqui: todos concordamos em que, justo neste momento, os assuntos mundiais nunca estiveram tão emaranhados. Desde Hitler, nada, exceto crises terríveis: o extermínio de judeus europeus, os expurgos de Stalin, a bomba-H, A Guerra Fria, Coreia, a explosão demográfica, fome por toda parte, a China comunista. A pressão não vem apenas do passado, mas também do futuro, das bocas que ainda não nasceram. Temos, de alguma forma, de abrir uma brecha, antes de nos atolarmos na psicose universal. A máquina do tempo podia ser um meio, uma boia de aviso enviada ao tempo futuro, a fim de pedir ajuda ou alguma coisa... não sei, estou falando loucamente.

- Não me peça que vá ao futuro!

Pela primeira vez Crompton sorriu para ela com real calor e tomou-lhe a mão.

- Não, não quero que você faça isso por mim. Começo a ser supersticioso. Quero que você vigie amigavelmente o seu enteado Marlo. Suponha que ele diga algo significativo sobre a lua ou as diferenças de tempo ou... sobre pessoas que vivem centenas de anos;... anotará para mim o que ele disser?

- Parece que não sirvo para isso - e ela dirigiu-lhe um olhar enamorado.

- Não quero que suas notas sejam interceptadas. Podia ir a Washington levá-las pessoalmente?

Ela o fitou com ar sério.

- Você ainda me ama um pouco, Russ. Naturalmente, farei o que me pede.

Ele se levantou.

- Obrigado pela cerveja, Miriam. Vou apanhar Rhoda. Tenho de voltar para uma conferência hoje à noite, às duzentas horas.

Diziam as notícias irradiadas:

Embora a procura do assassino do falecido presidente passasse hoje para novos níveis, os círculos oficiais da capital admitem que se dissipam as esperanças de prisão. Isto parece destinado a se tornar um dos clássicos mistérios do quarto trancado. Que teria acontecido no estúdio do presidente na tarde de 18 de agosto logo antes do jantar, enquanto o presidente, sozinho, examinava - assim dizem - um importante documento que agora se afirma ter-se perdido? Dois de seus guardas pessoais estavam sentados no corredor externo, o ouvido ao alcance de qualquer tiro, no entanto nada ouviram. A última opinião sobre o Mistério da Casa Branca será emitida daqui a pouco, por esta emissora, pelo correspondente político especial...

Jacob Byrnes levantou-se e saiu da sala, deixando Miriam sentada no sofá de veludo branco e olhando a tela. Como uma presença invisível, Marlo pairava no canto penumbroso da sala. Voltando-se, ela o chamou, e Ele se aproximou, parando a alguns pés de distância.

- Tenho uma coisa para você, Marlo. Você sabe o que é; não sabe? É o seu regalo semanal. Chegue mais perto.

Ele flutuou como um pássaro para o retalho de luz, esperando que o atraísse a mão da capturadora. Ela abriu a bolsa e daí retirou um embrulhinho amassado, o qual abriu para que ele pudesse ver o cubo de açúcar que continha.

Fez um gesto na direção do aparelho de TV.

- Apesar do seus modos esquisitos, você sabe muita coisa do que se passa no mundo; não é? Quero dizer, em Washington e na Europa. Como vai a vida na lua?

Ele estendeu a mão.

- Como vai a vida na lua?

- Não estou sozinho na lua. A Terra é meu lugar de desolação. Onde eu moro, mora muita gente. Minha mãe me mandou para lá, faz muito tempo.

- Faz frio na lua.

- Frio e calor. Mais frio e mais calor do que aqui.

- Ora, deixe os enigmas. Marlo. Você quer tomar LSD, não quer? Que quer dizer quando diz morar muita gente na lua?

- "... Pressões crescentes, que empurravam o presidente para uma posição de isolamento..." - dizia o comentarista.

- Devia existir um lugar para pessoas não desejadas; do contrário, morrerão de fome em campos de concentração ou leitos de hospital. Não há lugar nas camas.

- E o presidente? - perguntou ela, numa súbita intuição.

Marlo sacudiu a cabeça.

- O presidente só faria piorar as coisas. Já há gente demais. Quando a lua estiver completamente povoada, para onde iremos?

Ela lhe entregou o pedaço de açúcar e ele se retirou para a sombra.

- Não lhe fará bem nenhum! Você já está louco; suponho que já sabe?

- Louco, não: apenas à frente do tempo - disse Ele. - De outra maneira, não haveria nada. Você é nada. Mesmo quando tira toda a roupa, você nada é. - Pôs delicadamente na língua o cubo de açúcar e fechou a boca; depois afastou-se devagar.

Deixando o aparelho de TV a piscar na sala vazia, Miriam também se levantou e desceu pelo comprido corredor silencioso, lugubremente iluminado. Felizmente, acreditava na reencarnação; certo, esta vida tinha momentos enfadonhos. Ao pé da escada, parou, depois pôs-se a subir devagar, até chegar à sala de trabalho do marido. Bateu à porta e entrou.

Byrnes fumava um charuto. Sacudiu a cabeça e disse:

- Grigson está selecionando alguns filmes antigos que eu gostaria de rever. Gostaria de me acompanhar?

- São filmes cômicos?

- Não: não são cômicos; são melancólicos. Documentários.

- Por que você tem de me desapontar todo o tempo, Jacob? Vim aqui em busca de companhia.

Ele não respondeu. Tomava notas numa agenda enquanto Grigson se azafamava no fundo da sala.

- Você anda tão ocupado, Jacob; tão enfadonho trancado aqui, já nem mais vai à pesca...

- Fui, ainda não faz muitas semanas...

- Isso aconteceu no último verão.

- Sim, foi no último verão, querida.

Percebeu alguma coisa na expressão dela e disse:

- Sinto muito que já não conversemos. Preciso tentar construir aquela minha velha peça de pensar. Quero terminá-la aproximadamente no fim do ano... só a parte filosófica. Para o inferno com a matéria pessoal; já a esqueci. Não há tempo para ela.

- Todo mundo anda obcecado com o tempo.

- Pergunte a si própria por quê.

- Ah, já conheço isso. Crise grande, grande negócio! Até Marlo já sabe.

Ele reunia as notas diárias que Grigson datilografara, distraidamente esgrimindo

uma pena a fim de alterar e corrigir e acrescentar...

- Batalha entre um plano mais alto de consciência e um pesadelo acordado... Pretenso, mas resistirá... Grigson, já encontrou o filme do assassinato do Rei Alexandre da Iugoslávia em 1934?

- Não, senhor.

- Aprese-se!

Ela parou em frente do marido e disse:

- Por que estão as coisas pior que antes, objetivamente piores? Você não estará envelhecendo, Jacob?

- Decerto que estou! As memórias pessoais me levaram a fazer a mesma pergunta: estarão as coisas piorando? É uma boa pergunta. Quer uma resposta séria?

- Não; queria apenas ouvir uma piada. Nunca sou séria; não é verdade?

Ele agarrou-lhe o pulso quando ela se voltava para sair.

- Sinto muito magoá-la. Quero-a, Miriam. Preciso manter algum contacto com o mundo antigo, e você tem de estar nele. Escute: vou responder. Não é que as coisas estejam piorando permanentemente; é que estamos em tempo de crise, chamado no meu livro de "Tempo-de-Relógio-e-Canhão". Crises como essa ocorreram anteriormente. Houve uma na Europa, lá pelas alturas do século treze, quando do crescimento rápido das cidades e da criação de novas densidades. Novas densidades sempre implicam novas tomadas de consciência. Armas e relógios mecânicos foram na época inventados, ambos originários de metalúrgicas. Tais invenções ensejaram a libertação de um impasse filosófico e calçaram o caminho para a renascença. As armas de fogo trouxeram ao mundo uma nova aventura espacial. Os relógios mecânicos, incorporando uma das invenções transformadoras do mundo, o escapamento de fuso com pesos ajustáveis foram nosso primeiro instrumento de precisão e dirigiram nossas paisagens interiores para um pensamento mais preciso.

- Esses relógios provieram da sociedade ocidental e a moldaram. Não tinham utilidade para os civilizados chineses, cuja sociedade se desenvolveu de tal modo, que, para eles, os relógios mecânicos eram pouco mais que brinquedos.

- Hoje deve estar acontecendo a mesma coisa. Por causa de duas novas invenções e descobertas radicais; Russell Crompton aludiu a elas. Invenções que nos podiam libertar. Ou nos impressionar não mais do que brinquedos ou maravilhas. Nossa imaginação era impotente diante deles. E nós precisamos de coragem e de imaginação.

- É isso o que seu livro vai dizer às pessoas?

- Vê agora o meu lado engraçado, Miriam. Outras pessoas não o vêem, e talvez por isso eu possa ajudá-las.

Ele fez-lhe cócegas no mento.

- Não queira enternecer-me. Isso poderia me prender, mas eu não continuaria presa. E como é que essa história de armas de fogo e relógios vai agora ajudar alguém?

- Não a julga típica da dicotomia da vida? As armas são apenas externalidade e violência; os relógios apenas silêncio e internalidade. Com isso você resume os modos ocidentais de pensamento, o modo por muitos séculos ascendente neste planeta. Por mais que nos inclinemos para as coisas materiais, nunca esquecemos inteiramente dos nossos corações e nossas mentes. Agora tentamos afinal ligá-los para alcançar um novo estado de consciência. Com o diabo, mulher: se o ocidente não o conseguir, quem o conseguirá?

- Talvez você tenha razão, meu bem. Sei que é sujeito conhecedor. O próprio Russ disse isso quando aqui estive na semana passada. A propósito, irei a Washington amanhã, fazer algumas compras.

- Ah!... Por isso é que está sendo tão amável comigo, hem? Grigson, onde está

aquele documentário?

Grigson endireitou-se, seu rosto enrubesceu, ao apanhar um rolo de plástico.

- Está aqui, senhor.

- Você é um modelo, Grigson. Miriam, dê lembranças a Russell Crompton se porventura o encontrar; sim?

Rhoda atirou-se do aeroplano.

Seu cérebro clareou no mesmo instante. Todas as irresoluções e obscuridades - a pobreza de discussão sobre coisas centrais - saíram-lhe imediatamente da cabeça. A mais de 20 000 pés, podia-se ver Washington - o anelzinho que ela era nos negócios reais e subterrâneos do homem - e a própria terra; agora ela via a relação, de magnífica astúcia, como um problema que o homem se propusera e estava prestes a resolver.

Ela se distendeu, braços e pernas curvados para trás, apontando o mundo com seu mons veneris, adaptando a velocidade mediante uma sutil flexão da espinha. Da quinta vértebra brotavam gânglios, força, beleza, que encantavam o vento cortante. Era o centro nervoso universal, apenas contrapontado, lá embaixo, pela azul terra americana.

Trazia um terno, máscara, cilindro de oxigênio, dois paraquedas enrolados. Eram o seu elemento. Rhoda exultava.

Não havia sensação de queda nem sensação de medo. Apenas o beatífico equilíbrio do voo, a colisão com a gravidade e as forças do universo, a eternidade oferecida por dois minutos de queda livre. Ela tomara drogas, recentemente fizera um luxuoso curso de férias de queda livre entre a Terra e a Lua, onde os muitos ricos experimentavam arrebatamentos psicodélicos entre planetas; mas, para Rhoda, o verdadeiro frêmito de emoção a invadia ao cruzar a camada estratosférica, logo além do reino dos seres de sua espécie.

Nesse estado de transe, podia captar alguns pensamentos mais fortes que, fluindo, iam para ela. Encorajava-a pensar que somente pensamentos puros e criativos se erguiam tão alto; os mais - que os havia bastantes - permaneciam numa altura de aproximadamente 2 500 pés, logo antes que ela puxasse a corda do paraquedas. O que era como se os medievais tivessem captado uma nesga daquele curioso fato científico na sua visão de um céu em cima e um inferno embaixo. Bons pensamentos respiravam hidrogênio, a substância básica do universo. Lá em cima a caçada humana não existia, não tinha propósito.

Ela encontrara os pensamentos do secretário de Estado aposentado, Jacob Byrnes; naqueles dias, eram ricos em hidrogênio. Penetravam-lhe o corpo. Ele estava perturbado. Ela não tinha quem a amasse. O pensamento de seu marido nunca a tocava nas alturas. E ela tinha enlevos. Pertencia, pensava, ao futuro, por isso estava interessada em que ele nascesse sadio. Jack era do passado, um dinossauro amoroso, absurdo, heroico. Morreria vendo o futuro entrar no mundo...

Rhoda examinou cuidadosa e languidamente esse último pensamento enquanto descia planeando, com o mundo entre as coxas. Jake estava perturbado; descobrira uma folha de papel. Sem saber que papel era esse, ela viu suas gavinhas se espalharem pelo mundo. Era-lhe preciso voltar para ajudá-lo.

O mergulho terminava. Estivera no céu inúmeras vezes, mas agora um confiado relógio circadiano a informava de que ela estava a 2 250 pés. Não precisava de altímetro. Ao enfiar a mão no interior da jaqueta para apanhar a corda, pensamentos enfermos a golpearam. Viu uma nesga de Marlo e soube muitas coisas. O paraque-

das se abria; assim também toda a sua área de percepção. Toda a sua mente dolorosamente se escancarou para um nível inteiramente novo de ser, onde tudo se revelava, flamejante e assustador. ..

Sua antiga vida na terra se acabara. O aeroplano do qual se lançara já não era o aeroplano de seu marido. Fizera-se uma transferência para-científica; esse aeroplano tinha sido - sim, eles não podiam operar ligados à Terra, segundo Wells e outros supunham - tinha sido um veículo do tempo, descendo do espaço na equação tempo-energia Byrnes-Fetesti, deslizando na estratosfera, indo, na medida em que o ousasse, para além da Terra, na missão vital de garantir que o futuro nasceria sem abortar.

Sim, do aeroplano de Russell - sabiamente lhe provocaram uma amnésia artificial, que agora se dissipava - ela fora capturada havia tanto tempo pelo aeroplano de Russell, conduzida para o futuro, treinada, treinada para esse momento, levada de volta para o ponto no tempo onde fora apanhada. E o ímpeto que lhe tornara possível regressar foi a percepção do velho Jacob Byrnes, de que a descoberta de poços de tempo e de poços de gravidade tornavam praticável a viagem no tempo... Ela admirava a simetria do desenho, embora também visse o terror das próximas horas. Transbordando ar, a atmosfera carregada de pecado do Além-Terra, ela se deixou cair para a Zona da Queda.

- Quero demitir-me do emprego, senhor - disse Grigson. - Ele se me tornou em anátema.

Byrnes ficou surpreso.

- Não gosta daqui?

- O senhor é que simplesmente não gosta de mim, e isso já não posso suportar.

Grigson se postou muito teso, numa atitude de soldado, e ficou muito pálido.

Byrnes sentiu uma vergonha imensa. Não podia encarar Grigson (qual era o seu primeiro nome?); tinha de partir, vaguear como um exilado em sua própria propriedade. Tratara muito mal o homem, usara sua riqueza, poder e carisma para fins puramente nocivos, para esmagar o que Grigson possuísse de personalidade. E gozara ao fazer isso. Ele era um homem velho, amargo, duas vezes derrotado; mesmo naquele instante, sua mulher, cuja vida ele crestara, provavelmente se achava na cama de um dos seus sucessores. Nenhum touro velho de rebanho fora jamais tão completamente derrotado.

E seu filho... Cuidara alguma vez em que Marlo vivia isolado, fora de todo contato? Com algum mísero e mal definido intento de se reconciliar com o rapaz (ou pelo menos humilhá-lo mais uma vez?), Byrnes dirigiu-se por fim para os aposentos de Marlo.

Devia fazer pelo menos dois anos que estivera pela última vez naquela ala do edifício. Isso revelava a sua negligência! Mas de modo algum Marlo se deixava estagnar, fizesse ele o que fizesse. Tinha decorado toda a casa, transformado as paredes com uma espécie de brilhante matéria plástica, um novo material que criava um sentido ilusório de projeção, de modo a parecer perigoso andar-se pelos corredores. Também havia montagens e frases sem sentido escritas nas paredes e nos tetos.

QUEM SABE NÃO FALA. DENSIDADE NATURAL DOS LEÕES. A VIDA REQUER MAIS VIDA.

A vida requer mais vida. Podia ser um pensamento quente ou frio. A aparência de calor na nova decoração podia recobrir uma coisa mais fria; um horror frígido; tal foi a imagem que Byrnes obteve, embora pudesse admitir que a semelhança exterior era muito mais alegre do que esperava. Todavia parou com a mão pousada na porta

do estúdio do rapaz, temeroso de abri-la, apenas cômico de uma gelidez nas vísceras. Estranhas imagens de morte. Naturalmente, ele era apenas um velho, um político malogrado, um memorialista fracassado, um filósofo malogrado... mas não era esta a morte pessoal que sentia irradiar-se da sala; era uma morte geral, que abrangia a morte dos que não tinham nascido bem como a dos vivos. Sentindo o estômago nauseado, abriu a porta e entrou.

Russell Crompton tinha o rosto enterrado na tépida depilação de sua carne; mas não pôde deixar de ouvir Miriam dizer:

- Os guardas que estavam fora do quarto... os guardas devem estar envolvidos no assassinato.

Era a última coisa que Crompton desejava discutir. Respondeu, cheio de cansaço:

- A Força Aérea interrogou os rapazes em separado, e nenhum fez aquilo. Ponto.

- Bem: mas o que havia naquele papel roubado da escrivaninha do presidente? Não há aí uma pista? O assassino não seria algum espião estrangeiro?

- Olhe, meu bem: se anda procurando um emprego de detetive, esqueça. O papel desaparecido alude a uma coisa chamada Projeto Amurada; tudo muito sigiloso. É um memorando secretíssimo, concernente a uma firma farmacêutica que descobriu uma nova droga capaz de mudar toda a estrutura social da humanidade. Se aparecer no lugar errado, babau!

- Mais uma droga! - Ela pareceu desapontada. Esse era o terceiro secretário de Estado com quem se deitava; quantas mulheres podiam se gabar do mesmo? E ela respondeu à sua própria pergunta interior: muitas mais do que você pensa, meu bem!

- Cristo! - Hoje estou caindo em pedaços. A conferência de ontem sobre assuntos internacionais... Mais algumas semanas disso e não aguento o ritmo. Não é o trabalho: é o que mata tomar decisões. O homem não é o animal que decide...

- Posso ouvir filosofia em casa. Venha, deite-se aqui. Assim está melhor. Fale sobre os homens da lua. Eu disse que Marlo pensa em ir viver na lua. Os seus oito homens estão passando melhor só porque Marlon não está?

- Não devia dar-lhe LSD, meu bem.

- Eu não queria contar-lhe isso, Russ, melhor que esqueça. Mas Marlo gosta de LSD. Desperta-lhe a inteligência. Como vão os homens da lua? Conte-me algo sensacional!

- Sua condição melhora. De vez em quando ficam invisíveis, mas essa aberração diminui quando os seus ritmos circadianos voltam a ajustar-se ao Automático Terrestre.

Ela sentou-se.

- Invisíveis? Quer dizer que não se pode vê-los?

- Mas não se trata de espécie ordinária de invisibilidade. Acontece que, estando eles na fase do Automático Lunar, estão na realidade 0,833 segundo recorrente à frente do nosso continuum de tempo, e, consequentemente, não podem ser experimentados pelos nossos sentidos. Não há o que reze; eles logo voltarão à normalidade, se Deus quiser.

Ela disse:

- Não tenho medo; é apenas que... espere!

Mas a incoerência da mulher não o interrompeu; afinal de contas, os complicados assuntos dos homens, eram maravilhosos se entremeados com as simplicidades do leito; ele amava a vida plena, as intrigas no seio do governo, gostava de tudo, até mesmo das retiradas de sua mulher, o que lhe dava pretextos para se divertir com Miriam. Ele se ergueria renovado e encorajado do leito remexido, como se ergueria dentre espumas! Já preferia falar a escutar, planejando tirar vantagem política do dis-

túrbio temporal recentemente descoberto. Estava pronto para levantar-se e pôr mãos à obra, mas por causa da polidez devida a uma velha chama podia falar e acariciar mais dez minutos. Oito, talvez.

- Jake teve a inspiração, viu de imediato que isto implica possibilidades inteiramente novas para atrelar o tempo. Telefonei a Fetesti, que é o chefe do campo, aparentemente; hoje de tarde chega a Washington. Brilhante cientista, dizem; de origem húngara. Ainda não quero que Jake saiba que vou me encontrar com Fetesti... Tenho de vestir-me, meu bem. Se os Estados Unidos pudessem inventar uma máquina do tempo ou um projétil do tempo na dianteira do resto do mundo, isso resolveria a maior parte de nossos problemas, hem?

Fez uma pausa ao enfiar o pé direito numa das meias e fitou o rosto pálido de Miriam.

- Sente-se bem?

- Meu Deus, Russ... Conte-lhe que Marlo está planejando ir viver na lua, pois é esse o lugar ideal para as pessoas não desejadas...

- Inútil, meu bem. Você não lembra exatamente o que Marlo disse. Aconselhei-a a tomar nota. É inútil qualquer coisa lembrada só pela metade.

- OK. OK! Mas ele falava metaforicamente. Na realidade, não aludia à lua, mas ao tempo lunar.

De repente agarrou-se a Crompton, e os dois quase caíram juntos do leito.

- Percebe? É por isso que Marlo se mantém afastado. Está vivendo em tempo lunar. Deve ter estado, pelo pensamento, em contato com os homens da lua quando estes, doentes, foram trazidos de volta à Terra. A doença deles deve corresponder à de Marlo, que teria aprendido a avançar um bocadinho à frente do tempo. Por isso é raro vê-lo.

- Marlo... viajando no tempo? Impossível! Que disse ele sobre o presidente? Tente lembrar!

- Disse que... o presidente iria fazer tudo piorar e que já havia gente demais no mundo... Russ, você não está pensando que Marlo foi o assassino? Marlo, não...

Crompton puxou as calças para cima, o rosto impassível.

- Tudo isso está só na sua cabeça. Apenas ego-agressão de sua parte, desfechada por seus sentimentos de culpa por ter embriagado o rapazinho com altas doses de ácido lisérgico. Se puder rotulá-lo de assassino, ora, não terá de sentir-se culpada. Conheço um excelente alienista daqui, um sujeito chamado Streicher, especialista em agressões recalcadas. Poderia ajudá-la. Por que não vai consultá-lo?

Ela estava muito quieta, olhando à frente sem nada ouvir, e foi com certa irritação que ele a via tremer.

O quarto trancado - nenhum problema para Marlo se ele pudesse mover-se aquela fração à frente do tempo, e surgir quando quisesse atrás do presidente. Agia de um modo singular desde que os homens da lua regressaram... Estava sempre longe; impossível achá-lo; saía no seu carro; ninguém sabia para onde ia...

Descansando uma mão pesada no ombro dela, disse Russ:

- Olhe, Miriam, tudo concedido, por que quereria ele matar o presidente? Qual a motivação?

Em seguida lembrou-se: Rhoda sonhara com Marlo. Ele receava os sonhos de Rhoda; pertenciam a uma supra-realidade que nem mesmo Streicher podia explicar. Rhoda sonhara que Marlo desempenhava um papel em Macbeth, representado em Gondwana Hills. O rapaz fora um extraordinário Barão de Cawdor; representara igualmente o papel das feiticeiras, que muito divertiu seu pai, Jake Byrnes. Byrnes gostou de ver sua casa aparecer como o castelo de Macbeth, mas zangou-se diante da insis-

tência do filho em ir terminar a tragédia no lago, dizendo que o bambual caminhava para destruí-lo...

Perturbado com o sonho, Crompton descreveu-o a Miriam. Para seu maior aborrecimento, ela o descartou:

- Um sonho nada significa; são os fatos que contam. Além disso, o sonho de Rhoda não acaba.

- Acaba, sim! Eu me lembro. Disse ela que Macbeth se recusou a ser assassinado por Macduf, e o presidente representava Macduf!

- Engraçadinho, hem? E Macbeth o assassinou, em vez de ser assassinado por Macduf?

Ele sacudiu a cabeça.

- Curioso! Naquela ocasião, fiz a mesma pergunta a Rhoda. Ela não sabia, seus estranhos sonhos têm omissões. Mas terminou com Jake correndo para fora do bambual e matando Marlo.

Fitaram-se. Miriam engoliu e disse:

- Acha que Marlo foi o assassino do presidente?

- Motivação: Ele queria destruir o Projeto Amurada, representado na peça como a linhagem de Macduf. A existência desse projeto era uma ameaça à sua vida...

- Quando menino estive na Casa Branca, quando seu pai fazia parte do governo. Talvez ainda se lembrasse. Mas um sonho é apenas um sonho.

- Nem mais nem menos. E quando falei ao rapaz na semana passada, ele disse alguma coisa sobre matar baleias no lago. A vida dele é um sonho. Com aptidão para viver à frente do tempo, a nossa pré-cognição se transforma para ele em pré-ação.

Enquanto falava, sentiu Crompton um pouco do intenso medo que Marlo devia ter sentido ao olhar para o complexo adensamento do futuro. Medo que se comunicou a Miriam, a qual disse:

- Russ, Jake vai mesmo matar Marlo? Tenho de permanecer aqui. Tenho medo de voltar a Gondwana.

Mentalmente perturbado ou não, ele era novamente o secretário de Estado. Vestindo o paletó, disse o seguinte:

- Você acredita na realidade dos níveis simbólicos, não acredita, Miriam? Ficar aqui! Mas se vou descer acompanhado de alguns policiais, e depressa! Toda a nação quer que o assassino seja apanhado vivo.

A Miriam parecia impossível poder sair da cama. Enrolara-se entre os lençóis e via o medir o quarto às passadas, como se nunca antes o tivesse conhecido:

- Russ, você não acredita que as drogas que lhe dei o ajudassem a ficar transtornado, acredita? Na verdade só fiz isso para provocar Jake um pouquinho. Nunca pretendi...

O quarto se achava vazio. Pelo menos, Marlo não estava ali. Levou algum tempo para verificar-se o fato, pois o aposento estava tão atravancado com coisas estranhas, que iludia a vista. Byrnes continuava a lutar contra a náusea.

A doença do rapaz, disse com seus botões, é antívida. Só porque essa doença permanece, não devemos aceitá-lo como normal. É uma rejeição. A doença não é o reverso da saúde, mas da responsabilidade moral... As pessoas devem ser avisadas. Ponha isso no capítulo seguinte. Acrescente que temos de nos reconciliar com o modo segundo o qual a doença mental funciona. Ao fim e ao cabo, ela tem sua própria criatividade. Como a saúde. Os pesadelos do sono invadem a vigília, e os horrores que encaramos de dia caminham mascarados durante a noite. É tempo de armadefogo e relógio, quando a orquestração da vida interior falha e o regente se evade...

As más imagens conduziram-no a uma parede coberta com recentes recortes de papel, todo um exército, presos apenas pela parte de cima - talvez para melhor farfalharem e viverem - tão recentes, que ainda não tinham tido tempo de amarelar. Todos diziam respeito ao assassinato do presidente. Inúmeros recortes do famoso tiro se empilhavam sobre a sua mesa. Ele trabalhara até o último momento, tudo muito comovente. Podia-se ver a bandeira no espaldar de sua poltrona...

Por entre o conjunto de oscilantes colunas estava a folha branca de um memorando governamental. Byrnes reconheceu-a imediatamente e a leu. Tornou a ler. À terceira leitura, a coisa fez sentido; igualmente a sua presença ali. Byrnes pôs no ventre as mãos em garra.

Tratava-se de um memorando secretíssimo, endereçado ao falecido presidente por seus conselheiros: assunto - Projeto Amurada. Dizia que, uma firma farmacêutica relativamente obscura, Statechem Inc., experimentara por três anos um novo tipo de droga geronto-terapêutica, patente a que chamaram *Surviva*, com enorme sucesso em sete espécies de animais de laboratório. Nenhum animal dava mostras de envelhecer. Também fizeram-se testes com voluntários humanos do pessoal de laboratório; embora o período de prova fosse demasiado breve para se obterem resultados positivos, tudo despertava esperanças: nem sinal de deterioração celular - os cabelos grisalhos voltavam a enegrecer - não apareceram efeitos deletérios colaterais. *Surviva* parecia prometer uma extrema longevidade e seu custo de produção não era dispendioso. Foi pedida pela Statechem permissão para convocar publicamente voluntários, e para que o sigilo das suas descobertas fosse liberado. Os diretores da Statechem não viam razão para que as injeções de imortalidade não estivessem à disposição de todos dentro de dez meses após a cessação da experiência tão bem sucedida.

No fim do memorando, um dos conselheiros do presidente escrevera:

Continuar com a experiência, à vista da presente fome mundial e excesso de população, destruirá toda a estrutura social e arrasará o planeta dentro de uma geração.

Pregada no memorando havia outra folha, uma resposta na qual Byrnes reconheceu a fluida letra itálica do presidente:

"Esse é um velho argumento, Ted. Se Statechem já tem a droga, em breve outros também a terão. Devemos dar a nossa aprovação e enfrentar o problema que vier depois. Além disso, temos de necessidade de uma força cerebral adicional; imagine-se uma década extra extraíndo vida de cada cientista norte-americano. Além disso, estou irrevogavelmente do lado da vida.

E suas iniciais, levemente borradas. Devia ter sido a última coisa que Ele escreveu antes que o assassino o acertasse.

Estou irrevogavelmente do lado da vida. Eu também estou, disse Byrnes com seus botões; não posso agir de outro modo. Vida imortal? Bem: dar-se-lhe-ia um soco... Os problemas resultantes não suportavam que se pensasse neles; e os conselheiros, talvez com razão, se levantavam contra a ideia nesse particular. Mas o presidente, ainda com mais razão, derrubou-os... Bem: ia derrubá-los quando foi assassinado. Pelas iniciais dos conselheiros, Byrnes viu que Crompton e Strawn e mais dois homens estavam envolvidos. Eles também diriam "não"; e agora eram eles que estavam no poder...

Outra coisa. O assassino. Por isso foi ele assassinado. Diria "não". Dizendo "não" à vida, "não" ao futuro, "não" para aquela terrível maré chamada progresso; era mister dizer "sim" e agir conforme o "sim"... O assassino matara e se afastara com o memorando...

- Marlo? Onde está você?

Marlo também teria dito "não". Sua loucura era um dos meios principais da sua ge-

ração dizer “não”. Assim, teria dado abrigo ao assassino, dado acolhida ao assassino, ali, em Gondwana Hills. Dolorosa ironia! O velho sentia as lágrimas ardendo-lhe nos olhos. Seu próprio filho dando asilo ao assassino do presidente!

Recolheu depressa as lágrimas e sacou o revólver. Talvez o assassino ainda estivesse ali. Amassou no bolso o documento incriminador e dirigiu-se para a porta. Maravilhosamente, a sensação de doença o abandonara. Tudo quanto agora sentia era uma raiva cega - contra o filho, contra o assassino, contra as circunstâncias, que percebia voltando a se estender para de novo o envolver em outra desgraça; não poderia suportá-la; ela abrangeria o seu livro também, arrasaria com seus fracos méritos e com sua mensagem vital. O futuro agonizava, a promessa do passado afundava-se no caos.

- Venham para fora, seus bastardos! - gritou. A sala, espalhafatos, esconderijo de vagabundos, ninho de enfermidades, salão de conspiradores, absorvia todo ruído. Estava cheia da obscura luz manchada que Ele associava ao pecado, mancha que ele vira outrora numa representação universitária de Macbeth. O dia nasce, o corvo voa para o ninho da mata. Estava um pouco assustado. Voltou para o corredor, berrou o nome do filho o mais alto que podia na esperança de reacordar a própria coragem.

Marlo apareceu à sua frente. Um momento era visto, outro momento não. Embora seu rosto fosse a mesma impassibilidade inexpressiva, seus olhos faiscavam resolução. Caminhou para o pai sem se importar com o revólver. Byrnes gritava, mas era como se nenhum dos dois ouvisse o grito. Ele passou o braço em torno da garganta do pai e puxou-o para trás, violentamente, com uma força imprevisível. Estrelas fluíam num clarão vermelho diante dos olhos de Byrnes, e, com um grasnido, sua voz se interrompeu. Ele lutou, sem compreender, com a arma ainda na mão, temeroso até mesmo de golpear Marlo com a arma.

Através do clarão ele viu - ou sonhou que sentiu - Grigson correu, golpeando com o artigo mais fútil que possuía: a pasta de couro. Esta bateu em Marlo logo abaixo dos olhos. O rapaz soltou Byrnes, choramingando. Grigson, com ar estúpido, tomou posição para novo golpe; Byrnes caiu no soalho, olhando dolorosamente para cima. Marlo desapareceu, apagou-se, desvaneceu-se como se nunca tivesse existido.

Os sentidos lhe voltaram. O idiota Grigson entornava-lhe um pouco de água fria no rosto. Dois criados se inclinavam estupidamente sobre Ele, um terceiro homem se encontrava de pé no fundo da cena. Byrnes rosnou e tentou erguer-se. Os presentes o ajudaram.

- Ouvi-o pedir socorro, senhor...
- Fez um grande trabalho, Grigson!
- Mas seu filho desapareceu como um fantasma!
- Ao diabo que sim! Chame a guarda! Já chamou a guarda?
- Não senhor.
- Está despedido, Grigson!
- Mas se se lembra, senhor...
- Vá pro inferno!

E aos cambaleios, tentava orientar-se. Levaram-no para um dos banheiros. Usualmente era o banheiro de Alice... E para aquele rapaz, filho de Alice, atacar o pai, só mesmo estando hipnotizado, em poder de um assassino, do assassino escondido em sua casa!

Apertou a campainha mais próxima, ficou consolado com a horrível babel que irrompeu na torre do relógio. Tomou o elevador e desceu para o andar térreo, foi recebido nos portões pelo Capitão Harris, chefe da equipe de segurança.

- Não viu que eu estava sendo atacado em cima da sala de segurança, Capitão?

- Não senhor. Onde estava?
- Na ala oeste. Podia ter sido morto! Que faziam seus homens?
- Seu filho dispensou toda a segurança nessa parte da casa.
- Naturalmente, era isso mesmo o que faria... Escute, Capitão, agarre meu filho. Não o machuque, mas prenda-o. Trancáfie-o em lugar seguro. Ele está dando abrigo ao assassino do presidente. Sim, o senhor me ouviu! Capture esse assassino, nem que tenha de tocar fogo na casa. Não, não, não faça isso! Mande um homem guardar meu estúdio, para impedir que alguém entre ali e destrua a minha obra.

Harris fez um leve cumprimento. Vivia para as crises. Deu ordens a toda volta, despachou os homens para seus lugares, disse a Byrnes:

- Fechamos tudo, senhor: todas as portas têm cadeado automático. Ninguém sai sem nossas ordens.

- OK. - No fim ele amoleceu, agradecendo interiormente a Deus pela presença de Harris; o pequeno Harris pensava no futuro, mas era grande homem nas emergências.

- Então deixe-me sair daqui, sim? Preciso de ar fresco. Harris delegou um rapaz para abrir a porta da frente contraplacada de aço, e deixar Byrnes sair. Ele saiu cambaleando e sentou-se no primeiro degrau ao sentir a porta fechar-se atrás de si. Protegeu os olhos contra a luz e tentou acalmar as batidas do coração; receava um colapso. Ardia-lhe a garganta. O rapaz o magoara.

Escurecia. Noite sombria, toda a paisagem colorida à Macbeth, nas colinas, ira e inquietação. As boas coisas do dia começavam a murchar e a adormecer. Uma lanterna o focalizou do lago, na pista de aterrissagem. Ele ficou de pé, sentindo-se réu e vulnerável, fazendo sinais para que desviassem dele o foco luminoso. O grande olho não me mexeu. Byrnes lutou contra a vontade de ir martelar a porta em busca de readmissão.

Seu carro inglês, esporte, estava junto da casa. Resmungando raivosamente, entrou nele, deu à partida e atravessou o campo, o raio de luz seguindo-o sem cessar. Deviam tê-lo identificado, pois um vulto saiu da guarita e correu a seu encontro. Era o Capitão MacGregor, sobre o qual Byrnes atirou uma torrente de vitupérios.

- Sinto muito, senhor - disse MacGregor, sem contudo mostrar-se muito penitente.
- O Capitão Harris me explicou a situação por telefone. Há aqui um estado de alarme. Mas o secretário de Estado Crompton acaba de radiografar.

As coisas ficavam pretas. De homens encarregados, cheios de ambição, só se poderia esperar o pior. Morte em seus olhos e poeira em suas bocas. - E então?

- Disse que seu filho é acusado de homicídio, e o senhor é acusado de cumplicidade, senhor.

- Loucura de Washington! Loucura!

- Não radiografou de Washington, senhor. Está-nos sobrevoando, vai aterrissar nestes oito minutos. Traz uma forte escolta policial. Dois aeroplanos. Ordenou-me pessoalmente que o prendesse e a seu filho, senhor.

- MacGregor!

- Senhor?

- Ordenei-lhe que derrubasse aqueles dois aeroplanos.

- Derrubar? Não posso, senhor!

- O futuro, homem! O futuro o exige! Derrube-os!

- Não posso fazer isso, senhor. Mas também não posso prendê-lo. O senhor continua livre até que eles aterrissem aqui, senhor. Tem de sete a oito minutos para fugir.

Então MacGregor já o julgava culpado. Que podia fazer?

- Obrigado, MacGregor.

E afastou-se, passou pelo carro esporte, cujo motor roncava tranquilamente, e dirigiu-se como um cego para o bambual. Isso, quanto à filosofia. Russell, aquele idiota... Então ele e Marlo deviam ser os bodes expiatórios nacionais. Ideia inteligente, decerto; muito melhor do que deitar a mão a um desconhecido; podiam pretextar que ele queria o próprio lugar do presidente - ou qualquer outra loucura com que pudessem sonhar.

Miriam devia ter descoberto que Marlo abrigava o assassino, e fora contar isso a Russell Crompton. E ele transformou a coisa em capital político...

Rhoda tomou-lhe a mão e disse:

- Estou aqui, Jake. Não se assuste.

- Você, Rhoda? Você aqui? Que faz em Gondwana? - Ela ainda destilava bálsamo, numa amorável emanção feminina. Estava de pé no lugar onde ele atirara em sua própria imagem; pura coincidência talvez.

- Estou inteiramente de seu lado, Jake. O lado do futuro. Acredito, como você, que o mundo só pode resolver seus problemas expondo-os e encarando-os, não suprimindo-os. Também acredito que ele precisa reunir todas as forças para fazer isso, e que entre essas forças você é pessoalmente importante, e que você estará perdido, e seu livro com você, se não sair daqui nestes próximos dez minutos. Vou ajudá-lo. Sei o que está para acontecer.

- Talvez saiba.

- "Aqui nesta margem e recife do tempo, saltaremos a vida do porvir." Mas citar Lady Macbeth talvez invoque má sorte...

- Rhoda, os haragei já se foram? Podemos afinal andar e conversar livremente?

- Podemos. Eu não era eu mesma. Agora sou.

- Bem, estou fora de mim! Todos me dão arrepios de frio, menos você. Talvez deixemos de acreditar em sistemas lógicos a expensas dos outros. Ao fim e ao cabo, as máquinas nos estão libertando da necessidade do pensamento de sim ou não; é o ofício delas; devemos tratar das nuances, onde vive a vida verdadeira. Presinto que Russell vai fazer de mim um bode expiatório em escala nacional.

Ela sacudiu a cabeça e disse glacialmente.

- Percebe que está à beira da loucura? Tem de recuar. Russell pouco tem contra você, exceto a culpa que ele sente por haver-se deitado com sua mulher; mas tem grande ambição. Prender você e Marlo esta noite, e rotulá-los como conspiradores que tencionavam tirar a vida do presidente, transformá-lo-á em herói nacional.

No céu que escurecia, rumor de motores. Eram os novos helicópteros a jato. Sim, suas luzes visíveis no alto. Os pássaros da vingança descendo para as suaves planícies da paz.

- Vou procurar Marlo! Ele deve estar louco! Não deixarei que o magoem!

- Pense. Está rejeitando a evidência de seus sentidos, preferindo a doença à verdade. Viu Marlo desaparecer. Deve confessá-lo a si próprio; deve confessar ainda outra coisa...

Dir-se-ia que a escuridão o atormentava. Irado, sacudiu a grande cabeça grisalha, espalhando lágrimas. Tremendo, fez um esforço para dizer:

-... que ele seja o assassino.

Deixou de ver um instante. Os bambus ferviam como um oceano noturno e as palavras de Rhoda mal podiam alcançá-lo.

- Embora as forças reunidas contra a vida sejam muitas, os pensamentos do bem sempre se elevam mais alto. Ouça, meu querido e maltratado Jake, você podia libertar-se da pecha de cumplicidade, mas a desgraça o arruinará, despedaçará sua vida, abrirá uma ruptura em todo o curso futuro dos acontecimentos.

Os helicópteros desciam agora com seu próprio vento. Era preciso gritar para ele ouvir.

- Esperei aqui por você, porque aqui você vai ver Marlo a qualquer minuto. Ele não pode ficar muito tempo no Automático Lunar. Ele vai balear Russell, o qual, com a ajuda de Miriam, juntou a maior parte das informações necessárias à sua prisão. Marlo possui poderes imensos, mas não é sobrenatural. Você não precisa de uma bala de prata, Jake, para fazer nascer um futuro melhor.

Ele a fitou de frente:

- Você sabe que posso matá-lo; a meu filho!

Ela o beijou nos lábios: - E o fará.

Enquanto o vento os chicoteava, e as duas máquinas de voo começavam a se aproximar da pista, ela gritou:

- O seu Capitão Harris chegou muito tarde para prendê-lo!

Marlo já estava fora!

Esquecendo-se dela, ele correu para o filho - um vulto escuro correndo encurvado, usando o solo inerte além do carro esporte para se aproximar das máquinas que aterrissavam. Gritou; porém Marlo não ouviu. Ele o agarrou pelas costas.

Subitamente assustado, viu a faca na mão de Marlo e seu olhar esgazeado. Um homem como uma máquina, não tanto enfermo como incapaz de sentir-se humano ou sentir algo pela humanidade. Quando a faca avançou, Byrnes viu que Rhoda, gritando o próprio credo dele, tinha razão: era matar ou morrer. Mesmo assim, ele não podia matar seu próprio filho; até mesmo a sobrevivência tinha valor relativo. Atirou no chão, três vezes, tão rápido quanto pôde puxar o gatilho. Isso distraiu Marlo um quase nada. Quando a faca cortou-lhe o flanco, Byrnes saltou na curva do pé do rapaz e golpeou-o alucinadamente, com toda a força, sob a maxilar. Ambos caíram, juntos, no chão chicoteado pelo vento.

Jacob Byrnes recusou-se a permanecer no hospital local mais que um dia. Bem enfaixado, deixou-se levar de carro para Gondwana Hills no mais breve prazo possível. Uma imagem benevolente - altamente carregada e erótica - lhe dizia que Rhoda Crompton estava lá.

Ao sair do carro, ajudado pelo chofer, Byrnes olhou em torno. Havia parado o trabalho na quadra de tênis, nenhum decorador se encontrava lá. Mas um aeroplano do Exército na pista de pouso, cinco grandes limusines, dois caminhões da polícia e um laboratório móvel de medicina o avisaram de que havia visitas. Deviam estar revirando os aposentos de Marlo, reunindo até o último retalho de prova para o processo - no qual, segundo as notícias jornalísticas da véspera, seu pai iria comparecer como uma espécie de herói nacional, bem como uma das principais testemunhas. O infeliz acontecimento envolveria uma colossal interrupção do trabalho; pensou poder enfrentá-la se Rhoda estivesse perto. Devia fazer os maiores esforços para ajudar Marlo. Quanto a Miriam, podia ajudá-la mediante advogados. Ela dera drogas ao rapaz, dera-lhe drogas! Tinha muito a perdoar!

Grigson estava no topo da escada.

- A Sra. Russell Crompton está lá dentro, senhor.

- Não esperava vê-lo aqui, Grigson.

- Pensei que o senhor teria especial necessidade de mim nos próximos meses; por causa disso adiei por algum tempo o meu pedido de demissão.

Ele deu uma pancadinha no ombro do secretário.

- Precisamos de você, Grigson. Ajude a manter os policiais afastados. Ainda vamos precisar da sua perigosa pasta de couro. Vamos indo!

Mas Grigson, vendo que Rhoda aparecia, desapareceu no vestíbulo, murmurando

escusas. Ela viera de paraquedas, trazia na mão um par de óculos de aviação, embora já estivesse vestida com um traje de piquê de veludo. Tinha os cabelos presos numa só trança que lhe pendia até o ombro. Interrompendo qualquer emoção que Byrnes estivesse sentindo, pôs-lhe a mão no braço.

- Não ficaria surpreso em ver-me, mas espero que fique contente. Imaginei que ia precisar de alguma ajuda por enquanto.

- Todos pensam que preciso de ajuda. Como ficaram tão subitamente intuitivos! Vamos para cima, Rhoda, antes que eu vá falar com os policiais. Prepare-me uma bebida; aquele maldito hospital obrigava à temperança!

- Como vai o lado?

- Foi mordida de amor. - Olhou-a e sorriu, esperando não estar parecendo muito cansado ou muito velho; ela pareceu descobrir uma pergunta em seu olhar.

- Rompi com Russell - disse ela. - Naturalmente, ele também rompeu com Miriam, tendo já extraído dela o que pôde; de modo que acho a situação simétrica.

- Arruinei a vida de Miriam. Eu era demais para ela, que é minha responsabilidade... especialmente agora que Marlo me foge das mãos... Rhoda, será que eles... eles fazem um desgraçado psicodrama do processo, purgação da culpa nacional e o resto?

Ela riu.

- Não posso predizer o futuro. Você contrariou a predição anteontem, deixando de matar Marlo. As leis da causação temporal têm de ser reformuladas... já foram claramente reformuladas no tempo à frente do meu, conforme se demonstra pelo modo por que ninguém viaja de volta a uma época de viagem sem tempo, de medo de alterar a causação temporal.

Tomaram o elevador para os aposentos de Byrnes, onde ele morava e trabalhava. Ele ainda se sentia tímido perto dela, não se havia ainda livrado do sentimento de haragei. Assim inibido, não pôde perguntar-lhe que papel ela iria representar em sua vida. Sabendo que era agora, apesar de imerecidamente, um herói nacional por ter manejado e desarmado seu filho assassino, sentia diminuída a liberdade. Mas pelo menos podia usar a sua popularidade enquanto esta durava para propagar as ideias que defendia. Primeiro, precisava conferenciar com Fetesti; Rhoda estaria presente...

- Você me será muito necessária, Rhoda... Não só pessoalmente. Precisa voltar para... para seja lá onde for? Pode ficar?

Ela respondeu enrubescendo:

- Não conte muito comigo, Jake. Amo-o, mas sou paraquedista, e esse é o meu primeiro amor... uma espécie de resíduo celestial, como vê. Mas morarei aqui, se quiser. Sua pista de pouso é das melhores.

Fitou ternamente o calor emocional que coloria o rosto dele, depois foi arranjar-lhe uma bebida forte. Ele sentou-se numa cadeira, enquanto ela dizia:

- Não estou adiantada no tempo. Faz trinta e oito anos que nasci; o futuro que me raptou numa das minhas descidas de paraquedas estava apenas vinte anos na frente.

- Deve ser muito diferente.

- Tremendamente. Mas você o reconhecerá, nem que seja apenas porque uma pequena parte já se encontre no seu cérebro.

Devia ela contar-lhe? As pessoas têm reservas até consigo mesmas. Receava contar-lhe e deixá-lo chocado, até mesmo sobressaltado; mas ele devia saber tudo e com franqueza, tão tarde na vida, pois se tratava do próprio "tempo" dele...

- Enquanto me treinavam para esta... aventura, inocularam-me a *Surviva*, uma variedade de *Surviva* mencionada no fatal memorando do falecido presidente. Já não

estou mais sujeita às três vintenas de anos e mais dez...

Fez-se um longo silêncio.

Finalmente ele coçou o alto da cabeça e disse:

- Pessoas como você sempre têm possibilidade de vida longa, muito longa. Suponho que, daqui a vinte anos, já não mais estarei rondando por aqui, fazendo o bem, resistindo, pontificando... estarei?

- Não. Mas o seu livro ainda estará resistindo e fazendo o bem.

- Traga essa bebida! Então não precisarei decidir: a decisão já foi tomada. Não quero inoculações de Surviva. A trajetória da minha vida é algo que me recuso a alterar.

E subitamente assustou-se com o que disse. Fizera muito, sofrera muito e tinha de passar por muito mais. A dor pelo processo de Marlo...

Ela o beijou ao estender-lhe o copo. De repente ele a agarrou com toda força, para largá-la gemendo.

- Meu lado! Você me paga, mulher, quando for minha!

- Espero que sim. À sua!

- À sua!

Ele queria perguntar muita coisa... O privilégio inestimável, nunca antes concedido a nenhum mortal, de poder contemplar friamente o futuro evoluindo... Não devia abusar: devia apenas engolir as porções digeríveis. Uma das primeiras perguntas tinha de ser (talvez ele fizesse uma lista) - como conseguir combinar a explosão demográfica com a longevidade das pessoas, para que o mundo não ficasse insuportavelmente coagulado de seres vivos? Mas, naturalmente, se adotassem o único sistema possível e dessem Surviva grátis a qualquer pessoa capaz de se beneficiar com mais alguns anos extraordinários (que teste haveria de ser esse, Deus do céu!), então, nesse caso, só seria necessário um outro soro misturado à Surviva para garantir a não-procriação dos imortais, ou uma procriação apenas até certo grau controlado. Os problemas técnicos não eram tão grandes; o que avultava enormemente eram os problemas sociais. Até mesmo o melhor sistema político-social mudaria tanto, guerras de agressão, fomes num Estado enquanto outros se abarrotavam. Mas como ia haver decisões, e o futuro estava novamente fora da pilha de lenha então a consciência humana estava claramente em ascensão, rumo a um nível mais alto de ser. A longevidade calhava ao desenho. O desenho! Naturalmente, era isso que devia ser entendido - e podia sê-lo imediatamente, uma vez iniciado o princípio básico; e este era tão simples, que a mais atrasada tribo africana o adotava de todo coração: a vida é boa. E o clamor que se levantaria quando Crompton anunciasse a descoberta da Surviva, mostraria ao ocidente o que o ocidente esquecera: que a própria doença era preciosa, mas que a vida era melhor. Prova e proposição a um só tempo; ou, para dizê-lo em outras palavras...

- Querido! Não está bebendo!

- Deixe-me apenas anotar mais alguma coisa... - disse Ele.

